Revista da Semana

ANNO XXVII -- N. 16 10 de Abril de 1926

A PHOTOGRAPHIA AEREA

Ha mais de trinta annos que se fizeram as primeiras experiencias para fazer subir um apparelho telegraphico em papagaios de papel ou em balões, afim de, por esse meio, se obterem vistas aéreas. Depois, com o uso dos aviões, fizeram-se nesse sentido enormes progressos.

Em certas regiões norte-americanas, a photographia aérea se tornou preciosissima para o estabelecimento das operações do cadastro e revisão dos mappas. Utilizam-se as photographias verticaes e obliquas para auxiliar o trabalho dos geometras. Assim, no Manitoba, foram photographados 40.000 kilometros quadrados de territorio, 15.000 no High River, mais de 4.500 no Dartmouth etc.

Para se tirarem essas photographias foram necessarias 450 horas de vôo. Mas os seus detalhes, mesmo nos casos em que o vôo attingiu 5.000 metros de altitude, são admiravelmente nitidos e precisos.

Ultimamente, nos Estados Unidos, tentaram-se tambem experiencias de noite. Foram empregados vinte kilos de magnesio. A placa ficou exposta 1150 de segundo e as photographias obtidas sahiram admiravelmente nitidas. A explosão de tal quantidade de magnesio fez tremer as casas.

Em outros paizes tem sido a photographia aérea utilizada para a demarcação das fronteiras, como por exemplo na Colombia, na Venezuela, na Syria e na Tripolitania.

Em archeologia, graças ao alargamento da perspectiva permitte a photographia aérea que se verifique a aptidão do solo para conservar as marcas e vestigios. Por esse meio se descobriram recentemente no Egypto, apezar dos effeitos das areias movediças, vestigios dos jardins aquaticos da rainha Hatshepsut, que viveu ha tres mil e quinhentos annos.

O amor verdadeiro balbucia, o falso declama.

E. AUGIER.

Grupo Rócócó — Carnaval 1926. Um dos grupos carnavalescos, composto de finos elementos da sociedade parnahybana, que concorreu para mais abrilhantar as festas de Deus Momo realizadas no Casino «24 de Janeiro» de Parnahyba, Piauhy.

EU SEI TUDO
Magazine mensal
A SCENA MUDA
Revista cinematographica
ALMANACH EU SEI TUDO
Publicação annual

A decana das Revistas nacionaes
Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911
Propriedade da Companhia Editora Americana
Praça Olavo Bilac, 12 e 14 --- Rua Buenos Aires, 103
RIO DE JANEIRO
TELEPHONES Redacção e Administração, N 3660
Directoria, Norte 112
ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA
Correspondencia dirigida a AURELIANO MACHADO
DIRECTOR-RESPONSAVEL.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA
Por série de 52 numeros (1 anno)
50$000
6 mezes.. 26$000
Estrang... 65$000
Avulso... 1$200
Atrazado. 1$500

Agentes em França: DAVIGNON, BOURDET & CIE. (Antes L. MAYENCE & CIE.) 9, Rue Tronchet — PARIS

ESTA REVISTA TEM 44 PAGINAS

ANNO XXVII || Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1926 || NUMERO 16

Dante e Beatriz

por Saul de Navarro

O amor despertou em Dante Alighieri o instincto divino da Eternidade... Foi-lhe a revelação do genio; abriu-lhe as portas do Paraiso; fêl-o o poeta profundo dos abysmos e o poeta altissimo das estrellas; deu-lhe as dores sagradas do pensamento: ungiu-o com a fé que salva; consolou-o com a esperança; traçou-lhe o caminho de Deus; purificou-o, foi-lhe um beijo de Infinito.

A "Divina Comedia" nasceu do amor, porque do amor deriva tudo que canta e vive no Universo... Quem ama, como Jesus, como São Francisco de Assis, como Thereza de Jesus, ou Dante, soffre, gosando, a ansia divina do aperfeiçoamento e sente os rythmos dos mundos, que são Deus, em pensamentos dynamizados...

O amor, lei universal, produz a universal harmonia. E harmonicamente diffunde a luz, propaga as especies, gera seres e astros, move montanhas e vermes, impelle homens e feras, apura instinctos e almas, une, integra, combina as forças que estabelecem as energias do Cósmos.

Foi essa dynamica do Absoluto que fez o verso irromper da alma de Dante, tornando-a sensivel á caricia suave da inspiração: seu coração, plangendo essa dor espiritualizada e subtil, recolheu a resonancia que vibra no espaço e captou-lhe as ondas sonoras.

Qual, porém, o motivo humano desse acto transcendental, que o iniciou e concorreu para a sua transfiguração?

Beatriz. Foi a Mulher, flor do mysterio, enigma de carne, o segredo dessa revelação... Sim, foi a pulchra, a meiga, a sonhada Beatriz, porque ella representava a Mulher, o principio feminino, a força desconhecida, a energia mysteriosa da Creação.

Sem Beatriz, que seria Dante? Um guelfo tenebroso, um politico florentino... Se não a tivesse visto e amado, jamais lhe cantaria o verso immortal; e a sua mascara, vincada pelo soffrimento, onde as feições tinham o banho das lagrimas acerbas e a contorção dos musculos pelo flagello do rictus, não teria a illuminal-a um nimbo...

Ella lhe foi a musa. Em seus olhos, em que a scisma morava e o Azul espelhava o céo; em seus olhos nostalgicos, que fixavam o extase das estrellas, o poeta foi encontrar a luz para cantar a sua divina tristeza... Nessa alma feminina lhe sorria o Universo; nessa alma diaphana, florecida de mysterio, havia a seducção do Impossivel. Amou-a. Beatriz era-lhe um fructo prohibido. E para obtel-o percorreu o Inferno, passou pelo Purgatorio, escalou o Eden.

Os genios da humanidade, os grandes iniciados da Terra conhecem a sciencia do Bem e do Mal, depois dessa tentação, para com a sabedoria, dom divino, poder distinguil-os.

A mulher é a fonte da vida e as suas entranhas são a gruta dos milagres... Do ventre virgem de Dévaki nasceu Krishna; de Maria immaculada Jesus veio á luz deste mundo...

Pois de Beatriz nasceu espiritualmente Dante Alighieri. E' na mulher que se encarna o Verbo; della é que sáe toda a Creação... Sorriu-lhe Beatriz e começou a sua "vita nuova", floriu-lhe o verso, esplendeu-lhe o genio. E escreveu o poema trino do peccado, do castigo e do perdão; fez a epopéa do amor; produziu as estrophes que descrevem os cyclos da ascensão humana, dos seres que têm de soffrer, lutar, regenerar-se e progredir; concebeu a comedia das almas, falando aos astros, ouvindo a dor universal, interrogando esfinges, desvendando mysterios, sentindo os effluvios celestes, recebendo a caricia das estrellas... O amor de Beatriz feriu-lhe as cordas invisiveis de sua alma em extase, alma sonora e abyssal, onde gemia a dor que plasma os mundos e cantava o pensamento, rythmo e asa da luz...

Dante e Beatriz

A "Divina Comedia" foi o *fiat* dessa força immanente, a floração de uma alma que o Amor conduz e a Fé liberta. Beatriz é quem lhe dá a graça, quem lhe move o mundo que surge de "lo bello stile". Sob o seu influxo sideral escreve, sonha, soffre, ama, pensa e canta. E sae-lhe do verso o madrigal dos mundos, flúe a harmonia cósmica, irradia-se, propaga-se e se diffunde o Verbo na luz. Adquire a sua imaginação um halo de sol, raia-lhe nas pupillas uma alvorada. A claridade envolve-o. E a sua alma illuminada, acariciada de Infinito, canta. Cantar, assim, é resar as vozes angelicas, celebrando a alleluia do Amor, que se dirige a Deus. O poeta, logo no primeiro canto do "Paraiso", faz com que Beatriz lhe surja á maneira de um sol que o offusca. Nesse symbolo reside a força suggestiva do amor que o eleva.

A sua *Bice* celestial acalmava-lhe a sêde com as suas dôces palavras, para me servir de sua propria expressão. Ella lhe deu toda a doçura do céo. Dante, que elegeu Virgilio para guial-o nos circulos do Inferno e nos transes do Purgatorio, prescindiu da sua amavel companhia, ao entrar no Paraiso, porque no Paraiso se achava Beatriz para conduzil-o. Levou-o até lá o Amor, porque só pelo Amor se chega á morada do Senhor e á bemaventurança. Essa allegoria dantesca tem a belleza divina das parabolas, que foram a linguagem de Jesus nos Evangelhos.

Não ha o menor sentimento profano no amor que Dante consagra a Beatriz; nem poderia havel-o, porque, si houvesse desejo humano nesse idyllio casto de duas almas, não se teria realizado a sua glorificação pelo genio. Dante e Beatriz, noivos em sonho, espiritualizados pela suave renuncia da carne, celebraram no céo o seu esponsalicio. Uniu-os, então, o Amor, como finalidade divina e operou-se nesse momento ineffavel o contacto de duas almas...

Beatriz, esposa celeste do poeta, sublimiza-o. Dante aspirou nessa flor do Absoluto a essencia da Eternidade. E levado por essa visão translucida conheceu todas as graças divinas. Resou, então, a sua oração de alma, pronunciando a prece suavissima que abre o ultimo canto do poema, glorificando a mulher na Virgem-Mãe.

***

Augusto Comte colloca Dante no calendario positivista, cujo oitavo mez tem o seu nome. A Egreja Catholica já o devêra ter canonizado, porque o poeta maximo da Christandade é reverenciado pelo mundo e a voz solemne dos seculos o perpetúa. Rende-se-lhe um culto universal.

Na "Divina Comedia" o pensamento humano fulge como uma aurora de luz increada. No mundo dantesco Deus é força suprema e absoluta, e o Amor canta, movendo o Sol e as estrellas.

Não é uma obra religiosa, nem politica, nem didascalica ou moral. Guelfos e gibelinos, homens e cousas, seres e fórmas desapparecem, para ficar, na harmonia dos tercetos solares, na musica perenne do verso e nos rythmos eternos da belleza que vive no Verbo, a gloria do Amor, que é a lei que rege o Universo e define Deus, convergindo tudo.

Beatriz foi a luz divina que penetrou nesse cerebro, que fez vibrar essa alma e cantar esse coração.

Dante e Beatriz são duas almas em perpetuo idyllio, porque em ambos se eleva o sentimento profundo do Amor, perfume do céo, graça divina que engendra os mundos, força germinal de todos os seres, rythmo e pensamento da Creação...

Saul de Navarro

O Lyrio vermelho

Conto de MAX NEILL

Ao entrar no seu camarote, o capitão de marinha mercante russo Pedro Pobedonostzew encontrou em cima da meza um bilhete na especie de papel de seda tão usada pelos chinezes. Era, porém, escripto em inglez; e ao lado, ao alto, havia uma marca representando um lyrio.

Pedro Pobedonostzew era um bello rapagão, dos seus trinta annos, mais ou menos. A longa barba ruiva dava-lhe o aspecto dum verdadeiro lobo do mar.

— Por S. Nicolau, nosso protector! exclamou o capitão, depois de haver lido o extranho bilhete — Quem será o bandido que se atreve a ameaçar-me?

Calcou nervosa, repetidamente o botão da campainha electrica. Momentos depois, chegava um verdadeiro colosso.

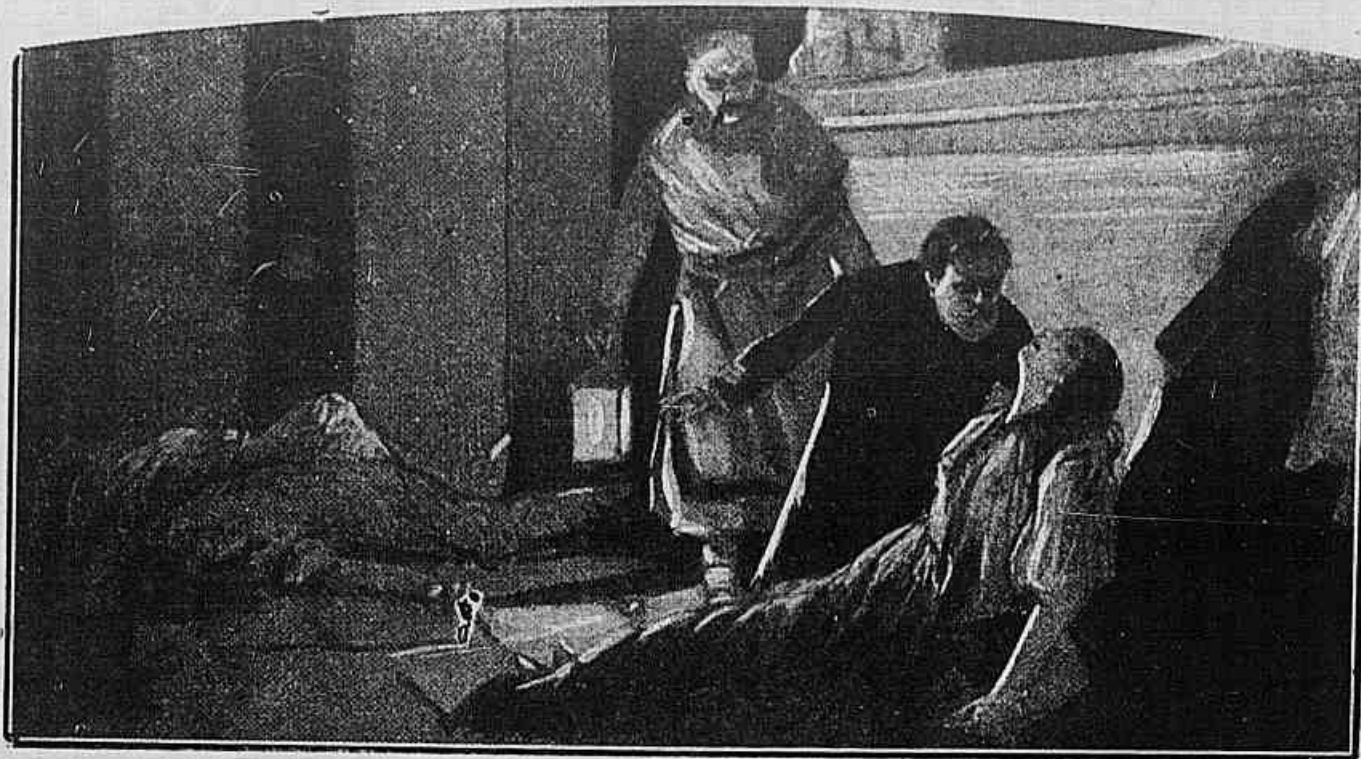
— Ah, és tu, Tching? Fecha essa porta; temos que fallar de coisa séria.

O recem-chegado era um filho do então Celeste Imperio. Vestia um casaco de seda amarella, florida, e calças brancas. Calçava largos sapatos com palmilhas de feltro e na cabeça trazia um chapéo conico de fibras de *rotang*.

— Escuta, amigo... disse o capitão, pondo-lhe a mão no hombro. — Sabes que estou noivo dessa moça americana, miss Netty Gurney...

— Sim, bem sei, patrão.

— E sabes tambem que nos devemos casar amanhã.

— Sim, senhor.

— O que de certo ignoras é que ha quem me prohiba de casar.

— E quem se atreve a semelhante coisa? Com certeza alguem que não conhece a força de Tching.

— Continúas a ser-me fiel, Tching?

— Podes dispor da vida do teu humilde servo, patrão.

— Obrigado, Tching... Ao entrar aqui, ha um momento, encontrei este bilhete em cima da meza.

— E que diz? perguntou ansiosamente o criado.

— Escuta.

E o capitão leu, em voz alta:

"A Peter Pobedonostzew — A seita do Lyrio Vermelho intima-vos a não casar amanhã com miss Netty Gurney. Do contrario, ver-se-ha obrigada a matar-vos ou a raptar miss Netty. Parti e não volteis a Macau, se tendes apego á vida — O Lyrio Vermelho".

— Ouviste, Tching?

— Por Confucio! Como disseste? "Lyrio Vermelho"?

— Perfeitamente. Mas... que é isso? Pareces assustado!

— Não, por Budha. Deixa-me, porém, dizer-te, patrão, que não conheces o poder dessa seita que faz tremer o proprio Imperador.

— Bem sabes que para mim a palavra "medo" não tem significação.

O chinez, pondo uma mão no peito, inclinou-se profundamente.

— Nem eu tampouco sou um covarde, patrão... Só receio por ti. Se, porém, o ordenas, morreremos juntos.

O capitão do *Rossia* leu de novo, attentamente, a mysteriosa mensagem e acrescentou:

— Não posso explicar como este bilhete aqui veiu parar. Isso, porém, é o que menos me interessa. O que desejava averiguar eram as razões por que esta gente assim procede.

— Patrão, tenho uma desconfiança...

— Falla...

— Tenho visto varias vezes um rapaz chinez rondando a casa de mister Gurney...

— E conheces esse rapaz?

— E' o chefe supremo do "Lyrio Vermelho".

— Por que me não disseste isso, antes?

— Não tinha certeza de nada... Talvez Tsen por alli andasse casualmente ou para outro fim...

— Chama-se Tsen?

— O teu rival? Sim.

— Agora comprehendo por que a seita me ameaça!

Pedro calou-se. Os impetos da ira impediam-no de fallar e até de pensar. Reagindo, porém, conseguiu acalmar-se relativamente e disse:

— Desafio a seita do "Lyrio Vermelho" e o seu chefe Tsen!

— E havemos de vencer, patrão, eu te asseguro!

— Arma-te e vamos prevenir miss Netty.

Remando com mil precauções, o capitão e Tching dirigiram-se para a lingua de terra que sahindo da ilha de Hiang-Sciang entra pelo mar cerca de dois kilometros.

Pedro saltou para terra; o chinez ia seguil-o...

— Não; fica... ordenou o capitão — Quero ir sósinho, a ver se descubro alguma coisa...

— Budha te acompanhe!

O russo, de revólver em punho, avançou por entre as casinholas que formavam o bairro chinez. Além, sobre uma pequena elevação, ficava a casa da sua noiva.

***

Pedro, de olho sempre alerta, julgou distinguir uma sombra que, rente ás paredes, o seguia. Apontou o revolver, dizendo:

— E' a terceira pessoa que me segue esta noite e de repente desaparece.

A sombra avançava rapidamente.

— Quem vem ahi? perguntou com voz formidavel, o capitão.

— Por Budha! respondeu o desconhecido.

— Tu, Tching!

— Sim, patrão, o teu servo. Estiveste em casa de miss Netty?

— Cala-te! Entrando na "villa" e como não ouvisse o menor ruido, julguei que dormissem. Nem o cão de guarda ladrou... E qual não foi a minha surpreza ao encontrar aberta a porta da entrada! Subi a escada, correndo, e encontrei o pobre mister Gurney, no seu quarto, numa poça de sangue...

— Por Budha!

— Entrei nos quartos dos criados e encontrei-os amarrados e amordaçados. Desamarrei um delles, que contou, tremendo, que alguns homens mascarados haviam penetrado silenciosamente na "villa", matado o dono da casa e subjugado a criadagem...

— Foi Tsen, não ha duvida! exclamou o servo — Coragem, patrão. Não percamos tempo. Sei onde os podemos encontrar.

— Tenho confiança em ti, respondeu Pedro, vamos!

Metteram-se pela planicie de Huant-tong, entre as aldeias e os pagodes abandonados, verdadeiros refugios de malfeitores.

Ao cabo duma hora de marcha, chegaram a uma vasta construcção de estylo chinez.

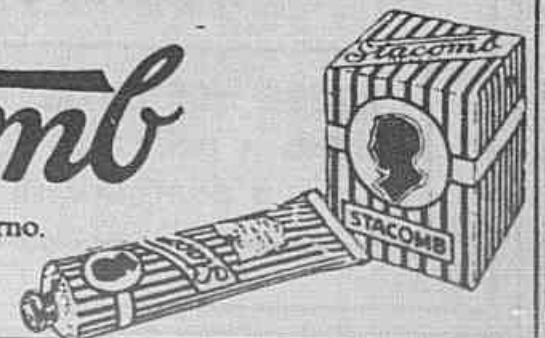
— O pagode de San-Kiao-y-Kiao... disse Tching.

O luar clareava as pequeninas torres azul e ouro que tão prodigiosamente resistiam á acção do tempo. Adornavam a parte superior das arcadas e o frontispicio caracteres chinezes ou figuras de deidades e animaes fantasticos.

— Vi entrar aqui esse patife de Tsen... disse Tching. Eu te explico tudo, patrão. Mas é imprudente fallar aqui. Vamos mais para diante um pouco. Logo depois de nos separarmos, avistei um homem vestido á europeia. Desconfiei que fosse Tsen e resolvi seguil-o. Chegando a este pagode, o homem deu um assobio. Veiu outro individuo ter com elle. Conversaram longo tempo e ouvi tudo o que diziam. Tsen declarou que "a coisa estava feita". Depois de haver escondido a moça — acrescentou — fôra encontrar-se com os do bando e ordenara-lhes que dispersassem com todas as precauções, por causa da policia portugueza e do consul norte-americano...

— E agora, que fazemos? preguntou, impaciente, o capitão. — Onde está esse miseravel?

O chinez sorriu.

— A nossa raça é vingativa... disse elle. — Segue-me, patrão, e escondamo-nos. Quando

aparecerem os dois patifes, saberemos recebel-os. Aponta bem, patrão!

— Socega, que o meu braço não ha de tremer!

O pagode, que por fóra parecia quasi em ruinas, estava interiormente muito bem conservado. Havia uma vasta sala, cuja cupula se apoiava em oito columnas de marmore, adornadas de baixos relevos. Perto da entrada numa especie de tabernaculo, feito na propria parede, via-se uma estatua, certamente uma deusa, com seis braços. O terceiro braço direito segurava uma serpente e o esquerdo erguia uma taça como se quizesse offerecer o seu conteudo ao reptil. No meio da sala, havia uma fonte de marmore côr de rosa, deitando agua copiosamente.

Ouviu-se um leve rumor...

— Ahi vêm elles... murmurou o Chinez.

— Não te movas... Não dispares sem eu dizer! Vamos subir a esta balaustrada.

Momentos depois, estavam os dois escondidos, Tching entre as patas dum elephante e o capitão num canto escuro.

Entraram dois homens. Um delles, chinez a julgar pelo trajo, trazia uma lanterna que depoz no chão, á esquerda do tabernaculo. O outro, vestido á europeia mas cujo rosto era tambem dum authentico chinez, trazia nos braços uma mulher. Pedro olhou e a muito custo conteve um grito. Era o chefe do Lyrio Vermelho que carregava miss Netty! O miseravel aproximou-se do tabernaculo, calcou um botão e, na especie de alçapão que se abriu a seus pés, depoz a pobre Netty desmaiada.

A lanterna illuminava os dois sectarios do Lyrio Vermelho.

Subitamente, a voz de Tching commandou:

— Já! Fogo!

Seguiram-se duas detonações e logo após outras mais. O chefe do Lyrio Vermelho poude ainda voltar-se e ver donde vinha o ataque: o seu companheiro cahira sem um gemido.

— Que Buddha te amald...

Tsen não poude concluir a praga. Levou as mãos ao rosto e abateu, rugindo.

Pedro correu ao logar onde estava Netty e, tomando-a nos braços, tratou de a reanimar, acariciando-a, dando-lhe nomes carinhosos... Mas em vão. A moça não despertou. Aquelle somno era já o da eternidade. Matara-a o pavor.

O capitão cahiu de joelhos junto ao corpo de Netty. E Tching não podia disfarçar a sua commoção, diante daquelle hercules que chorava como uma creança.

JUIZ A VALER

Em certo dia do mez passado, o juiz Courtraight, do Estado de Winnipeg, tomou uma formidavel carraspana. Apanharam-no cahido na rua e levaram-no em braços para casa.

No dia seguinte, á hora do costume, achava-se o magistrado no seu posto. A sala de audiencia estava repleta de pessoas curiosas de saber o que elle faria depois do escandalo da vespera. O juiz abriu a audiencia e começou:

— Courtraight! — Presente! — E' juiz em Winnipeg? — Sim, senhor. — Pela primeira vez, ao que consta, o senhor ficou hontem em estado de embriaguez. A lei é egual para todos. Condemno-o a 20 dollares de multa e, conforme a tradição observada neste tribunal, levo em conta o seu passado irreprehensivel e não lhe inflijo tambem pena de prisão. Mas que lhe não torne a acontecer!

E, tendo-se assim condemnado a si mesmo, o juiz Courtraight passou ao processo seguinte.

DUAS LIÇÕES DUMA VEZ

Reflectindo que os Israelitas que iam á synagoga assistir ás ceremonias da Paschoa deviam levar comsigo bastante dinheiro, resolveram dois gatunos italianos, em operações em Londres, tentar um golpe tão audacioso quão provavelmente lucrativo. Puzeram na cabeça os pequeninos barretes á moda israelita, metteram um exemplar do Talmud debaixo do braço e dirigiram-se á synagoga de Lodnow street.

A' entrada do templo descobriram-se respeitosamente, ignorando que os fieis se não descobrem na synagoga. O rabbino, ao reparar nos dois individuos, immediatamente suspeitou delles e começou a observar os seus manejos. Preveniu-se a policia que chegou logo depois e os dois Italianos — aliás já conhecidos como larapios — foram mais uma vez para a cadeia.

Assim elles ficaram sabendo que os israelitas orthodoxos se não descobrem no templo e, ainda mais que não levam dinheiro comsigo quando vão assistir ás ceremonias paschaes.

A consciencia falla, o interesse grita.

AINDA O PLANETA MARTE

Ao que diz a Chicago Tribune, o dr. A. E. Douglas, director do Observatorio da Universidade de Arizona, chegou, ao cabo de longos e complicados estudos, á conclusão de que o planeta Marte é habitado. Photographias recentemente tiradas não só mostram que a hypothese, até agora admittida, da habitabilidade de Marte tem todo o fundamento como tambem patenteiam que as condições de vida naquelle planeta são identicas ás que a Terra offerece.

Especifica o relatorio do dr. Douglas que as partes negras das photographias referidas representam terras cultivadas onde a vegetação é magnificamente abundante. E aquelle homem de sciencia acrescenta ter visto nuvens caminhando com a velocidade de dezoito milhas por hora e á altura de quatorze milhas.

PARA AS CREANÇAS

O multimillionario norte-americano Sr. John E. Andrus, que o mez passado festejou, em Nova York, o seu 85.° anniversario natalicio, resolveu nesse dia doar cinco milhões de dollares (cerca de 35.000 contos de réis) para a edificação e manutenção duma creche, para creanças pobres. Alem disso, cedeu ainda, numa das suas propriedades, o terreno necessario para o edificio e suas dependencias. E apenas impõe uma condição: que sejam submettidos á sua aprovação os planos dos architectos antes de se iniciar qualquer trabalho.

ROCKEFELLER ARCHITECTO

A egreja baptista de Park Avenue, em Nova York, que conta o sr. John D. Rockefeller e seu filho entre os seus membros mais eminentes, vae ser transferida para Riverside Drive, á margem do Hudson.

O architecto encarregado da planta do novo templo quiz que elle fosse do estylo gothico. Com isso, porém, não concordaram os Rockefeller, que desejam um edificio moderno, com esqueleto de aço. E a congregação dirigiu-se a outros architectos, a quem o Rei do Petroleo conseguiu convencer e que adoptaram as suas ideias, segundo os quaes o edificio projectado vae ser, no seu genero, o maior do mundo.

O campanario, que ficará a 121 metros de altura, receberá o famoso "carrilhão dos Rockefeller" dado pela familia.

O novo templo importará em quatro milhões de dollares, dos quaes os Rockefeller fornecerão 1.750.000. O resto da somma deverá ser realizada com a venda do antigo edificio e donativos doutros membros da congregação.

A CURA DE NATUREZA

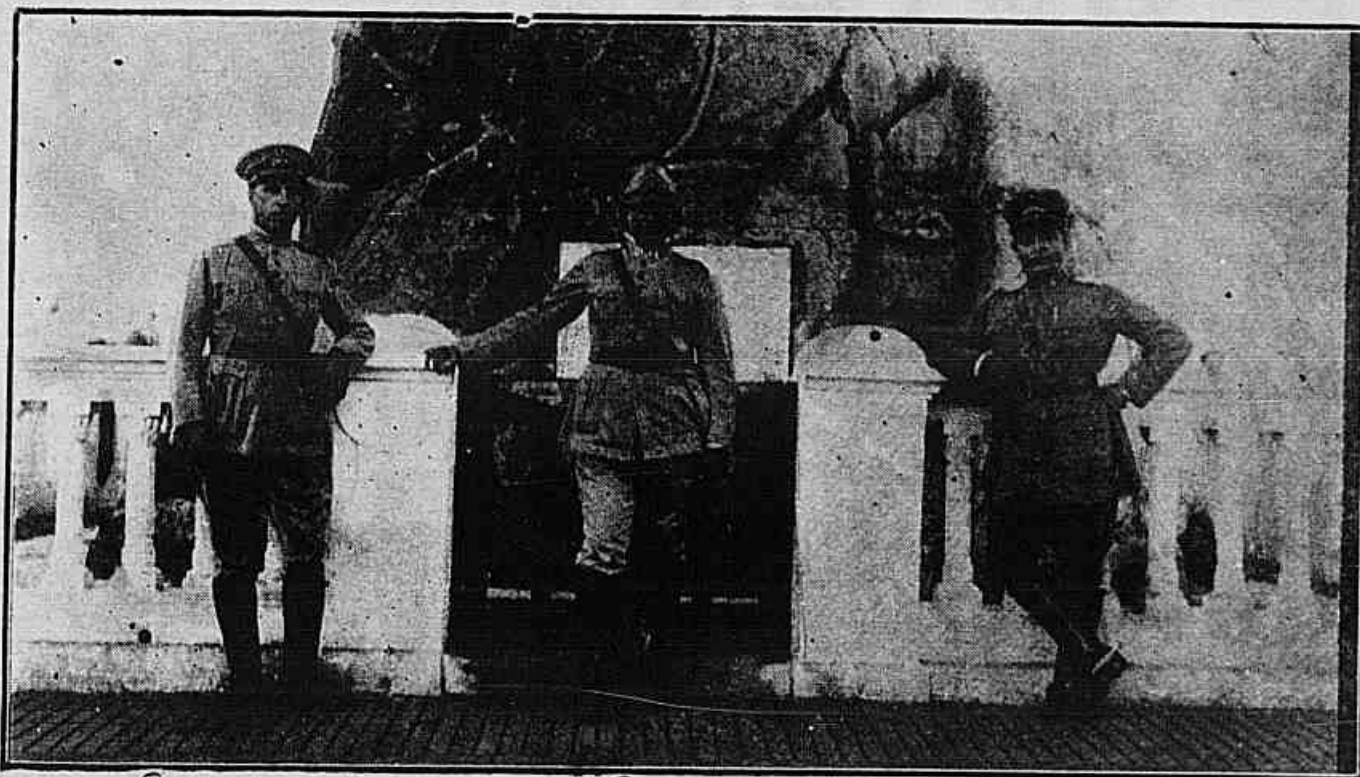
Lady Fisher, esposa do actual secretario das Finanças de Inglaterra, foi fazer, conforme entendeu que o seu estado de saude lhe exigia, uma "cura de natureza" num estabelecimento do genero, situado entre as colinas da Hertsfordshire e no qual se adopta, como a melhor maneira de vencer numerosos males e revigorar o organismo humano, o jejum quasi absoluto.

Ao cabo de vinte e sete dias sem tomar o menor alimento solido, lady Fisher declarou que se estava dando admiravelmente com o systema.

— Passados os primeiros dias, disse ella, deixamos

de ter fome e sentimos um perfeito bem-estar. Presentemente, posso olhar as iguarias mais saborosas sem absolutamente as apetecer. Quando o jejum tiver durado bastante para me restituir a saude recomeçarei a comer. A verdade, porém, é que me sinto agora muito mais robusta do que no inicio da cura e posso dar, sem fadiga, longos passeios pelo campo.

Com effeito, no tratamento seguido não se come coisa alguma; bebe-se, porém, agua pura, sumo de laranja e agua em que estiveram mergulhadas batatas e cebolas.

A "REVISTA" NA BAHIA

Junto do monumento do Christo Redemptor: o sr. João de Siqueira Queiroz, commandante do 2º R. I.; engenheiro Eurico Ribeiro Mosso, capitão; Augusto Torres Homem, capitão. Esses officiaes acham-se em operações contra os revoltosos no interior da Bahia.

A FONTE DE KITCHENER

Em geral, os grandes homens têm qualquer mania, qualquer occupação favorita com que, nos momentos de distracção necessaria, variam de occupação. A paixão do grande pintor Ingres pelo seu violino offerece a esse respeito um exemplo eloquente e sempre citado. Homens de Estado gostam de fazer versos ou peças de theatro, outros se distráem a criar animaes ou a jardinar... Lord Kitchener, militar illustre, ministro da Guerra, distrahia-se das preoccupações das suas campanhas ou das responsabilidades da sua pasta dedicando-se á esculptura.

O formidavel vencedor de Khartum era um homem singular. Toda a gente o conhecia. Bem poucos o comprehendiam. Era taciturno; raramente deixava perceber os seus sentimentos e só os amigos intimos sabiam que alma delicada, cheia de ternura, se escondia sob aquella mascara de impassibilidade. Os seus trabalhos de esculptor não representavam nunca assumptos guerreiros ou quaesquer scenas violentas; eram composições da mais suave graciosidade. E as suas figuras predilectas eram as nymphas e as creanças.

Lord Kitchener trabalhou muito tempo no pro-

jecto duma fonte para o jardim da sua casa de Broome, no condado de Kent. Esse monumento, ornado de grupos deliciosos de amores, seduzia-o extraordinariamente; e, tendo-lhe dito o esculptor Bonner que a execução de tal obra ficaria muito cara, o amador respondeu, com a maior simplicidade deste mundo:

— Depois da guerra, se o meu paiz me offerecer alguma coisa em recompensa dos serviços que eu tiver podido prestar-lhe, nada me será mais agradavel que a realização da minha fonte.

Mas, nos primeiros mezes da Grande Guerra, Lord Kitchener desappareceu no mar, como um heroe lendario, e a maquette da sua obra estava-se deteriorando lentamente. Trata-se agora de realizar o desejo do esculptor-amador, erigindo a fonte como um monumento á sua memoria.

CASAMENTO DE AMOR

Na mairie de Montpellier celebrou-se o mez passado o casamento de duas pessoas, cujas edades, sommadas, perfaziam 135 annos. A noiva, sra. Perié, contava 81 annos e o noivo, sr. Calmette, 54 annos.

E o magistrado municipal fez a costumada allocução desejando aos noivos as maiores felicidades, por longos annos...

Ter bom senso é saber o que se deve fazer, e ter espirito é saber o que se deve pensar.

JOUBERT.

A imaginação são os olhos da alma.

JOUBERT

Melhorando o traje masculino

O conforto é o motivo que norteia todas as innovações e melhoramentos das modas masculinas. Hoje não se póde dizer emphaticamente que as modas de homem sejam inconfortaveis, o que seria um absurdo. Pelo contrario, caminham cada vez mais para um conforto sempre ascendente.

Ha, porém, aqui e alli um ou outro ponto fraco. Tomemos, por exemplo, o traje a rigor: o smoking ou a casaca. Uma das peças que ainda hoje provocam certa irritação é a camisa de peito duro.

Nesta pequena nota vemos illustrada uma camisa de smoking que é mais confortavel do que as camisas commumente

usadas, e que é capaz de continuar lisa e firme mesmo quando uma pessoa se senta ou se levanta immediatamente. Isto se dá porque o peito da camisa se adapta facilmente aos movimentos da pessoa que o usa. A camisa abre pela frente. Póde ser feita não só de piqué francez mas tambem de linho irlandez.

*

Tenho recebido ultimamente muitas cartas em que se me fazem numerosas perguntas a respeito do traje a rigor. Uma das perguntas que mais parece preoccuparem os leitores é a que se refere ao seguinte: o smoking deve ser usado com gravata preta ou branca? Respondendo direi que a gravata preta é a unica possibilidade. Mesmo quando se usar um collete branco, o que é possivel porque se vê commumente, a gravata preta é a unica correcta.

Usando cores escuras

Pessoas que se vestem muito elegantemente usam camisas de um tom extraordinariamente escuro, taes como o cinzento escuro em seda, ou um azul escuro, ou um verde e castanho igualmente escuros. Mas se usam esses tons é porque sabem combinal-os com as cores dos respectivos ternos.

Um homem usando uma camisa escura com um terno claro dará a impressão de que usa uma camisa suja. E' simplesmente abominavel.

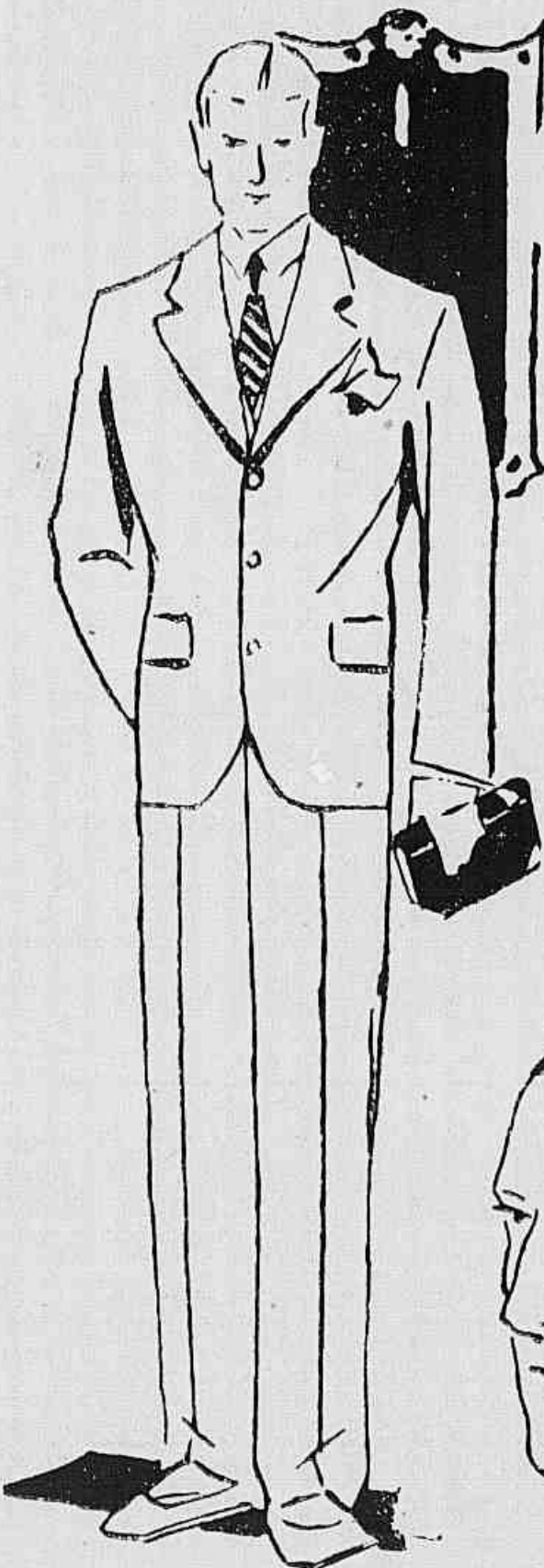
Usando-se uma camisa verde escuro com um terno castanho, o effeito é berrante e criminosamente deselegante.

As cores escuras devem combinar-se com ternos escuros. Desta regra não ha como fugir. E as gravatas, para entrarem na combinação, devem ser igualmente escuras. Em geral, listadas de cores fortes, que se harmonizam com o tom fundamental da roupa.

Notas a respeito de cores

Se tivermos um terno cinzento escuro, eis aqui algumas combinações de côres usadas por elegantes de Nova York.

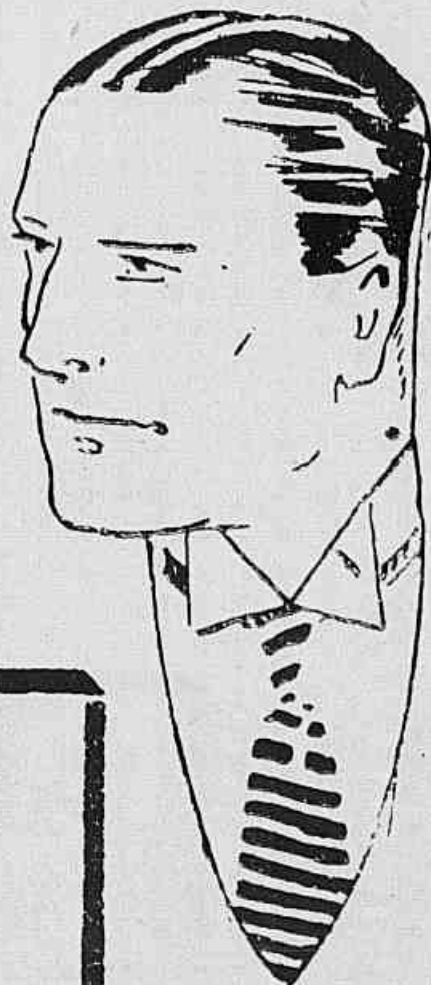
Numero um: Terno cinzento escuro, camisa listada de preto e branco, collarinho molle, gravata de laço de borboleta cinzento escuro, com quadrados verdes, meias cinzentas, sapatos pretos, sobretudo preto com golla de velludo e chapeu de feltro cinzento.

Numero dois: Combinação mais colorida. Terno castanho escuro, camisa azul escuro, laço azul escuro com listas cinzentas, sobretudo azul escuro, chapeu de feltro, cache-col cinzento prateado, meias cinzentas com baguettes vermelhas e sapatos pretos.

A questão das gravatas

Uma bella gravata é alguma coisa que ultrapassa um simples enfeite. Um laço para ser bem dado ou, melhor, uma gravata para dar uma boa impressão convem que seja graciosa, pouco vistosa e harmoniosa. Ha gravatas que são tão attrahentemente coloridas que a pessoa tem o desejo de mandar fazer um terno que com ella se harmonize, em vez de fazer como faz o commum dos mortaes — combinar a gravata com o terno de roupa e com tal e tal camisas.

Naturalmente muito pouca gente assim procede, porque mandar fazer ternos de roupa que devam combinar com uma gravata é uma coisa que se tornaria altamente dispendiosa.

E demais a mais parece não ser muito pratico.

Ha dias vi algumas gravatas listadas que tinham cada qual uma coloração tão agradavel que cada uma poderia servir de *base* a um terno mais ou menos da mesma côr, ou pelo menos do mesmo matiz. O facto interessante era que todas ellas se harmonizavam com o terno azul escuro. As mais bellas eram das seguintes cores: rosa velho, marron e azul, em listas. Todas naturalmente tinham listas largas e eram feitas de excellente qualidade de seda.

As gravatas acima mencionadas ficam muito bem com qualquer côr de terno. O azul escuro, o cinzento escuro ou medio, o castanho escuro ficam muito bem.

Eis aqui um magnifico exemplo: terno castanho escuro, gravata listada de rosa, marron e azul, camisa listada de castanho e branco, sobretudo azul escuro, cachecol listado de castanho e marron, chapeu de feltro castanho claro.

Outra combinação excellente é a seguinte: terno azul escuro, camisa listada de verde e branco, sobretudo verde escuro, chapeu de feltro cinzento, cachecol azul escuro liso.

Peter Greig

(D. Blue Features Syndicate Inc.)

Cronica de Paris

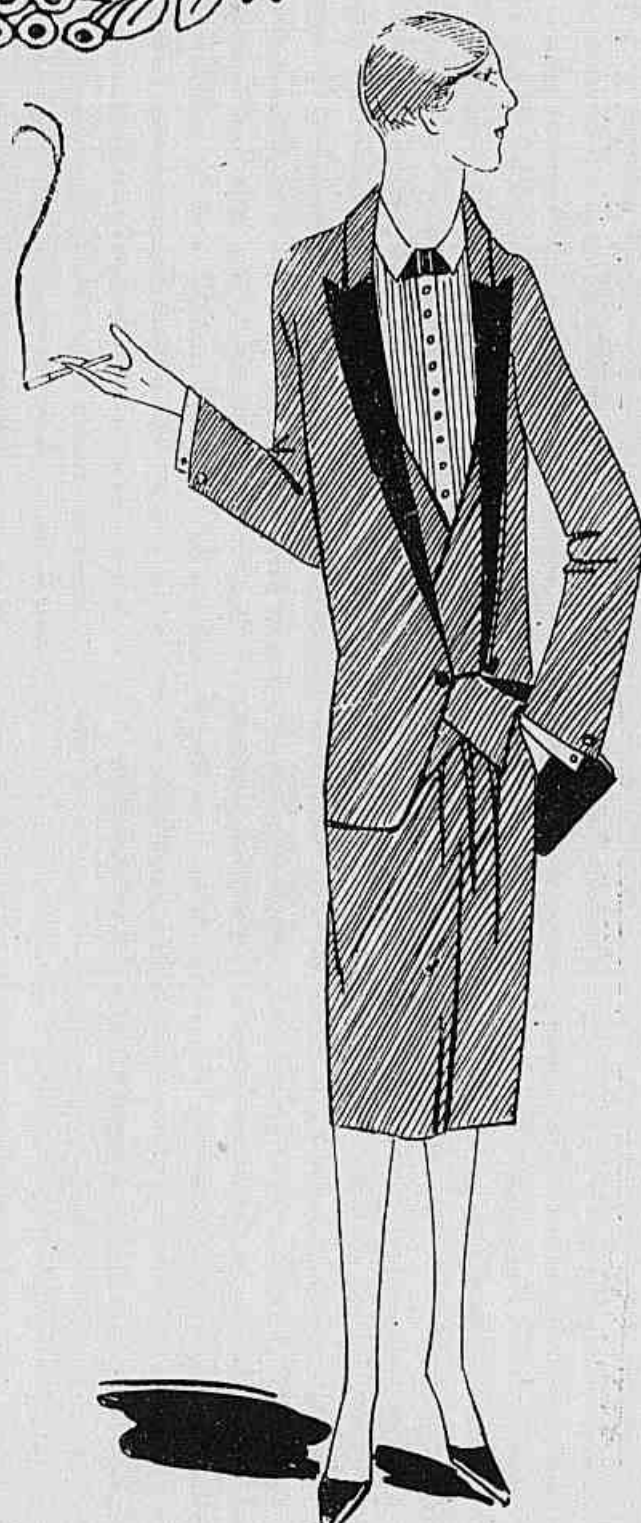
VESTIDOS PARA SOIRÉE

As novas collecções, apezar da sua riqueza e da sua belleza, trazem-nos uma pequena decepção; esperavamos uma completa renovação da moda e as grandes casas propoem-nos modelos de um gosto *exquis*, é certo, mas sem grande originalidade. Ha mudanças nos detalhes, mas a linha geral poucas modificações accusa. Os costureiros sabem que as mulheres, levando uma vida activa, preferem os vestidos que se envergam facilmente e com rapidez. Ao ver desfilar centenares de manequins nas casas de costura, nós percebemos que a amplidão continua a ser a base das principaes creações; mas não já godets: pelo contrario, as pregas triumpham, tanto nos costumes de sport como nas toilettes de passeio.

Fazem-se pregas simulando desenhos geometricos, de encantador effeito. Voltamos aos *drapés*, mas socegae, minhas senhoras — não se voltará aos que se usavam aqui ha uns annos. Os novos *drapés* desenham o corpo e cáem em cascata a um lado.

Tem tambem grande favor o vestido de "corsage blousant", por cima dos quadris, apertado por uma cinta drapée.

O principio fundamental d'estes modelos é que a silhueta, estreita em repouso, alarga-se ao menor movimento, para tomar uma graciosa mobilidade. Para a noite os vestidos são muito ligeiros; a dentelle fará grande successo. Com effeito, ella dá uma nota delicadamente feminina, de tanto agrado na actualidade e para ella se tem creado uma nuance especial, de bello effeito ás luzes. A's vezes mescla-se a dentelle com o lamé, o que dá harmoniosas transparencias.

Vestido de crepe estampado capucine sobre fundo marron e crepe liso beige. O crepe estampado forma os lados, as costas e as mangas; o crepe liso a frente e os punhos das mangas delicadamente plissados. Echarpe condizente.

A ultima moda. O smoking para senhora. Este é de reps heliotropo e o collete abre-se sobre uma camisa de crepe georgette branco, plissada. Gravata heliotropo.

Vestido de cassa e gaze de ouro, com cinta de terciopelo cinzento.

Vestido de crepon estampado, vermelho e negro, com volantes.

A cintura formando pouf é tudo que resta das multiplas tentativas para voltar á moda de 1889.

Da mesma maneira, os "dos ornés", que algumas casas lançaram na estação passada, tiveram uma voga bastante ephemera; agora já se não vêem senão "dos plats", pondo-se todos os enfeites adeante.

Entre as novidades faremos notar o tullç "glacé", que é o tecido ideal para confeccionar os volants flous, que triumpham nas collecções.

Tambem se vêem muito os tecidos leves para os vestidos "d'aprés-midi"; a mousseline de seda, o crepe Georgette liso em tons azues, chartreuse, vermelho chamma; vêem-se tambem tecidos pintados, com desenhos geometricos, de extrema originalidade.

Chale cor fusia, bordado em tons mais escuros.

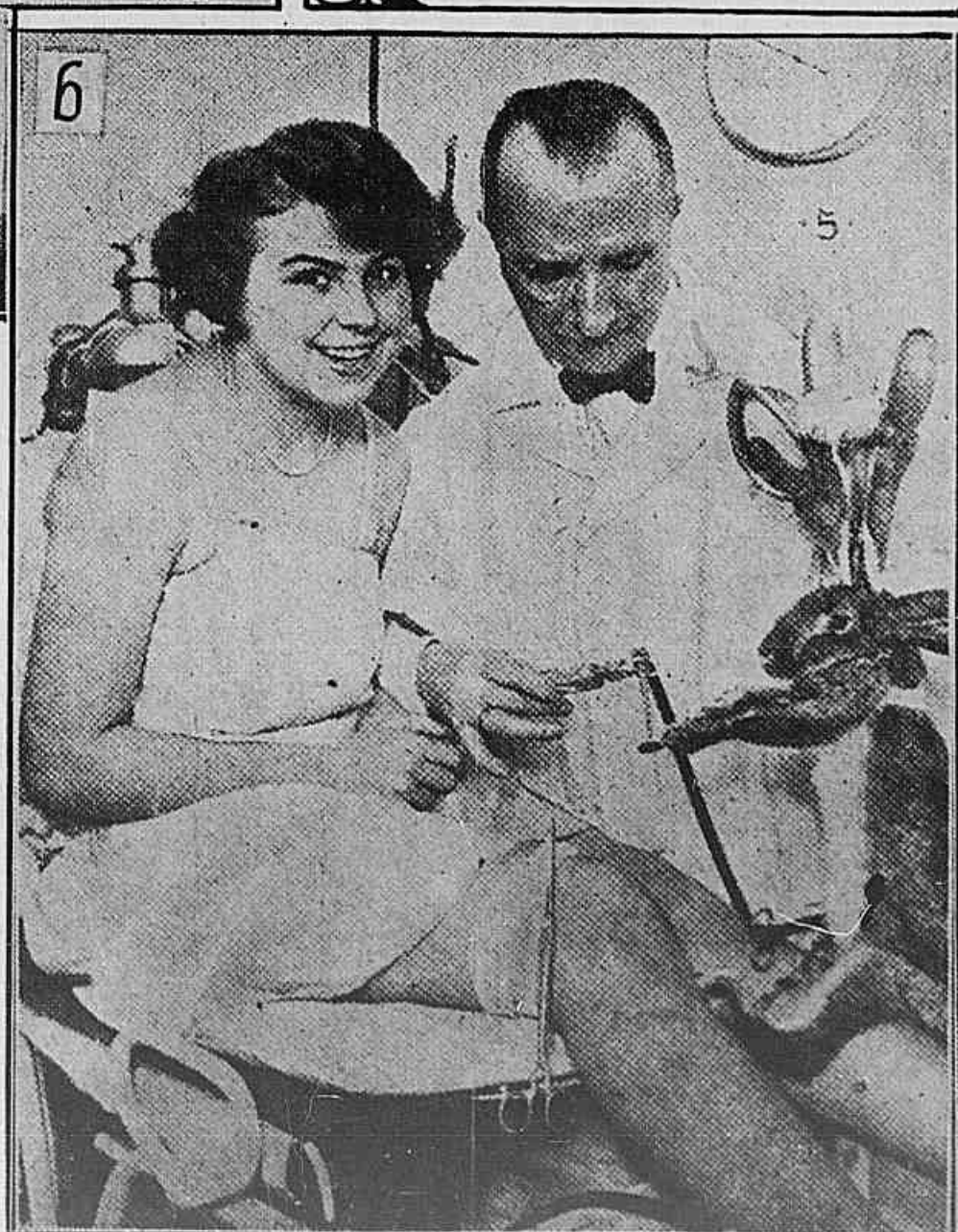
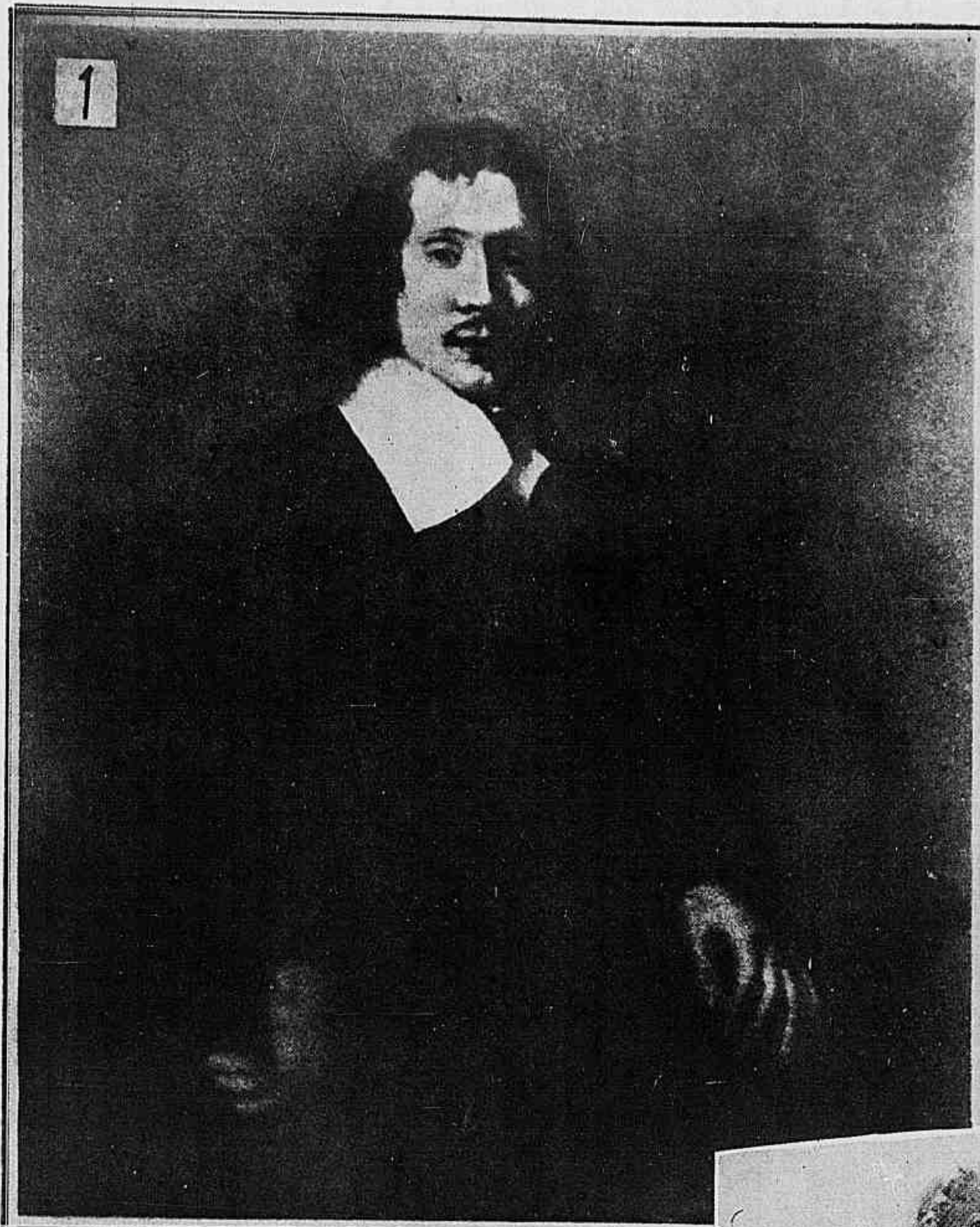
As misturas de côr gosam de grande favor e dão logar a disposições inéditas.

As capas, que já começaram a apparecer no inverno passado, vão ter este verão um grande triumpho. Vel-as-hemos de velludo claro, mas as mais bonitas serão em lamé, ouro ou prata. São guarnecidas de pelles ligeiras, como o zorinos, o arminho, o petit gris.

Nós estamos ainda cobertas com os nossos manteaux de fourrure, mas os manequins passam, ostentando vestidos claros e leves dando-nos uma linda nota primaveril.

A. D'ENERY.

(Serviço do *Consorcio Internacional de Presse*).

Elegante vestido de crepon com entremeios metallicos.

1 — Retrato pintado pelo grande Rembrandt, datado de 1662, e que foi comprado por Sir Joseph Duveen ao conde Carl Wachtmeister, da Suecia, por 82 mil libras sterlinas. 2 — A actriz norte-americana Mabelle Swor, considerada como a mulher que possue mais lindos cabellos loiros do mundo, e que aconselha para a conservação indefinida dessa côr a ligeira québra do jejum com 24 ovos passados por agua e meio litro de chá... 3 — O desfile de mascarados no Carnaval de Nice. 4 — Os carros premiados no Carnaval de Nice. 5 — A senhora Lenine, á qual foi concedida licença para ir á Inglaterra. 6 — O doutor Heinz Zikel de Berlim, praticando ensaios do seu systema de rejuvenescimento mediante a injecção de secreções glandulares do animal vivo para o paciente, e com o qual está obtendo grandes resultados. 7 — Mlle. Maitre, a Rainha de Paris, de 1926.

Lina Cavalieri fala da Belleza Feminina

NESSA magnifica villa de Neuilly, digna de uma rainha e construida a poucos kilometros do centro *chic* de Paris, Lina Cavalieri, hoje senhora Lucien Muratore, trabalha, infatigavel, na preparação de essencias, de perfumes, de pós, de mil e um unguentos emfim, dos que encerram no enigma cabalistico das suas formulas chimicas o segredo desse eterno problema feminino que é a belleza.

Lina Cavalieri, em verdade, a mulher admiravel que foi aclamada como a rainha, ha uns vinte e cinco annos, pelo publico delirante de New-York; a proclamada por milhares de periodicos como o prototypo mais acabado da mulher latina que jamais atravessou o Oceano; a que gosou, como nenhuma outra, dos triumphos imponderaveis na scena e na vida social; a que enthusiasmou tantas vezes aos dois continentes pela fascinação da sua belleza e pelo sortilegio da sua voz; a que desfructou a amizade e o carinho de imperadores e reis; a que poude permittir-se o capricho e o luxo de repellir, em certos momentos, phantasticos contratos em libras esterlinas e em dollars; a que, finalmente, poderia hoje mesmo continuar a desfructar um repouso bem merecido, graças aos milhões que, com seu esposo, accumulasse no decurso da sua carreira triumphal; Lina Cavalieri, incansavel, não se dando bem com o ocio, vae converter-se em uma *doctoresse de beauté*, como dizem os francezes, em uma *beauty specialist*, como diriam os americanos. Ou, o que dá no mesmo, vae abrir em breve no bairro mais elegante de Paris, um sumptuoso *Institut de Beauté*, no qual a mulher poderá entregar-se aos mais variados tratamentos e aos menores cuidados de quantos o aperfeiçoamento e conservação de sua belleza requeiram.

Aos cincoenta e um annos de edade, essa mulher excepcional apparenta apenas quarenta, de tal modo conseguiu a frescura da tez, a vivacidade do olhar e do gesto. Salvo o sello natural de uma esplendida maturidade, conserva-se tal como estava ha um quarto de seculo, nos annos em que todo o mundo a recorda.

— Pois é — disse-nos. — Eis-me directora de um laboratorio chimico e quasi do maior Instituto de Belleza que Paris tenha jamais conhecido... O senhor está rindo? Eu tambem ri a principio, quando me falaram pela primeira vez. Depois, pensei melhor e acceitei, porquanto não é em vão que sou italiana de nascimento. Os romanos, bem o sabe, renderam sempre um culto extraordinario ao bello e á belleza feminina singularmente... Por que, se a occasião me veiu ter ás mãos, não hei de ser util á mulher, offerecendo-lhe os

Lina Cavalieri.

melhores meios para conservar os seus encantos até aos limites da velhice? Desde então, entreguei-me por completo a procurar nas bibliothecas e nos museus essas formulas de unguentos, de perfumes, de oleos, consagrados na antiguidade e que constituiram o maior segredo desse typo de belleza classica que Phydias e Apollo nos transmittiram e que tantas vezes deu inspiração aos poetas.

Revolvi papeladas e livros durante muitos mezes, auxiliada por chimicos especialistas em cada uma das formulas em estudo, e creio haver conseguido poder offerecer ás minhas irmãs methodos e productos surprehendentes, cujo emprego experimentei em mim mesma.

A mulher moderna é differente da de ha vinte e cinco annos: contentava-se ella então em mascarar-se com os seus pós e pinturas; hoje, porém, necessita de alguma cousa mais. A guerra, essa grande perturbadora da humanidade, mostrou-lhe horizontes mais amplos, e ao dar-lhe conhecimento da sua propria força fel-a comprehender, antes de tudo, que *juventude* e *belleza* são conceitos irmãos.

Por isso, hoje, a sua aspiração principal é continuar a ser e continuar a sentir-se joven.

A juventude fluctúa no ambiente e constitue o espirito destes tempos... A moda, por exemplo, dos cabellos curtos, das cabeças *á la garçonne* que é senão uma prova, entre tantas, dessa tendencia do momento?...

— Mas não acredita tambem em que a mulher vae masculinizar-se por completo e que acabará por abandonar toda sorte de pós e enfeites?

— De modo algum!... A tendencia para imitar o homem durou muito pouco e é já um thema antiquado e em desuso... Até as inglezas, que tão enthusiastas se mostraram no elogio e no applauso ao typo varonil, tiveram de claudicar ante o afan, natural em cada mulher, de gostar, de admirar, de attrahir o sexo contrario e de dominal-o pela belleza e pela graça femininas... Vá por qualquer povoação do mundo, Londres, New-York inclusive, e verá que a *coquetterie* feminina está hoje em jogo como nunca e que loções e perfumes são o complemento de toda *toilette* de mulher, como o foram em qualquer tempo... A sciencia hoje, de resto, mostra-nos methodos complementares da arte antiga dos enfeites e que, racionalmente

applicados, permittem lograr resultados surprehendentes e duradouros.

— E a moda do cabello curto? Qual é a sua opinião concreta?

— Que ficará, desde já, como a expressão mais synthetica, que é, da mulher moderna; da mulher de hoje, que monta a cavallo, que conduz o seu automovel e até o seu aeroplano, que joga o *golf* e o *tennis*, e que leva, em summa, uma vida physicamente intensa... A madeixa curta é o penteado que melhor seadapta a esse genero de existencia, o mais commodo de usar e de conservar, e o que mais contribue para o prolongamento de uma juventude triumphante... Eu mesma, bem o vê, adoptei essa moda, e penso com horror nos cabellos compridos e nos cuidados infinitos e fatigantes que me proporcionaram na minha vida de artista...

— E a proposito... E' definitivo o seu afastamento do theatro?

— Por emquanto, sim; amanhã, quem sabe? Hoje mesmo, acabo de receber um cabogramma offerecendo-me um bom contrato para New-York... Mas prefiro ficar aqui, trabalhando para o meu Idstituto; é uma vida nova para mim e não posso resistir á suggestão da novidade.

— O que seria interessante tambem era conhecer a sua opinião sobre o fascismo.

— Para mim o fascismo é a ordem, o progresso, o bem-estar e a segurança. Sou fascista, fascista convencida, official, e não posso comparar a minha fé senão com a dos novos crentes: porque é para mim o fascismo uma religião, um dogma, um principio que ha de estender-se com o tempo por todo o mundo e que se imporá á humanidade se, ensinada pelo tormento e pelo açoite da ultima guerra, quizer vêr no novo *credo* civil o caminho da sua salvação... E' o que digo constantemente em Paris, o que disse em Londres e repeti em New-York: o fascismo salvou a Italia e póde salvar tambem o mundo.

E, como Lina Cavalieri désse com estas palavras por terminada a sua conversa, diante da artista sempre disposta a *posar* diante da objectiva, não pude conter uma exclamação:

— Eis uma mulher verdadeiramente photogenica, para cujos retratos é um tanto superfluo e inutil o labor ingrato do retoque!

MARIO FETTINATI.

A bella artista dedicada aos trabalhos do Instituto de Belleza que dirige.

A Semana Santa nos templos catholicos

Aspectos da commemoração catholica da Semana Santa no Rio.

1—A adoração á Cruz, na igreja do Bom Jesus. 2—A ceremonia do "lava-pés" na Cathedral. 3—A Ceia do Senhor, exposta na igreja de N. S. da Conceição e Bôa Morte. 4—A descida da Cruz, na igreja matriz de La Salette

Marilia e Dirceu

DIANTE de ti, leitor, eis uma lata de documentos, trazendo marcas de ferrugem e pó. De ambos não desdenhes, ferrugem te dão os dias, pó has de ser.

Retira da lata papeis amarellecidos pelo tempo, o grande fenecedor. Poderás encontrar papeis nos quaes esfriou muito calor de vida, de valia para a historia.

Lê este, por exemplo:

"O Sr. Capitão Antonio Ferreira que me mande oito covados de ruão preto, tres covados de tafetá, tres oitavas de retroz e uma meada de linhas, meia vara de bretanha, dous covados e quarta de hollanda crua, uma oitava de retroz branco".

Quem escreveu tal bilhete passou tambem o recibo seguinte:

"Por este por mim feito declaro que devo ao Sr. Custodio José Ferreira a quantia de hum conto quinhentos e quarenta e nove mil e seiscentos reis, que o dito senhor me emprestou para meu transporte para Villa Rica, a cujo pagamento obrigo a minha pessôa e bens. Lxa., (Lisbôa) 6 de Maio de 1786. Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga".

Quem está diante de ti, leitor? O amado e o poeta de Marilia, aquella cuja lembrança é oasis em nossa historia, deserta de numerosas mulheres celebres.

Marilia! Sete lettras immortaes, formando novo nome de ficção, suspirado pelos arrabis da Arcadia, nome que existio, existe, existirá vencendo gerações sepultadas no esquecimento, vala commum das memorias.

Chamou-se a amada de Gonzaga Maria Joaquina Dorothéa de Seixas Brandão e morreu, a 9 de Fevereiro de 1853, octogenaria, enterrada na igreja ouropretana de Antonio Dias.

Maria Joaquina Dorothéa pouco importa. Não é o leitor amigo de chrysalidas. Prefere-lhes a borboleta triumphal, resumo alado do arco-iris, expositora movediça de côres em seda de azas: a Maria Joaquina prefere Marilia.

Afaste o leitor os nomes prosaicos da mineira, ganga da qual poeta amoroso desengastou o solitario da bucolica nacional, as *Lyras*, formosas, sonorosas e inditosas.

Marilia pede immediatamente por Dirceu ou Thomaz Antonio Gonzaga, o portuense estudante de Coimbra, magistrado em Portugal, ouvidor em Villa Rica, nos fins do seculo XVIII.

Claro de tez, azul de olhos, era alegre na conversa, macio no trato, de risos dilapidados no bom humor, amigo da urbanidade, democrata liso sob as rugas da toga, conforme a confissão de um soneto:

> «*Aos bons no gabinete o peito abria,*
> *Na rua a todos como iguaes tratava*".

Correu-lhe placida a vida em Minas, celleiro de ouro da metropole, recebido de braços abertos nos lares de Villa Rica, de mobilias de cabiuna, de grandes espelhos e placas doiradas pelas paredes, de reposteiros nas portas, lares onde se conversava animadamente entre o trac-trac das pedras, pulando casas no taboleiro dentado do gamão.

Amou Gonzaga em Villa Rica, ahi adorou Maria Joaquina Dorothéa de Seixas Brandão, dezoito annos bem empregados na formosura.

A voz do povo proclamava-a bonita, o coração de um homem tinha de elegel-a esposa e rainha.

Ella vivia sob o tecto de um tio, o tenente-coronel ajudante de ordens Ferrão, que lhe mandára aprimorar o espirito, ajuntando esse dote aos lindos cabedaes tão esperdiçaveis da mocidade e do donaire.

Encontravam-se o magistrado e a moça na casa do militar. Gravou entre elles o enlevo, o disfarce, a subtileza de entender proprios dos que caminham para o libame do beijo sanccionado pela união legitima.

Gonzaga era quarentão e provado em amores, Marilia estreava na virgindade do bem querer. Confundiram-se idades não estremenhas no mesmo desejo de lar.

Namoraram-se. Houve sem duvida entre o poeta outoniço e a provinciana vernal os assucaramentos da praxe. Quando se não olhavam, sorriam. Calados ainda estavam fallando...

Talvez a medo se apertassem as mãos. Trocavam palavras e allusões sem sentido ou sem sal para os demais. Ladrões de si mesmos, furtavam-se ternuras, arrematando osculos no leilão dos olhares.

Não se provam taes coisas, nem deixam documentos. Adivinham-as outros réos, os do mundo inteiro, criminosos da mesma culpa.

A casa de Marilia, em Ouro Preto, conserva oito janellas. Dependesse o namoro só do numero d'ellas, e os namorados do seculo XVIII, servindo-se de todas, passando de uma para outra, se não podiam queixar da falta de espaço.

O idyllio de Dirceu e Marilia, vencida a ponte pensil do noivado, parecia prestes a chegar á margem do matrimonio. O abysmo dispunha-se porém a abrir fauce para tragar um noivo e aterrorisar o outro.

Hoje casa quem quer, raramente quem deve ou póde. Outr'ora, em geral, casava quem devia ou podia, cercados os enlaces de precauções e tambem de abusivas tyrannias domesticas, não raro nocivas e revoltantes. As leviandades de agóra, em opposição, permittem uniões a desmamados, sem eira nem beira, principiando loucos por onde os sensatos buscam acabar.

MARILIA

DE

DIRCEO.

POR T. A. G.

SEGUNDA PARTE.

Nova edição.

RIO DE JANEIRO.

NA IMPRESSÃO REGIA.

Com Licença de S. A. R.

1810.

Folha de rosto da 1a. edição brasileira das «Lyras» de Thomaz Antonio Gonzaga.

MARILIA

DE

DIRCEO.

LYRA I.

JA não cinjo de loiro a minha testa,
Nem sonoras Canções o Deos inspira:
Ah! que nem me resta
Huma já quebrada,
Mal sonora Lyra!

Mas neste mesmo estado em que me vejo,
Pede, Marilia, Amor que vá cantar te:
Cumpro o seu desejo;
E ao que resta supra
A paixão, e a arte.

a ii A

A 1a. Lyra da segunda parte de «Marilia de Dirceo» na edição brasileira de 1810.

Segundo as leis do tempo, Gonzaga teve de pedir venia regia para receber em justas nupcias a moça mineira, que o condemnava a prisões de amor, em certas occasiões tão duras ao ar livre quanto as penas de carcere fechado.

Andavam n'essa quadra de espera e de esperança uns homens pela capitania de Minas repetindo palavras vagas de liberdade sopradas da Europa onde a França ia semear idéas cortando cabeças.

Na capitania havia descontentamento e descontentes, cousas que datam de Adão e Eva.

Medravam em Minas muitos abusos e alguns governantes deshonestos como aquelle senhor Conde de Valladares, que chegando a Lisbôa foi obrigado a desembolsar os muitos cruzados alheios.

Tempos retrogrados nos quaes o Estado obrigava mandatarios rapaces a entregar quanto não lhes pertencia.

Participou Gonzaga da Inconfidencia quando despachado para a relação da Bahia. A becca do magistrado aguardava a batina do padre. Casado com Marilia, apachorrar-se-ia nos assentos do tribunal bahiano, em vida calma, entre lar e lei, entre os homens e a mulher, á sirga de Themis e de Cupido.

Accusaram-o porem de trahidor ás instituições do reino. Remetteram-o para o Rio onde o detiveram na Ilha das Cobras.

O governador de Minas recebera aviso da conspiração. Procurou abafal-a, cumprio dever. Atirem-lhe a primeira pedra.

Prenderam Gonzaga, sequestraram-lhe os bens entre os quaes abundavam as casacas e calções de seda côr de bicho de couve, as vestias, os calções côr de flôr de pecegueiro, os vestidos completos de droguete verde-periquito.

O faceiro passava a prisioneiro. Não podia mais escrever bilhetes como o de 20 de Agosto de 1787 pedindo "seis varas de fita branca e seis de branca e azul" ou o bilhete de 7 de Outubro, ainda de 1787, instando por "seis varas de fita da mais viva e tres da outra".

Mudaram os tempos, já o poeta não podia fazer o que diz nas suas *Lyras*, ficar em casa, no silencio da noite, remexendo na papelada:

> *Numa noite socegada*
> *Velhos papeis revolvia,*
> *E por ver de que tratavam*
> *Um por um a todos lia.*
>
> *Eram copias emendadas*
> *De quantos versos melhores*
> *Eu compuz na tenra idade*
> *A meus diversos amores.*

A alçada do Rio de Janeiro condemnou Gonzaga inconfidente a degredo perpetuo para Pedras d'Angoche, pena commutada pela rainha em dez annos de degredo em Moçambique.

A 22 de Maio de 1792 partia, para cumprir sentença, a bordo da náo *Nossa Senhora da Conceição Princeza de Portugal*, nome quasi maior que o barco, observa Varnhagen, com tanto mais graça quanto poucas vezes rio nos escriptos.

Em Moçambique, Dirceu quiz advogar. Não foi adiante. Doia-lhe a cabeça, presa de calor estranho. Deixou de trazer chapéo. Seria hoje tido logo por neurasthenico. Adoeceu, gravemente; gravemente enlouqueceu e com o mesmo adverbio casou, gravemente, por insano.

Marilia permaneceu em Minas, ainda ás ordens do tempo, o carrasco-mór das saudades. Foi esquecendo, pouco a pouco. A lagrima em raros, sobretudo em amantes, póde ser *panem nostrum quotidianum*. Muitos vivem de rir, outros para rir, abolidas as carpideiras ninguem vive de chorar.

Querendo desposar, em Africa, D. Juliana Mascarenhas, Gonzaga enfraquecido de mente declarou nunca haver jamais dado promessa de casamento a mulher alguma. A memoria esboféteara o amor!

Olvidaram-se Marilia e Dirceu. Não é reprehensivel, por humano. A constancia, como excepção, confirma a regra da versatilidade dos mortaes.

Segundo uma sobrinha de Marilia, esta, após os successos da Inconfidencia, nunca mais pronunciou o nome de Gonzaga. Alludindo ao quasi esposo dizia invariavelmente *elle*.

Afinal Gonzaga deixou a memoria, o cadaver e os ossos em Moçambique. Marilia morreu em Villa Rica, já Ouro Preto, n'um leito exposto a intimos na casa do ministro do Supremo Tribunal de Justiça, Viriato Bandeira Duarte.

Marilia e Dirceu continuarão a ter admiradores e detractores, seduzidos uns pelo nosso maior idyllio celebre, indignados outros diante da frieza reciproca dos amantes quando a ausencia, a desgraça, o exilio mais lhe deveriam afervorar affectos.

Não os culpem. Amaram-se sem a dôr satanica de aborrecer o objecto amado e para felicidade egoistica do nosso interesse romantico felizmente foram desgraçados.

ESCRAGNOLLE DORIA

O GOVERNO FLUMINENSE E A INSTRUCÇÃO PUBLICA

O actual governo fluminense vem realisando sem alarde, mas com decisão e segurança, uma obra admiravel em materia de instrucção publica.

Essa obra abrange a instrucção primaria, profissional e secundaria. Remodelada inteiramente a organisação do ensino, pelos methodos mais racionaes e mais efficientes, resultados magnificos já se estão fazendo sentir quer sob o ponto de vista do augmento impressionante da frequencia escolar, quer quanto á formação de um professorado conscio da sua alta missão.

Ao mesmo tempo vem ainda o actual governo Fluminense de dotar o Estado de modernas installações, feitas de accordo com as conquistas mais avançadas da pedagogia.

No domingo ultimo foram inauguradas em Nictheroy algumas dessas installações, tendentes a completar o apparelhamento da Escola Normal, installações feitas especialmente, segundo a orientação do presidente Sodré, pelo seu infatigavel secretario das Obras Publicas dr. Pio Borges, de accordo com o não menos operoso dr. Arnaldo Tavares, secretario do Interior.

Essas novas secções inauguradas na Escola Normal, e de que as nossas gravuras reproduzem aspectos, são a sala dos professores no Salão Pedro II, prolongamento da Escola Normal, Escola Modelo, Jardim da Infancia, comprehendendo a secção maternal e Horto didactico. Com esses melhoramentos agora feitos póde-se affirmar que o Estado do Rio possue hoje um estabelecimento verdadeiramente modelar sob todos os aspectos e no qual os que entre nós se interessam pelo ensino encontrarão innovações que, pela primeira vez, são adoptadas no nosso paiz.

Ellas e os animaes

por JOÃO LUSO

NÃO ha homem nenhum, do mais resignado ao mais ditoso, que, um dia, não tenha invejado os seus irmãos inferiores... Um dia ou annos inteiros. E' que nem todos elles se contentam em ser, como manda o puro instincto e a rigorosa tradição, nossos inimigos. Se obedecessem aos principios limitar-se-hiam a fazer barulho perto de nós e, quando muito, a destruir-nos. Assim a Natureza determina que o tigre nos acometta e nos devore summariamente; que o cavallo nos atire ao chão e, em despedida, brandindo a ferradura, nos fracture o craneo; o cardeal, a graúna e outros assobiadores nos furem os ouvidos e nos rebentem todo o systema nervoso; o touro nos faça dar voltas e reviravoltas entre os chifres, para depois nos atirar, como um boneco esfrangalhado, pelos ares; o sapo tanoeiro nos impilla, martellada a martellada e passo a passo, até ao suicidio; o gato nos arranhe e tente arrancar-nos os olhos; o cão nos morda e nos transmitta a raiva; uma infinidade de mosquitos, prazenteiramente, cantando, nos extraiam o sangue, deixando no logar os virus mais calamitosos; e todos elles, em summa, nos arreliem, nos ataquem e, sendo possivel, nos assassinem.

Contra isso, não ha que reclamar. Quando uma jararacussú nos injecta o liquido fatal, serve-se da seringa que a Natureza lhe deu e está absolutamente no seu direito. O papagaio, que se mette á fallar como nós e, á força de gritar estropiada e descabidamente as mesmas phrases, nos leva ás portas da loucura, desempenha correctamente o seu papel na comedia da creação. Para que foram feitas as cigarras? Para extasiar Anacreonte, inspirar outros deleitosos versos ao sr. Olegario Mariano e exasperar todo o resto da humanidade. Não devemos, portanto, extranhar a hostilidade daquelles a quem S. Francisco de Assis chamou irmãos, porque trazia no coração um manancial immenso de bondade e de amor, e talvez tambem porque, sendo santo, tinha a certeza de que elles lhe não fariam mal nenhum.. A nós, porém, simples mortaes, fazem-nos todo o mal que podem. E assim cumprem a vontade divina que os proveu de patas massiças e brutaes, chifres recurvos e ferozes, garras empolgantes, despedaçantes colmilhos e ainda pinças, agulhas, tubos, bombas, toda a sorte de aparelhos de sucção e de inoculação, para de todas as maneiras nos levarem a vida e nos trazerem a morte!

Até ahi, portanto, tudo se justifica e dá certo. A questão é que os chamados irracionaes vão, não raro, mais longe e fazem qualquer coisa peor que tudo isso. Sahindo inteiramente da sua jurisdição, prevalecendo-se da nossa fraqueza, do nosso desleixo, da nossa tacanhez de espirito, e até sem o pretexto de qualquer inferioridade nossa, insolentemente nos veem affrontar, disputando-nos a affeição das mulheres. Não contentes em nos detestar, querem rivalizar comnosco e de facto, muitas vezes, nos supplantam. Eis o unico abuso, o verdadeiro crime que lhes devemos imputar. Para isso, não receberam elles mandato em regra nem elementos essenciaes. Usurpam os titulos com que se apresentam e allegam qualidades e aptidões em todo o caso mais nossas do que delles. Entram sorrateira, capciosamente a rondar, a botar ternura, a fazer a côrte e, quando abrimos os olhos para essas manobras, estamos já vencidos pelo conquistador! Um marido, que não deixa por isso de ser um bello homem, intelligente, dedicado, digno da ventura que julga haver definitivamente alcançado, leva para casa um gato, incumbindo-o da missão de lhe evitar, portas a dentro, o flagello da rataria; o felino começa por fingir um retrahimento, uma rebeldia, uma intransigencia absolutamente selvagens e incombativeis; encolhido a um canto da cozinha e como se fizesse um esforço extremo para recuar ainda mais, enfiando-se pela parede, assesta os olhos dilatados pela desconfiança e o odio a toda a gente; é uma féra, um monstro, um demonio — e uma bella tarde, ao voltar para casa, vae o marido encontral-o ao collo da esposa, espreguiçando-se de volupia, ronronando de ventura e instalado para sempre!

Assim o gato desthronou o homem.

Para isso, na sua antiga condição de

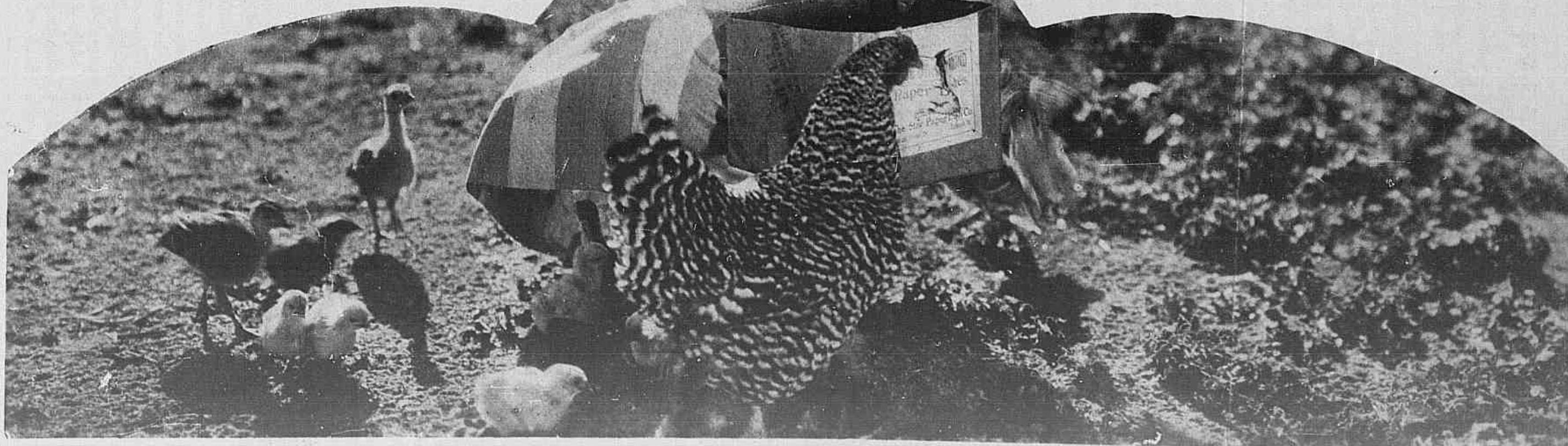
leopardo, tinha deixado de o atacar na selva; diminuira de talhe, perdera o colorido ás riscas do pello ardente; e já mesquinho, insuspeito, reduzido a simples bichano, se fôra pôr no caminho do imprudente que o havia de levar para casa... Continuou a ser o mesmo implacavel inimigo do homem; apenas mudou de tactica, passando a hostilisal-o indirectamente e por isso mesmo muito mais cruelmente. Tirava-lhe a vida, rouba-lhe agora o amor. Para melhor o guerrear, allia-se com o velho adversario da matta, o chacal hoje disfarçado em cão. Estes dois patifes que, ainda depois de transformados em cão e gato, mantinham ancestral animosidade, não se podendo ver sem que um rosnasse, alongando o focinho agressivo, e o outro arqueasse o lombo, todo eriçado e afiando as unhas para o contra-ataque, estão hoje acamaradados, solidarizados na missão domestica de usurpar os cuidados e as caricias da mulher. O Angorá e o Kingcharles são perfeitos cumplices, não ha entre elles despeitos, nem irritações, nem especie alguma de rivalidade; irmanam-se, identificam-se no emprehendimento formidavel da conquista do lar; e cheios da gloria e do orgulho dos vencedores adormecem, abraçados um ao outro, no regaço da mulher amada!

A outros animaes, porém, a mulher prodigaliza as abundancias affectivas da sua alma. A sua tendencia carinhosa leva-a a adoptar, com egual bemquerença e blandiciosa generosidade, a arara mirabolante e o lyrico sabiá; o coelho que representa a summa semsaboria e a gallinha que vae além de toda a estupidez... Se não mette em casa o elefante, é porque elle se não aloja no mais vasto predio com a mesma facilidade com que penetra e se accommoda no seu pequenino coração; vale-se, por isso, da imaginação e substitue-o pelo sagui. Não ha fealdade ou ferocidade que escapem aos excessos de ternura da mulher ou antes que, no universal proposito de desbancar os qualidades do homem, a não seduzam, a ella. Têm aparecido ultimamente nas revistas photographias representando damas da alta sociedade, grandes artistas, outras notorias e admiradas personagens femininas em companhia dos seus bichos predilectos: tigres, leões, crocodilos, serpentes, até raposas e até macacos. Todos, para esbulhar o descendente de Adão, se fazem amar pela filha de Eva. Os que só respeitam o macho humano, em razão do seu chicote, do seu espeto de ferro, do seu revólver, para com ella se revestem de inexcedivel gentileza e suavidade. Fitos no seu rosto, enchem-se os olhos do jaguar de lagrimas commovidas; sob a meiguice da sua mão, cofiando-lhe a juba, o mais truculento exemplar do Atlas geme baixinho, de apaixonada gratidão; ao seu redor, todos se esmeram, suavisam, aperfeiçoam, até a raposa cheira bem e o macaco deixa de ser obsceno. Porque a todos ella ama devotada, acendrada, impeccavelmente, com verdadeiro e puro amor, e a um só bicho é capaz de execrar, trahir ou desprezar — o bicho homem!

A ornithologia brasileira conhece um exemplo curiosissimo de maternidade: a Maria Preta. Dir-se-hia que deste passarinho escuro como o seu nome indica e, além disso, exiguo, sem canto, todo humildade, só existem femeas... O que, porém, mais accentua a singularidade da Maria Preta é a sua tendencia para crear os filhos das outras aves. Chega a roubar os ninhos, a expulsar as verdadeiras mães, para se entregar á ventura de alimentar e acalentar os passarinhos implumes. E guarda-os, e defende-os e por elles se sacrifica, como nenhuma outra. Por elles, esquece os proprios filhos. Ha mulheres que fazem, mais ou menos o mesmo, com os Maltezes e os Pekinois. E, afinal, têm a sua justificação. Para que servem as amas?

João Luso.

(Photos da *Universal*, *Fox-Film* e *Paramount*).

O sonho de Petrarca

FEZ terça-feira, seis de Abril, exactamente cinco seculos e noventa e nove annos que sob o olhar tranquillo das imagens de Santa Clara, em Avinhão, um dos mais altos poetas dessa Italia de altos poetas encontrou, face a face, sua musa.

Madonna Laura, muito loura, com seus grandes olhos negros, ajoelhada aos pés de um altar na pompa de uma radiosa manhã, merecia, sem duvida, os versos sem par com que, na amargura de seu inutil amor e na tristeza de uma vã saudade, o poeta enamorado lhe saúda, mais tarde, a lembrança:

Benedetto sia'l giorno e'l mese e l'anno
E la stagion e 'l tempo e l'ora e 'l punto
E 'l bel paese e 'l loco ov'io fui giunto
Da duo begli occhi che legato m'hanno.

Ha quasi seiscentos annos... E cahia numa segunda-feira da Paixão esse 6 de Abril em que a sorte trouxe ao caminho de Petrarca o sonho doloroso que lhe encheu a vida de gloria e tormento.

Era il giorno que al sol si scolorara
Per la pietà del suo fattore i rai...

Filho de um dos Guelfos brancos que Florença expulsou de seu seio (e um dos quaes era o Alighieri), Petrarca nascera no desterro. Era bello, de uma suggestiva belleza estranha, esbelto e elegantissimo. Escriptores da epoca dizem da riqueza de seus trajes e da graça de suas maneiras; um houve que o comparou a uma figura de quadro florentino. As maguas de uma infancia vivida entre exilados lhe deixaram nos olhos profundos um antecipado desencanto de todos os encantamentos e lhe fizeram a intelligencia evolver, em dôr, para o reconhecimento da dor como senhora suprema dos destinos.

Poeta de luminosa intelligencia não se podia, porém, deixar vencer pelo feio e, á feição de todos os poetas descontentes do mundo, criou um universo para a belleza irreal que amava e acolheu em Madonna Laura o pretexto de um sonho de belleza humana.

Serão acaso os genios, da arte e da sciencia, capazes do amor no sentido estreito que lhe emprestam os namorados? Talvez sejam somente capazes do amor universalização, tão sequioso de perfeito e de absoluto que requeima e tortura o coração e só no espirito encontra o sem limites por que anseia.

Onde amor de poeta florindo em doçura? onde paixão de poeta sem o amargor do carinho de Dante ou a febre de eterna insatisfação que arrasta um Byron á incessante busca de seu ideal humano?

Triste da amada de um poeta... Deixa de ser mortal para ser Belleza, Bondade, Intelligencia; não lhe basta ser intelligente, bôa e bella. Nenhum erro lhe é perdoado, o mais ligeiro engano (uma phrase linda num minuto que antes devera ser de tranquillo silencio, por exemplo, ou um sorriso num momento que antes pedira uma lagrima) destroe, irremediavelmente, seu culto, desce-a ao nivel de toda gente...

E' necessario ser, como essa feiticeira Elisabeth Browning, poeta querida de um poeta, defendendo em seu ideal o ideal de sua ternura, para realizar, em victoria, o sonho de amor vivido por um bardo.

A filha de Audiberto de Noves não comprehendeu, é fama, a principio, a paixão que inspirara; não amou o artista cuja arte lhe deu vida eterna. E essa incomprehensão foi a magia que alimentou, hora e mais hora, a adoração commovida de Petrarca; essa indifferença foi o segredo desse milagre de um affecto illuminando uma vida inteira.

Em vão, magnificamente, no desespero e na resignação, o amor infeliz de Francesco Petrarca ardeu em verso a desabrochou em rima.

Madonna Laura não despertava á quente voz do creador de um universo harmonioso inspirado por sua belleza.

Mais tarde, muito mais tarde, quando o prodigio d'essa voz deslumbrava os italianos e Roma, a orgulhosa, entregava ao poeta a corôa que havia mil annos nenhum poeta recebia, a vaidade tocou sua alma e, dizem uns, o amor beijou, de leve, seu coração.

Para os sonhadores, porém, o sonho importa sempre muito mais do que o ente que lhe serve de symbolo.

A Madonna Laura do sonho de Petrasca devia semelhar muito pouco Madonna Laura, esposa de Hugo de Sade.

Giovane donna sotto un verde lauro
Vide, più bianca e più fredda che neve
Non percossa dal sol molti e molt'anni...

conta, melancholicamente, o amante.

Assim como a imaginára, clara como a neve "non percossa dal sol molti e molt' anni", "sotto un verde lauro", Petrarca a viu, em sonho, em Abril de 1318, toda coroada de perolas.

Era o adeus de Madonna Laura que, no momento em que sorria ao poeta, agonisava, após curta doença.

Inutilmente soffrera o cantor extraordinario, inutilmente transformára em belleza a magua que lhe enchia de fél o destino, inutilmente gritara seu amor á impassibilidade da sorte — "In vita de Madonna Laura" nada lhe viéra adormir a angustia.

Desapparecida a moça, inutilmente ainda clamou Petrarca á compaixão da "Virgine bella, che di sol vestita", "coronata di stelle", protege os tristes... em vão jogou aos céus, da terra por onde freme a "miseria estrema de l'umane cose" sua rebelde queixa... "In morte di Madonna Laura" os deuses não lhe mandaram consolo...

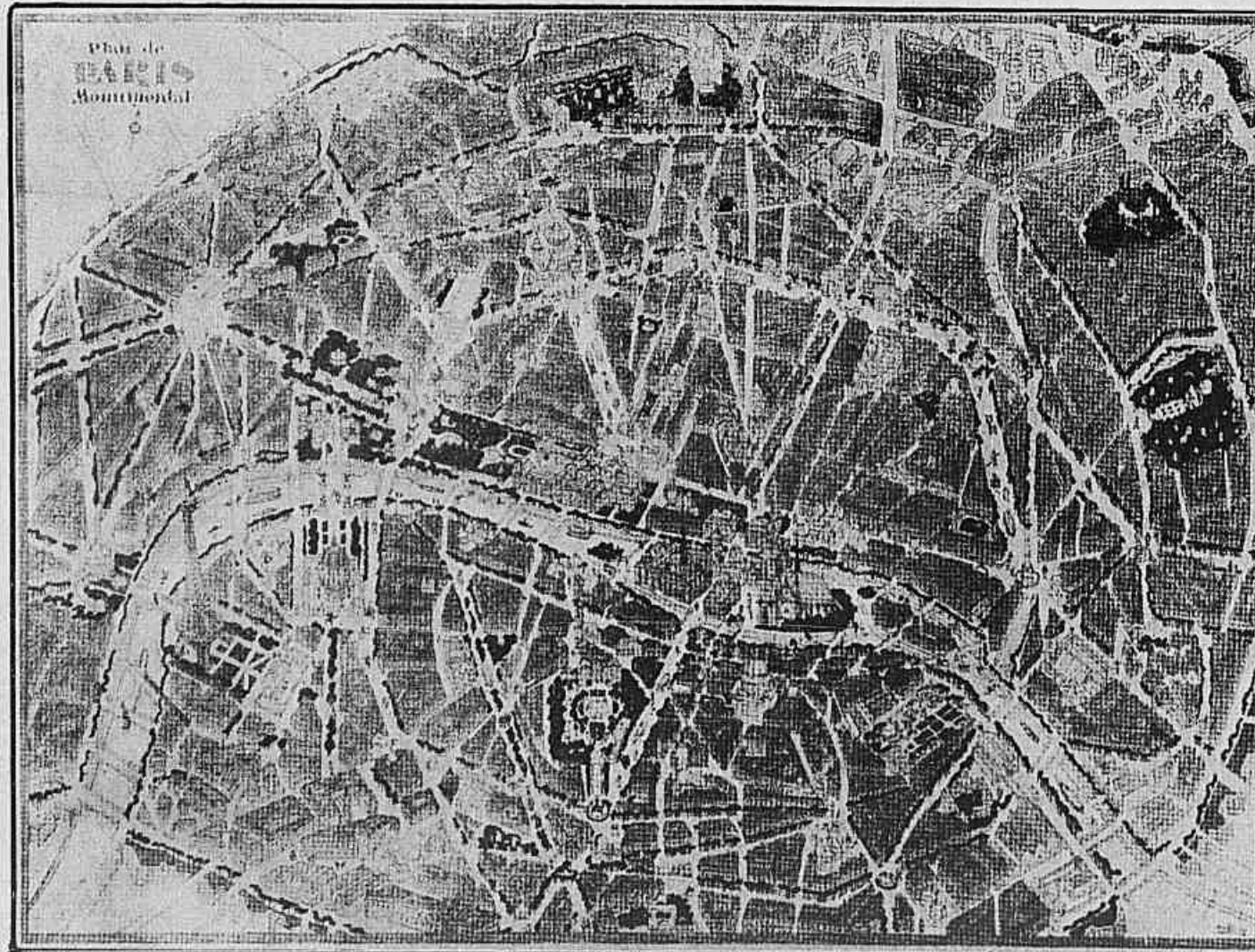
Como, em verdade, conhecer ventura o amor nascido numa segunda-feira da Paixão, ante uma cruz e uma corôa de espinhos?...

A DECORAÇÃO AMERICANA DOS TECIDOS

E' notoria a ambição dos mestres da costura americana que sonham poderem sacudir o jugo da moda franceza. O seu orgulho nacional supporta impacientemente a dictadura mundial da rua de la Paix. Pensam elles que o paiz mais rico do mundo deve exercer a sua supremacia em todos os dominios.

Acabam, por isso, de entrar em lucta aberta com os desenhadores francezes de estofos. Querem crear, na decoração dos tecidos como na fabricação do champagne, um "gosto americano".

Julgando, e com certas razões, que a arte decorativa de uma época deve inspirar-se em motivos plasticos oriundos da decoração quotidiana, os artistas que compuzeram essas *soieries* utilisaram systematicamente linhas e volumes engendrados pela vida moderna. Assim é que crearam um padrão inspirado na technica do graphico ou do diagramma. Outro estyliza as opposições geometricas de preto e de branco creada pela architectura dos "arranha-céus".

Essas tentativas, porém, não serão uma revelação para os decoradores francezes que utilisam correntemente, ha algum tempo, as suggestões decorativas do cubismo. O que lhes parecerá mais inesperado é a composição da seda que permittiu a uma joven — uma jornalista americana, Mlle. M. T. Bonney — compôr um vestido original. Esse tecido, de Ralph Barton, chama-se "Lembrança de Viagem" e reproduz com immensa minucia as annotações do seu carnet de viagem. As recordações dessa viajante referem-se á França, pois o desenhador reconstituiu simplesmente uma planta de Paris, atravessada por um Sena azul madonna.

Essa planta, embora simplificada, contém uma infinidade de detalhes anecdoticos extremamente curiosos, que a reducção da gravura não permitte infelizmente sejam distinguidos. Certas annotações tomam até um caracter maliciosamente satyrico.

Em todo caso, tanto pela sua concepção como pela sua realização, esse estofo é essencialmente americano. Cabe ás nossas leitoras dizerem se os costureiros americanos, aos quaes é devida essa innovação, lhes parecem dignos de supplantar no universo os mestres da elegancia parisiense.

A Allelvia das creanças no Fluminense F. C.

Os bailes do sabbado de Alleluia

O habito carioca de festejar a noite do sabbado de Alleluia na alegria ruidosa dos salões não foi desmentido este anno. A vespera do domingo de Paschoa teve a sua consagração por toda a cidade e nós, não podendo fazer uma completa reportagem dos bailes havidos, damos aqui varios aspectos de alguns delles.

1 e 3 — Club Gymnastico Portuguez. 2 — Club de Regatas Botafogo. 4 — Rio Athletic Association. 5 — Club Natação e Regatas. 6 — Club de Regatas Gragoatá. 7 — Orfeão Portuguez.

Noticiario Elegante

Anniversarios

No dia 10 — senhoras Waldemar Carneiro da Cunha Caldas Barreto, Gloria Thiers Fleming e Violeta Theophilo de Azevedo; a senhorinha Helena Gudin; o illustre e venerando almirante barão de Teffé; o apreciado caricaturista J. Carlos; o dr. Estellita Lins; os commandantes Amilcar Botelho de Magalhães e Aarão Reis.

No dia 11 — a marechala Gabriel Botafogo, a generala Silva Faro; as sras. Maria da Gloria Moura Brasil, Victoria Campos da Silva, Vera de Vasconcellos Cavalcanti e Novella Goulart; as senhorinhas Lucinda Roboeira, Alayde Vianna e Noemia Gonçalves Columbano; os drs. Luiz Barbosa, Angelo Pinheiro Machado, Sylvio Pellico de Abreu, Julio Moreira da Silva Lima; o senador Raymundo Miranda, o commandante Alfredo von Syndow.

No dia 12 — senhoras Baptista Nogueira, Hermenegilda de Abreu e Lucia Mario Seixas; as senhorinhas Hercilia Pereira Cavalcanti, Maria Carmen Ferreira, Ondina Leite, Djanira Maia, Zaira Torquato Leite, Stella Tarlé; o dr. Eduardo Studart; o distincto diplomata José Roberto de Macedo Soares; o galante Paulo, filho do casal Herdy Alves.

No dia 13 — as sras. condessa do Valle Junior, Esmeraldino Bandeira, viuva Viriato de Saboia, Ruth Gomes de Medeiros e Augusto Fogliani; a senhorinha Maria Christina Fleiuss; o dr. Miguel Couto Filho; s. exma. revma. o bispo D. Lucio Antonio de Souza; o sr. Henrique Mangia; o conde Pereira Carneiro, notavel figura do nosso meio industrial e grande philantropo; o illustre orador sacro padre José Maria Natuzzi.

*

Nesse mesmo dia, faz annos tambem o brilhante estheta e fino *gentleman* dr. José Marianno Filho, figura de accentuado destaque nos meios artisticos e sociaes.

No dia 14 — as sras. Julia Baeta Neves, Maria Luiza Carvalho Gusmão e Alexandre Brigole; as senhorinhas Mercêdes Fonseca Hermes, Luiza Melgaço, os drs. Flavio Ramos, Adolpho José Del Vecchio e João Baptista de Moraes Rego.

No dia 15 — senhoras Joaquim de Salles e Góes Asbruttor, senhorinhas Iolanda Baptista e Nair Villalba, a galante Maria da Graça, filhinha do casal dr. Diniz Junior; os drs. Arthur Meira Lima, Oscar de Mendonça e João Pagani; o maestro Francisco Braga; o joven Haroldo Tavares da Gama.

*

Passa tambem nesse dia o anniversario da senhora Clelia Bernardes Alves de Souza, esposa do diplomata dr. Carlos Alves de Souza e filha do exmo. sr. Presidente da Republica e senhora D. Clélia Bernardes.

*

No dia 16 — as sras. Leonor Gusmão Lessa, Carolina Greeler, Julia da Silva Ramos Barreto; as senhorinhas Laura Arthemisa dos Santos, Orminda Fiuza e Ilka Teixeira de Castro; o juiz Martinho Caldas Barreto; o senador Pedro Lago; o dr. Raymundo Pereira Rego, a menina Arminda Antonio Moitinho.

Noivados

— a senhorinha Nair de Souza Barros e o sr. Oswaldo de Andrade e Silva;

— a senhorinha Durvalina Guedes e o tenente Ernesto da Silva Montenegro;

— a senhorinha Dolores Dutra e o dr. Theodoro Cerqueira do Amaral;

— a senhorinha Oswaldina Reis e o sr. Carlos Sampaio de Souza;

— a senhorinha Anna de Jesus Rezende e o sr. Carlos Flavio de Oliveira;

— a senhorinha Marcelina Dantas e o sr. Alvaro Leite de Moraes;

— a senhorinha Carolina Cavalieri e o dr. Carlos de Araujo Godim.

Casamentos

— a senhorinha Celina Peixoto e o sr. Jorge Duarte Pereira;

— a senhorinha Dolores Machado Pereira e o dr. Oswaldo Saraiva Filho;

— a senhorinha Irma do Rosario e o dr. Luiz Gonzaga Cartelliano;

— a senhorinha Gracinda Marini e o sr. Manuel Dias Paranhos;

— a senhorinha Ruth Costa e o sr. Evaristo Rodrigues Guerra;

— a senhorinha Rosa de Almeida Ramos e o sr. José Raymundo dos Santos;

Em Friburgo: — a senhorinha Antonieta Pilotto, filha do capitalista Orestes Pilotto e o sr. Rubens Prazeres.

Em Petropolis: — a senhorinha Véra Fontes e o sr. Luiz Seabra.

Diplomatas

Para a Europa seguiu, acompanhado de sua senhora, o commandante Mario Sampaio, que vae desempenhar o cargo de addido naval á embaixada brasileira em Roma. Tendo exercido aqui o posto de ajudante de ordens do chefe do Estado Maior da Armada, o commandante Mario Sampaio segue para aquelle posto na posse de fé de officio que assegura o brilho que deve ter a nossa representação na velha capital da Italia.

*

O sr. Barnet, illustre ministro de Cuba no Brasil, e sua distinctissima esposa offereceram, sabbado passado, um jantar ás pessôas de suas relações.

Essa reunião, que esteve brilhantissima, teve a presença de innumeras figuras do mundo diplomatico e da nossa élite.

Os que viajam

Deixaram o Rio: — o sr. Edwards Jacobsen, que se destina aos Estados Unidos; os drs. Mario Barreto e Sebastião Vianna de Souza, para Minas Geraes; o dr. Theotonio Sá e familia em viagem de recreio para a Europa; o dr. Adalberto de Oliveira Marques, que se destina a Buenos-Aires; o sr. Cesar Monte, em viagem de recreio para a Europa; o dr. Rogerio Coelho dos Santos, que vae ao Rio Grande do Sul; para Oliveira (Minas), onde foi passar a Semana Santa e Paschoa, o nosso companheiro de direcção dr. Randolpho Chagas e sua exma. familia.

Chegaram ao Rio: — o dr. João Baptista Pereira, vindo de Pirainhy; o industrial Carlos Bolivar de Medina e familia, chegados da Europa; o jornalista Abel de Araujo, chegado de Lisbôa; o casal Alfredo de Moura Pinto, procedente da Europa; o dr. Bernardo Piffano, vindo do Rio Grande do Sul; o dr. Genserico de Souza Pinto, de regresso de sua viagem ao norte do Brasil; o dr. Massilon Saboia, que volta de sua viagem de estudos na Europa; o sr. Honorio de Araujo Maia, socio da casa Araujo Maia & Cia, que regressou, com sua exma. familia, de Theresopolis.

Veranistas

Para Caxambú: — o sr. Mario de Nina Tavares, o senador Lauro Muller.

*

Para Cambuquira: — o dr. Edmundo Rocha e senhora.

*

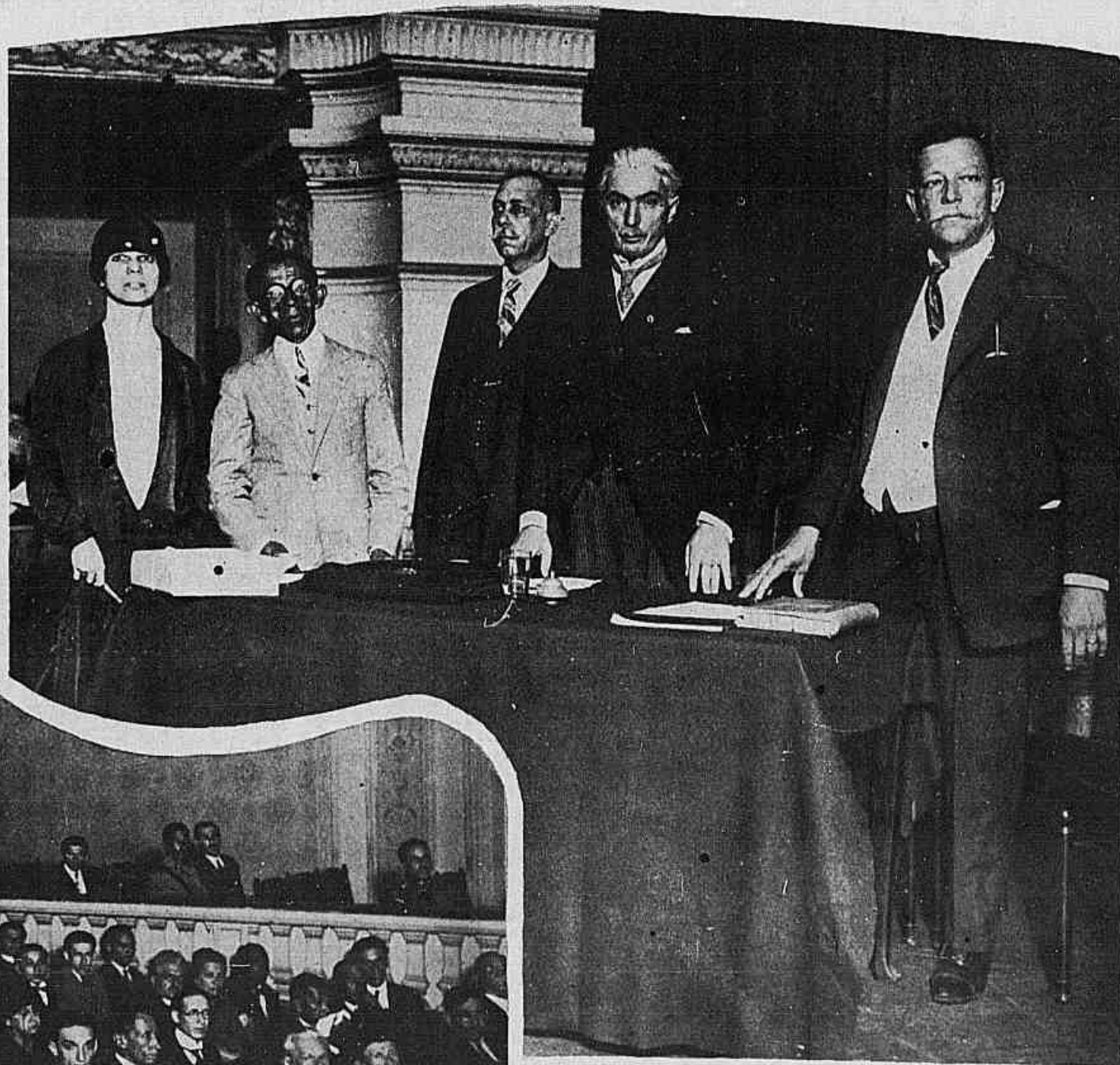
De Caxambú: — drs. Flavio Meira Penna e familia, Benjamim Mattos e familia, Corrêa Dutra e familia, Augusto Belfort Roxo e familia, José Lopes da Veiga e familia, Carlos Bittencourt e familia, Costa Braga e familia, José de Azurem Furtado e familia; sra. viuva Achille Bove; senhora Felix Mangia, senhora Augusto Moniz, sr. Oriolando Bove, casal Santos Lobo, dr. Cocio Barcellos, dr. Paulo José Pires e familia; dr. Prado Keily.

*

De S. Lourenço: — o sr. José Augusto Pessôa e senhora.

*

De Petropolis: — a familia Epitacio Pessôa.

A Constituinte Espirita Nacional

Aspectos tirados no Instituto Nacional de Musica ao ser solemnemente installado o Congresso Constituinte Espirita Nacional. Ao alto, a mesa do Congresso, presidida pelo desembargador Gustavo Farneze. Em baixo, as delegações espiritas no plenario.

O tradicional baile dos Artistas, que se não realizou na época do costume, foi levado a effeito no sabbado da Alleluia, no Palacio das Festas da antiga Exposição do Centenario. E' justo que se diga não ter o seu esplendor correspondido á espectativa apesar de haver sido brilhante a festa Algo, porém, lhe faltou. Foi a animação, a concorrencia. E foi pena, porque a tradicional reunião, capaz de pelos seus elementos ser cada vez mais linda, parece querer decahir, ao abandono. Reergam-na os nossos artistas e não se arrependerão da força nova de que carece a sua festa annual.

EM CAXAMBU'

A semana finda tiveram logar em Caxambú muitas festas. Todas ellas sempre concorridissimas e encantadoras.

O festival em beneficio da Casa de Caridade de S. Vicente de Paulo foi grandioso. Os salões do Avenida regorgitaram até tarde da noite.

A explendida festa constou de um baile e deste bello programma que bem póde reaffirmr o encanto que foi essa noite de caridade e elegancia:

1.A PARTE

1.° — Canto — Senhora João Teixeira Junior;
2.° — O movimento de amor — Guilherme de Almeida — Edla Costa Lima;
3.° a) — Sanson et Dallila — Saint-Saens; b) — A flor e a fonte — Felix Otero, Lucia Muller;
4.° a) — Terreur — Maupassant; b) — Mal de Amor — Anna Amelia Carneiro de Mendonça — Zita Coelho Netto;
5.° — Violoncello-phone — Adolpho Cardoso.

2.A PARTE

«Ultima dansa»

(Comedia em 1 acto do festejado poeta Prado Kelly)
Thereza de Assis — Gilberta Santos Werneck;
Helena — Lia Corrêa Dutra;
Ruth — Mary Martins Ferreira;
Desembargador Luiz de Aguilar — Iporan M. Pereira;
Carlos — Waldemar Salém;
Jorge — José Rodrigues Graça;
Creado — José Reis.

*

Outra festa notavel foi o banquete de despedida, realizado no Palace-Hotel, offerecido pelos srs. Prado Kelly, Waldemar Salém, J. Corrêa Filho, Pimentel Brandão e Celso Kelly aos hospedes do hotel.

Não faltou alegria, distincção e brilho nessa reunião. Presidiram á festa os casaes Antonio Azeredo, Azurem Furtado, Octavio Kelly e senhora Salém. Estiveram presentes ao banquete as gentis senhorinhas Maria e Laura Pernambuco, Gisela Macedo, Lia Corrêa Dutra, Zita Coelho Netto, Eudoxia Lebre, Beatriz Ellis, Mathilde Moss, Lourdes Teixeira, Conceição Graça, Guiomar Campos, Craciema Sá, Mariazinha Calazans, Almerinda Ferreira Vianna, Santa Pimentel, Stella Mesquita, Elza e Olga Salem, Herminia Brookin, sras. Raul Pereira, Helena Masson, Herminia Aarão Reis e os seguintes srs.: dr. Pedro Guimarães, dr. Armando de Godoy, dr. Meira Penna, dr. Haroldo Valladão, dr. Milanez, José Maria da Graça, Carlos Novis, Henrique Meyer, Gustavo Meyer, Armando Malheiros, Luiz Reis, Alfredo Lebre, Borlido Maia, Eugenio Fonseca e Masson Filho.

Terminou a formosa festa com um animadissimo baile.

EM PETROPOLIS

Realisou-se, sabbado, no Capitolio, uma suggestiva festa de caridade.

Foi novamente levada á scena a revista *Rio-Petropolis* que tanto agradou na sua primeira representação, tendo o Capitolio apanhado uma noite de enchente. Toda Petropolis veranista compareceu a essa bella reunião, a que não faltou nenhum motivo de agrado e encanto.

EM BENEFICIO

Tem sido recebida com viva sympathia a noticia de um grande festival, em favôr do Abrigo Thereza de Jesus no proximo dia 18, nos elegantissimos salões do Fluminense F. Club.

A nossa alta sociedade mostra-se disposta a concorrer com o que possa — e ella pode tudo — para que essa formosa e feliz idéa se concretize da maneira a mais brilhante.

BAILES DE ALLELUIA

O baile de sabbado de Alleluia no Hotel Gloria marcou um novo successo para a administração d'aquelle hotel, que desde sua inauguração se tornou o ponto predilecto para o nosso *grand-monde*.

Os salões estavam completamente repletos de uma assistencia fina e distincta.

As dansas correram animadissimas até á madrugada, ao som de duas optimas jazz-bands. O ambiente dos salões de dansa estava completamente transformado pela luz dos reflectores que, bem collocados nos cantos das varandas, irradiavam uma luminosa poeira colorida sobre os pares que se entregavam ás delicias do *charleston* ou do tango.

Tudo concorreu para que a noite de Páscoa no Gloria fosse cheia de encantos desde a organisação do serviço de ceia, feito com esmero e competencia, á ornamentação das salas, cuidadosamente preparadas por mãos de artistas.

*

Tambem tiveram seus salões muito movimentados e alegres com os seus bailes de Alleluia, tendo em todos elles comparecido o melhor elemento de seus associados, o Natação e Regatas, o Orpheon Portuguez, o Fluminense F. Club, o Gymnastico Portuguez.

M. DE D.

ASSISTENCIA DENTARIA INFANTIL

O grupo das «Damas da Bondade» instituição recemcreada com o objectivo principal de proteger a obra de benemerencia e patriotismo que é a Assistencia Dentaria Infantil. Esse agrupamento feminino, tão felizmente e tão suavemente denominado, foi installado na propria séde da Assistencia na terça-feira da semana transacta. A nossa gravura representa um aspecto colhido n'essa reunião.

O que pensa a mulher brasileira da moda e da dansa

DESDE quando dansa a Humanidade ? Talvez desde que o mundo é mundo. Profana ou sagaada, selvagem ou civilizada, classica ou popular, a dansa tem sido, através das edades, um uso que, ao invés de arrefecer, se propaga ruidosamente, desdobrando-se em variantes multiplas, subdividindo-se na diversidade dos rhythmos e dos gestos, dos passos e dos colleios, discreta e affectada, impassivel ou suggestiva, sempre porém caracterisando um povo, descrevendo uma sociedade ou gravando um ambiente.

Pergunto aqui se ella é bôa ou má. Pergunto ás outras... A mim mesma não sou capaz de interrogar... Por que ? Porque se ella é suave e elegante, inoffensiva e salutar, ás vezes; de outras, justifica a celebre phrase de Salvandy, no baile ao rei de Napoles, ha quasi um seculo: *Nous dansons sur un volcan...*

Heloisa Lentz

SRA. ABIGAIL SOARES DE SOUZA — Tem collaborado em varios jornaes com pseudonymo; e publicou ultimamente no *Jornal do Brasil* uma cartas assignadas *Mme. S.* Tem em preparação um livro de contos: — *Dias de sol e de sombra.*

A moda de hoje? Mas não ha, para nós mulheres, senão a moda de hoje. A de hontem é uma recordação, um caso morto, uma pagina lida e... esquecida. A moda actual é sempre a preferida e por maiores absurdos que ella imponha é a tyranna sempre querida e acatada.

E qual a mulher que a respeito de modas não re-

Sra. Abigail Soares de Souza

pelle hoje o que lhe agradava hontem e não adoptará amanhã o que hoje não admitte?

Não nos viesse ella, a feiticeira, da França repetindo-nos sem cessar: ... "Adore ce que tu as brulé et brule ce que tu as adoré".

A moda de hoje está de accordo com o nosso seculo de movimento febril e vida intensa: está pratica e de uma elegante simplicidade.

Com os habitos modernos e a actividade feminina, differente embora nas classes ricas e nas classes que trabalham, como poderia uma elegante sujeitar-se ás complicações que compunham a "toilette" na epoca faustosa de Maria Antonieta? Só num baile a fantasia pode-se conceber o lindo e volumoso vestido de tafetá azul todo recamado de rosas, lacinhos e *poufs* com que se fez retratar por Boucher a radiosa Madame de Pompadour.

Hoje impera a simplicidade: o vestido por mais rico que seja é facil de ser usado.

O cabello cortado — deveras commodo e cujo uso devia ser geral e adoptado em todas as edades — o *talon botte* para as longas marchas — as cintas flexiveis que apenas contêm o corpo, tudo nos indica que a moda, apezar de frivola e inconstante, tende a se fixar duradouramente neste criterio actual da elegancia dentro do conforto.

Como conciliar as "anquinhas" das nossas avós com as salas de cinema e como poderia guiar seu automovel quem carregasse na cabeça um verdadeiro edificio ou obra d'arte?

A moda actual é linda, mas a elegancia é todo de conjuncto; ella não pode existir sem harmonia perfeita entre todos os accessorios da "toilette" e principalmente a propriedade da hora — cousa de que, infelizmente, muitas vezes as nossas patricias se esquecem.

A mulher moderna com a sua intelligencia e o seu engenho converteu a moda numa verdadeira arte de gosto e singeleza, pois em epoca nenhuma ella foi de linhas tão simples e tão encantadora da cabeça aos pés.

Os pés... o sapateiro pernostico que criticou os cothurnos do celebre quadro de Appeles não o poderia fazer por certo hoje, que a moda dos calçados está tão extravagante.

Só em um dos seus aspectos a moda actual é complicada: é na immensidade de joias falsas, collares e braceletes de toda a especie que uma *elegante* tem de carregar.

A historica Paraguassú de certo não ganhou do seu amado nem a metade das bugigangas com que qualquer *midinette* de agora se adorna para ir dansar no Lido.

Ha tambem na moda de hoje uma caracteristica alarmantemente inédita: ; é a nudez nas praias, que se ainda não chegou aos extremos de Venus é só talvez porque isto prejudicaria aos... fabricantes de "*maillots*".

Mas não condemnemos a moda; ella é uma grande amiga nossa, contribuindo para augmentar os encantos da mulher que, mesmo a mais austera, tem sempre o desejo de agradar e de ser feliz.

Limitemo-nos a repudiar-lhe os excessos; é o maximo que uma creatura sensata pode fazer.

*

Observando as dansas de hoje, o que se verifica é que, se nas outras artes o futurismo ainda não venceu e encontra vigorosa resistencia, na arte da dansa elle domina sem contraste.

Mas acode uma pergunta: será ainda hoje uma arte, a dansa?

A belleza das attitudes, a graça a que presidia o rythmo das musicas melodiosas, um certo caracter de exercicio sagrado que lhe vinha do fundo das velhas edades, tudo isto desappareceu na modernisação da dansa.

E os vestigios que ainda se notam da belleza antiga vão-se diluindo e se apagando no turbilhão que o jazz-band commanda e impelle para a frente, com as agudas chicotadas da sua trompa enervante.

Como um bando de escravos tontos, tangidos pelo azorrague de um feitor impiedoso, a multidão se atira para o frenesi de uma dansa sem nobreza, sem alma, sem esthetica, sem espiritualidade.

Estamos na phase das dansas-sensação. Os pares se agarram como se fossem para a... morte.

A dansa sempre foi uma arte popular, um goso accessivel a todas as camadas; mas sempre existiram ao lado das dansas populares as dansas de salão em que a distincção de maneiras, a leveza dos passos, o decorativo das attitudes punham uma nota de caracteristica fidalguia.

Hoje a dansa vulgarizou-se; é tudo tão bom como tão bom.

Sacodem-se com identicos bamboleios os frequentadores dos salões aristocraticos e os dos bailes populares.

E quando a gente registra que ainda ha pares que dansam com decencia, com mutuo respeito, com graça leve — porque os ha ainda, mercê de Deus — tem-se o consolo de verificar que nem tudo está inteiramente perdido.

A dansa de hoje é um symptoma da epoca— epoca de nervos trepidantes e de appetites desregrados.

Por isso talvez é que, soube ha dias, uma senhora aconselhando o filho a que procurasse se casar insistia em recommendar-lhe: "mas não te esqueças, Otto, de ver como dansa a pequena das tuas sympathias".

A dansa é hoje uma pedra de toque: avalia-se o ouro ou o *plaqué* com bastante segurança. "Dize-me como dansas e dir-te-ei quem és".

Não sou passadista nem contra as dansas, embora isto possa parecer através essas minhas ligeiras impressões mas a vulgaridade horrorisa-me e não comprehendo o nivelamento senão na morte e na justiça de Deus.

Abigail Soares de Souza

SENHORA MARIA RAMOS PIEDADE — Auctora de «O *Acre* e a sua excursão aos Estados Unidos» e «Tarpeia» (poesias). Antiga collaboradora do «Jornal do Brasil» com os pseudonymos de Clio e Marcus Walette; do «Correio Paulistano», «São Paulo Chic», «Vida Moderna» e «Commercio do Paraná».

A dansa, desde as mais remotas epocas, foi (a meu vêr) o mais elegante entre todos os sports, tendo sempre os seus mais fervorosos cultores e apaixonados admiradores.

Desde a dansa selvagem ao delicado e aristocratico minuete, teve a dansa sempre o seu logar, tanto nas pequenas como nas grandes reuniões sociaes; e, apezar

Sra. Maria Ramos Piedade

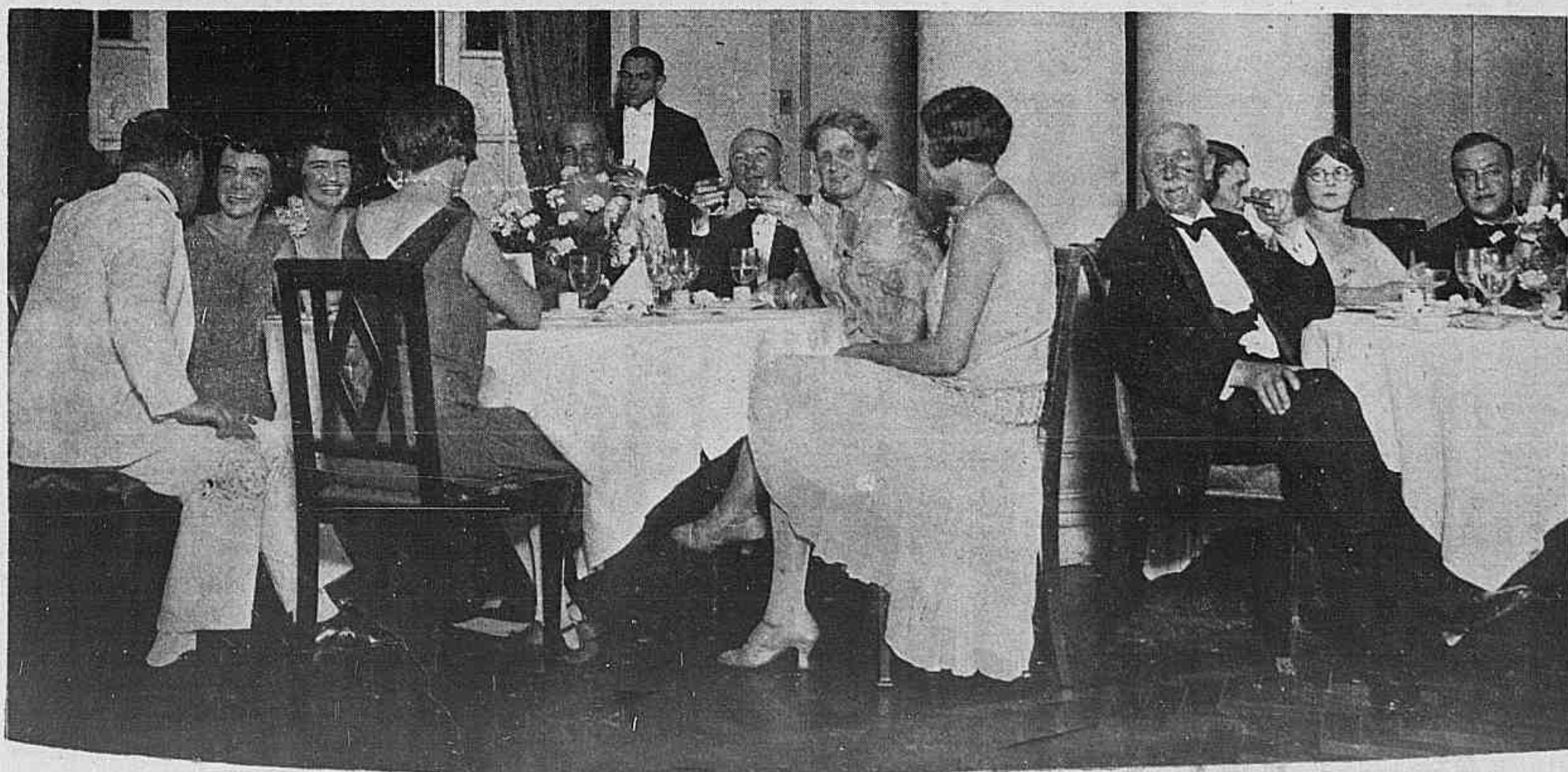
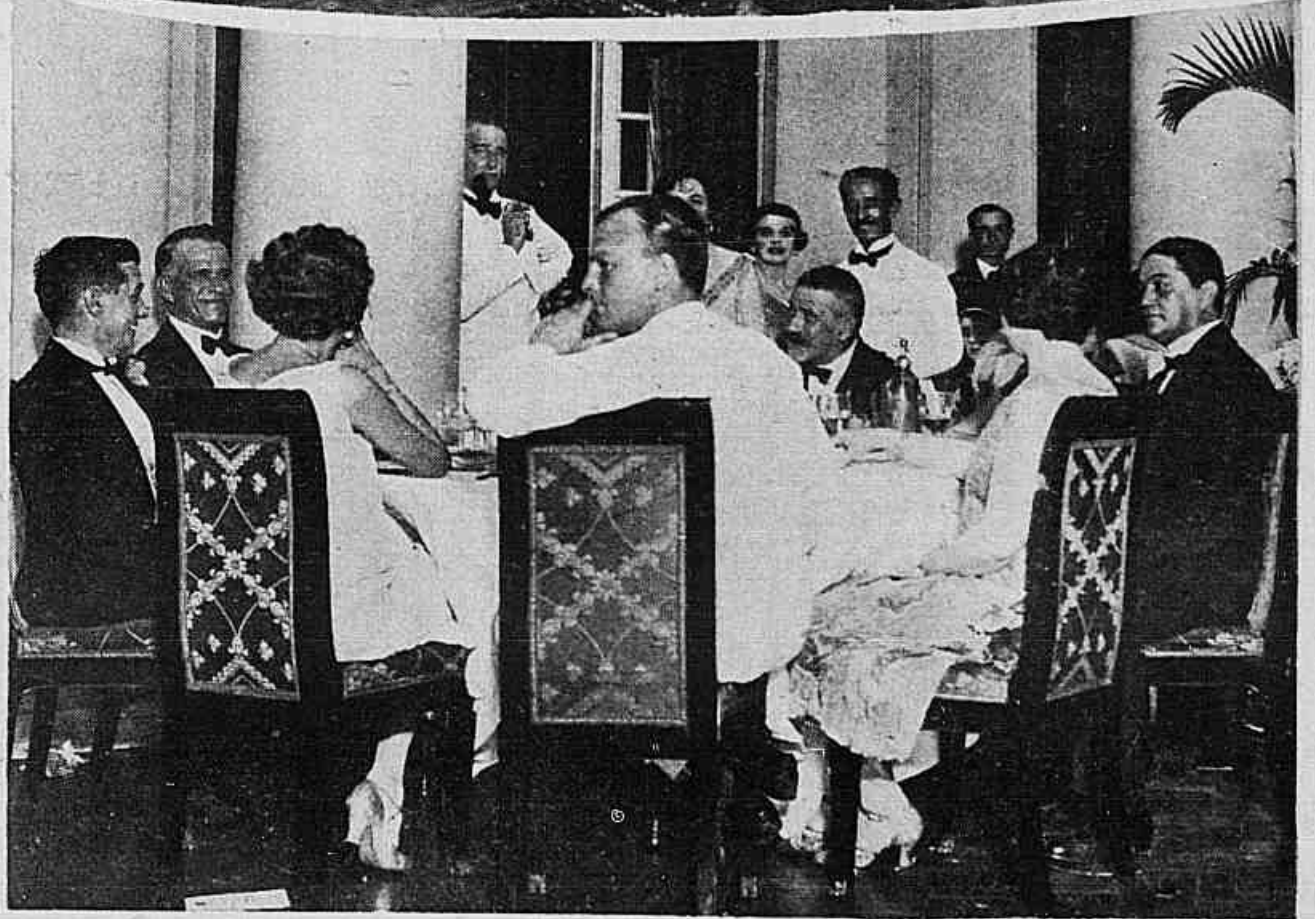
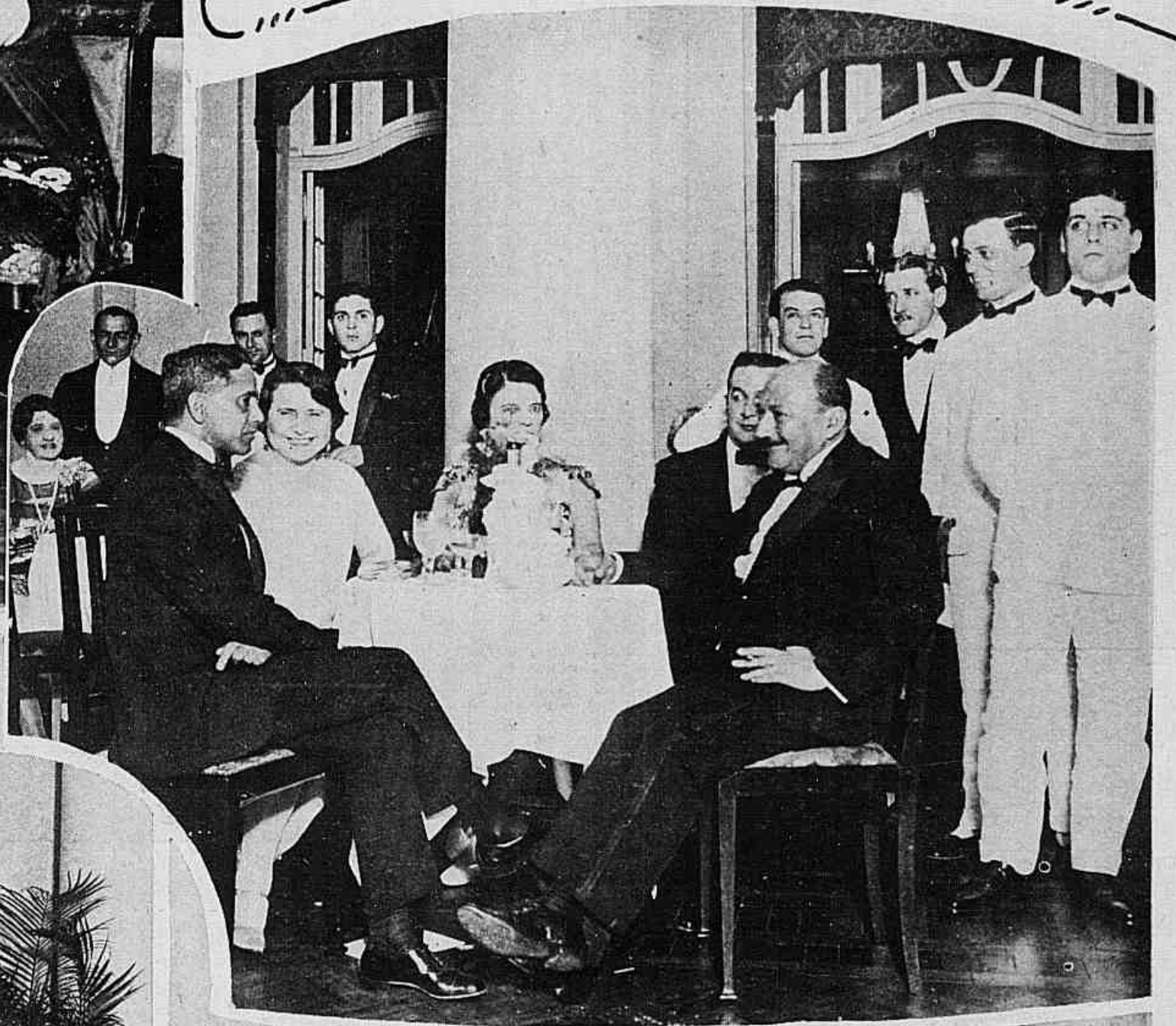
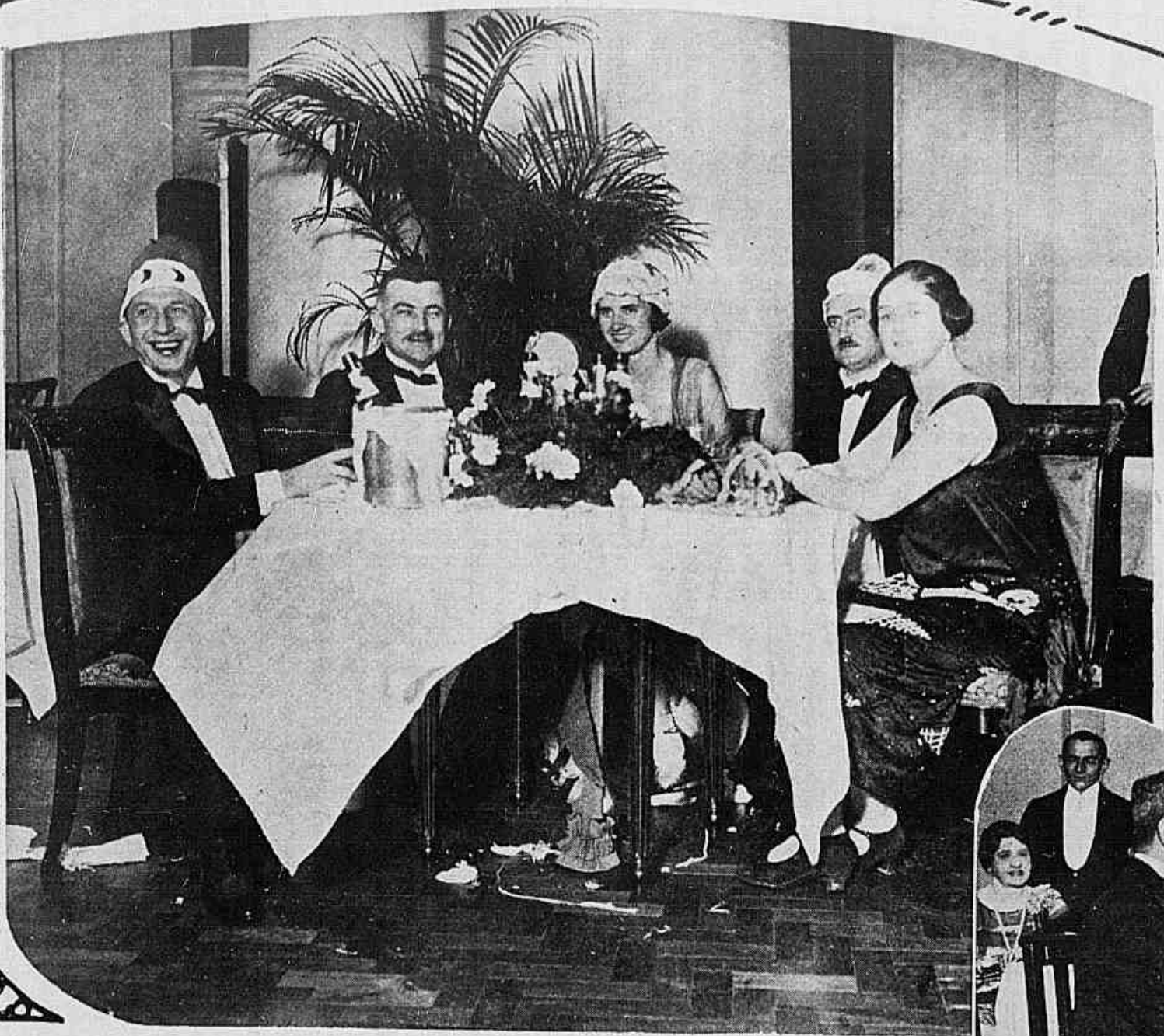
de Voltaire tel-a fulminado com o seu anathema "Ce monde est un grand bal" etc. e de mais alguem ter dito "La vie est un bal que commence la fortune tant bien que mal", vieram os tempos, e a incontida dansa, evoluindo para o irresistivel, criou o *fox-trot*, o tango argentino e o maxixe brasileiro, como o complemento directo da elegancia a mais requintada e querida.

A moda actual, na sua simplicidade fascinadora, destruiu por completo o martyrio a que estava condemnado o bello sexo ás exigencias carnavalescas de 1830, em que a mulher era mais um bazar de quinquilharias que uma respeitavel dama.

Considerando eu, pois, a dansa moderna como a que mais se ajusta á moda actual, dedico a ambas todo o meu apoio.

Esta é a minha opinião.

Maria Ramos Piedade

A Alleluia no Hotel Gloria

A costumeira commemoração da noite do sabbado de Alleluia teve o esperado brilhantismo, tornando-se notavel pelo cunho altamente elegante e distincto o baile realizado no Hotel Gloria, onde a aristocracia carioca teve ensejo de passar horas que se tornaram ligeiras, num ambiente de discreção, sem a bulha estonteante que se torna commum em semelhantes reuniões. O Gloria teve uma das suas noites de vibração e de *chic*, com o comparecimento da alta sociedade, como se vê nas nossas gravuras, colhidas no momento em que as familias e cavalheiros festejavam os primeiros minutos do domingo de Paschoa com a ceia irreprehensivelmente servida. Na segunda gravura vêem-se os srs. embaixador Rodrigues Alves e ministro do Paraguay e na quarta gravura o sr. almirante Mc Culley, da Missão Naval americana.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

O NOVO IMMORTAL

A Academia Brasileira elegeu para a vaga de João Luiz Alves, o jurista eminente, o suave poeta de "Noite cheia de estrellas". Adelmar Tavares não fica deslocado na cadeira de Lucio de Mendonça,

Adelmar Tavares.

porque, além de sua expressão lyrica, é um cultor do direito.

Foi uma victoria literaria que não o attinge apenas, porque representa uma nova manifestação dos academicos em favor do criterio de tornar o cenaculo uma consagração para os homens de letras.

O novo "immortal", cuja musa tem a frescura de nosso verso *folklorico*, representa um dos nossos poetas de maior significação brasileira, porque o seu espirito busca as fontes da poesia popular e o seu coração rima trovas que parecem accordes da rhapsodia sertaneja.

Fez bem a Academia em attrahil-o para o seu meio, porque em Adelmar Tavares canta a alma sensivel de nosso povo e em seus versos tão simples quanto espontaneos ha, por certo, a belleza sonora de nossa lyrica expressão de paiz onde em tudo vibra uma poesia immanente.

O seu estro tão racialmente bello vae dar ao Petit Trianon um cunho nacional.

Sempre é grato registrar um acto de justiça e de belleza.

A Academia soube, desta vez, concilial-as, mesmo porque o escolhido é um servidor de Themis e um devoto de Apollo.

COMO SOMOS CONHECIDOS

A QUEM PERTENCE FERNANDO DE NORONHA ?

O grave e illustrado *Excelsior*, um dos mais brilhantes jornaes de Paris, toma muito a sério sua alta missão de "alavanca do progresso". A proposito de todos os grandes acontecimentos publica em seus topicos, que contam com a collaboração de Pierre Mille, Louis Latzarus, Jean Bernard e outras eminencias da litteratura franceza, notas instructivas e elucidadoras.

A proposito do raid de Ramon Franco, seu primeiro topico de 6 de Fevereiro ultimo intitulava-se *"O ilhote de Fernando Noronha"* e, depois de chamar a nossa ilha de "pequeno archipelago com 15 kilometros", concluia assim:

"O Brasil cedeu esse ilhote a Portugal, por occasião do raid de Gago Coutinho e Sacadura Cabral e em sua lembrança. Depois, fizeram de Fernando-Noronha uma estação de aterrissagem".

Vejam lá! Por essas e outras é que não nos devemos zangar, e muito menos exaltar, quando os jornaes de Paris adiantam informações que chegam a ser deprimentes para nós. Com a mesma candida ignorancia com que fallam no *ilhote* que é, ao mesmo tempo, um archipelago e passou a ser uma estação portugueza de aterrissagem, proclamaram que a attitude brasileira em Genebra foi inspirada pela politica do Thibet ou forçada pelos canhões da esquadra suissa.

Mas, se a imprensa franceza persistir em pilherias d'esse genero, será bom que nosso governo tome providencias para deter a mania dos *raids* inter-oceanicos. Informada de que cedemos a ilha de Fernando de Noronha em homenagem a Sacadura e ao almirante Gago Coutinho, a Hespanha extranhará muito que não lhe tenhamos ainda cedido Pernambuco em homenagem a Ramon Franco; e, se os raids continuarem, o Brasil, em pouco, estará reduzido ao Pão de Assucar.

Villa de Fernando Noronha

AS DIFFERENÇAS SENSIVEIS

Quando ás companhias S. Christovam e Villa Isabel, encampadas pela poderosa Light, se juntou a companhia Jardim Botanico, cuidaram todos que se passasse uma profunda modificação nas maneiras do seu pessoal. De facto, com rarissimas excepções, possuia a Jardim Botanico conductores de bondes bem acceitaveis pela delicadeza e correcção; e, com mais raras excepções, tinham as outras duas um pessoal que primava pela grosseria.

Colligadas as tres companhias, esperava-se da fusão uma destas duas cousas: ou que se tornassem todos educados ou ficassem todos impolidos. Puro engano! Os conductores da Jardim Botanico continuam a ser, em grande maioria, urbanos; os do resto da Light — S. Christovam e Villa Isabel — na quasi totalidade insolentes e desrespeitosos. Pelo menos é o que sente, quando elles respondem mal, quando trepam por sobre os passageiros, quando dão sahida sempre apressada aos carros, quando praticam todos os desatinos visando incommodar de todos os modos os passageiros.

Como é sensivel a differença!

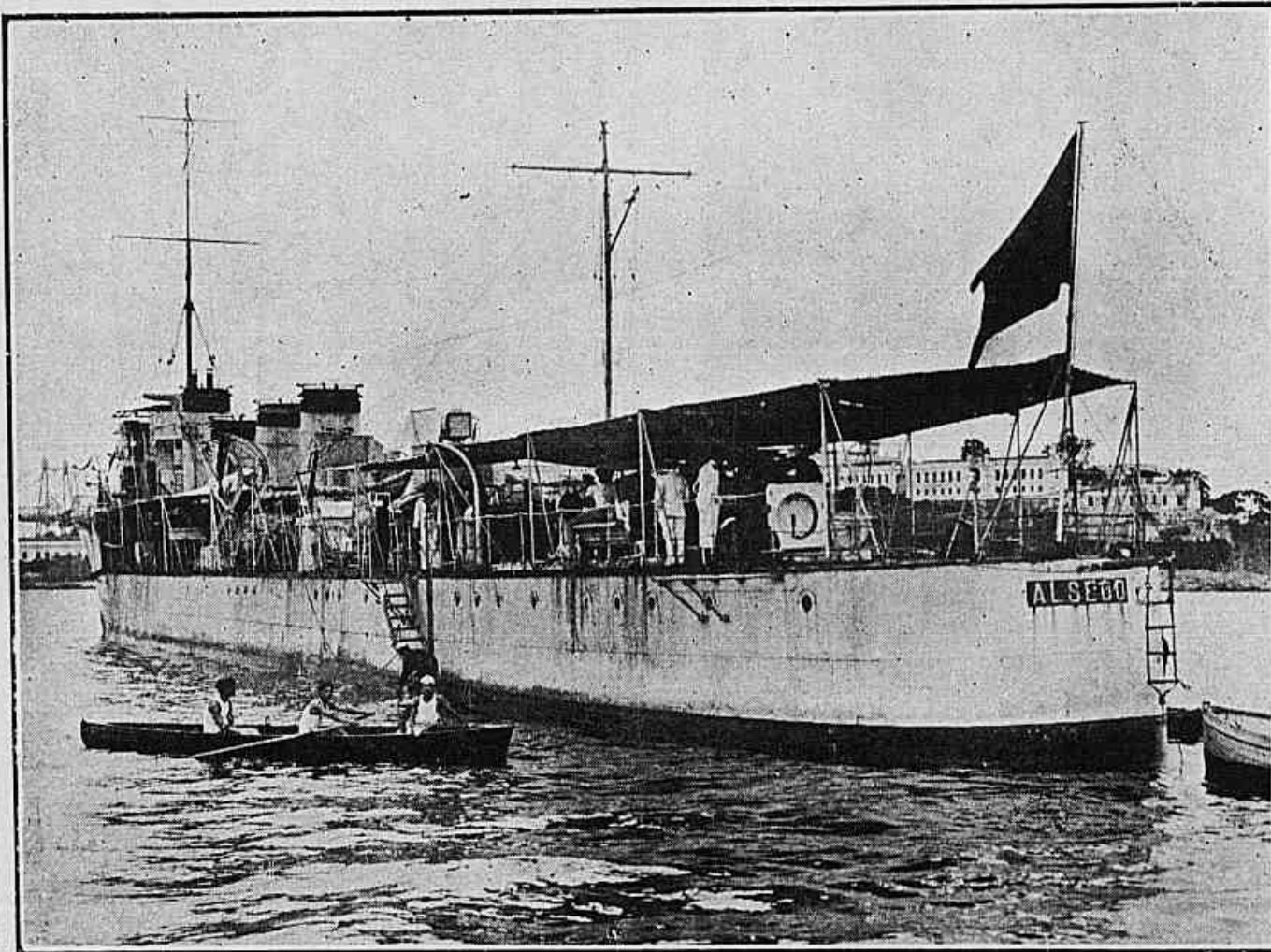
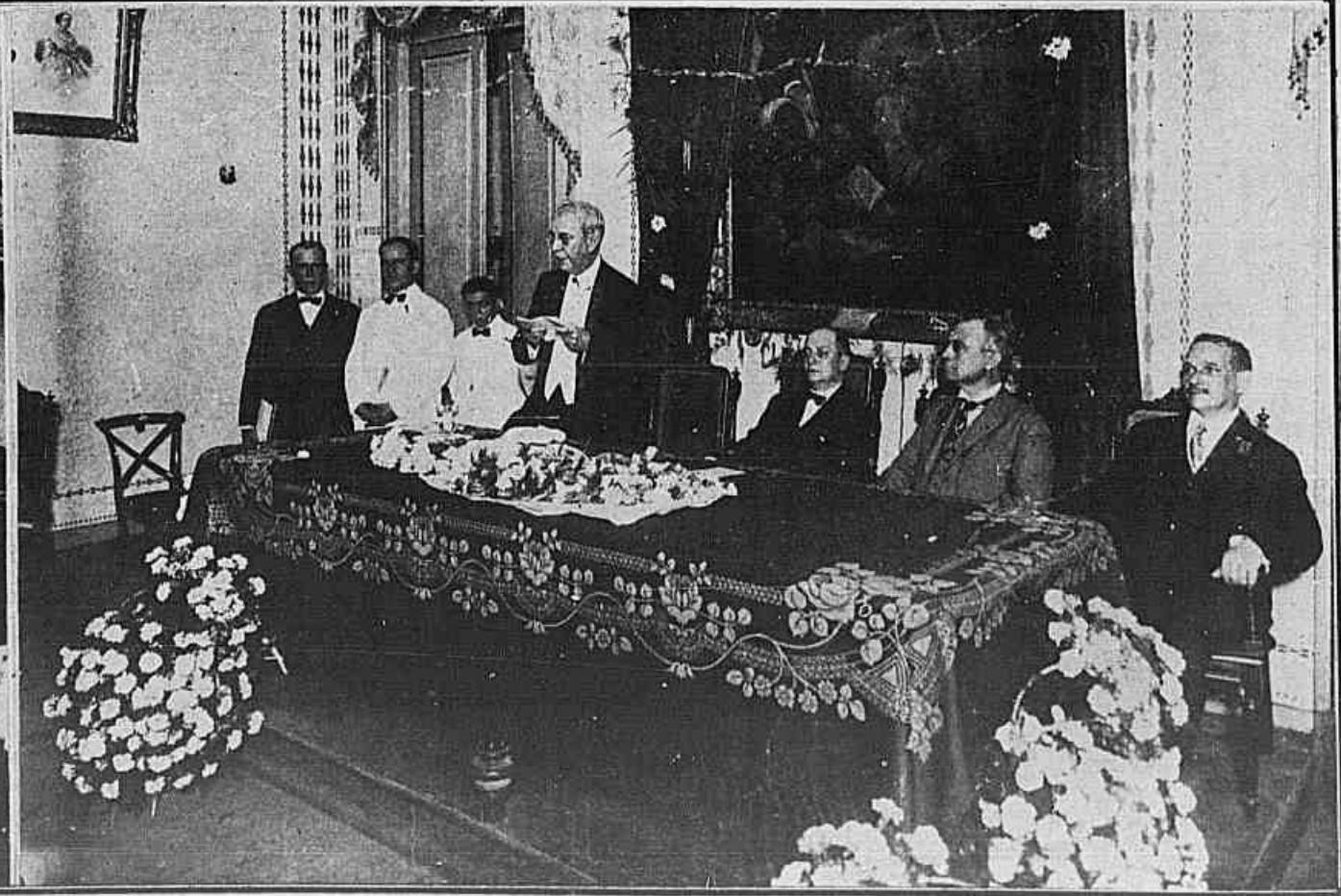
O "Alsedo" e a origem do seu nome

Visitou-nos novamente o navio de guerra hespanhol "Alsedo" que, acompanhando o *raid* glorioso do "Plus Ultra", ancorou na Guanabara pouco depois do poderoso avião da Iberia e que agora, finda a sua honrosa missão, regressa á Hespanha heroica e cavalheiresca.

O vaso de guerra hespanhol recordará agora, na marinha de Affonso XIII, as etapas do "Plus Ultra" e terá, assim, a dupla missão de evocar uma façanha — a de Ramon Franco — e um nome: o do glorioso marinheiro Francisco de Alsedo y Bustamante, morto heroicamente em Trafalgar.

Alsedo nasceu em Santander em 1758 e morreu em 1805. Em 1800 foi nomeado major general do departamento de Ferrol, gozando já de grande fama pela sua illustração, em varias occasiões acreditada. Na batalha de Trafalgar, commandava o navio *Montanés* e delle sustentou nutridissimo fogo, até que um navio de tres cobertas, que havia rompido a linha, se atravessou de pôpa, atacando o de Alsedo. Este, dirigindo-se aos seus, pronunciou estas palavras, que passaram á Historia: "Já disse que ordem, que eu quero approximar-me ainda mais desse navio de tres cobertas, bater-me á queima-roupa e abordal-o". Nesse instante, uma bala de canhão dilacerou-lhe o peito.

Para honrar a memoria de Alsedo, foi o seu nome dado successivamente a dois vasos de guerra e a municipalidade de Santander collocou uma lapide na casa onde nasceu o herõe. O seu retrato figura no Museu Naval de Hespanha.

A nova visita do «Alsedo» dá-nos o ensejo gratissimo de recordar duas glorias da Hespanha gloriosa: a de hontem — de Ramon Franco — e a de um seculo atrás — do heroico marinheiro de Trafalgar.

O «Alsedo»

Aspectos tirados no sabbado ultimo na Sociedade Auxiliadora dos Artistas Alfaiates por occasião da sessão solemne do 50.° anniversario social, durante a qual foram inaugurados os retratos dos srs. Antonio Joaquim Rodrigues Pereira e Francisco Bento de Oliveira, presidente e thesoureiro.

"LAMPEÃO", o bandido do nordeste

"Lampeão" é uma individualidade de que o Brasil inteiro se occupa de longa data. Agora, porém, vem a imprensa inteira falando dessa figura excepcional de cangaceiro, que faz do assassinio, do saque e do incendio o terror dos sertões e dos povoados do nordeste. Acaba "Lampeão" de apparecer no Joazeiro acolhido pelo padre Cicero, fazendo-se acompanhar de meia centena de cangaceiros, fardados de zuarte. Candido Lampeão é o coronel de sua tropa, na qual existem, com as caracteristicas militares das divisas, major, capitão e tenente... A meia centena de bandidos ás suas ordens, pretende "Lampeão" eleval-a a um milhar e, rezam as chronicas locaes, com essa força fazer "guerra" aos Estados da Parahyba e Pernambuco! O rei dos cangaceiros usa farda de coronel do Exercito, meias de seda, camisa de palha de seda, lenço encarnado ao pescoço, passado em um annel de brilhante, e relogio pulseira. Completam-lhe o traje o bornal e a cartucheira, enfeitados de moedas de ouro, e chapéo de abas largas, de cow-boy. E, ainda mais, a garrucha, a faca e o rifle. Que foi fazer Lampeão no Joazeiro? Dizem que alliciar soldados para a sua força, isto é bandidos para o cangaço. Aos novos correligionarios dá o cangaceiro-supremo um rifle com a munição, o fardamento e cem mil réis em dinheiro. As nossas gravuras mostram: Antonio Ferreira (1), "Lampeão" (2) e Sabino (3) com o grupo de cangaceiros e, ao lado, o celebre "Lampeão" com o seu uniforme. A primeira dessas gravuras foi tirada no Joazeiro no dia 2 de março de 1926, na rua Boa Vista, residencia de João Mendes de Oliveira, poeta dos fanaticos.

Primavera da Vida, versos de Lauro Loureiro — (*Rio*-1925).

O nome do poeta era-nos quasi desconhecido. Recebemos a sua "Primavera da Vida" e lemol-a para melhor conhecel-o. Ficámos a querer-lhe bem.

Os seus versos são simples, naturaes e espontaneos. Não são geniaes; são, porém, muito bem feitos, traçados com correcção e com a grandeza da simplicidade apregoada por Hugo.

Os poetas modernos costumam embrenhar-se no malsinado cipoal do futurismo, mercê do qual commettem todos os desatinos e perpetram todas as profanações; o sr. Lauro Loureiro, a despeito da sua mocidade, prefere — no que anda admiravelmente bem — seguir os velhos, e dá-nos versos com metrica, fórma, fundo e idéa.

A sua feição caracteristica é o lyrismo, o que não o impede de ser um poeta da paizagem de quando em vez.

"Primavera da Vida" é, cremos, o seu livro de estréa e, apezar disso, bem apreciavel, sendo bastante auspicioso o seu ingresso no Parnaso.

Cidade Rediviva, versos de João Suburbio.

O livro do sr. João Suburbio é um poemeto dedicado a Jaboticabal, Monte Alto e Guariba.

O autor começa o seu livro com uma nota em prosa, explicativa escripta á moda de Vargas Vila, e passa a mostrar-nos os seus versos que resumbram uma critica e um hymno, critica ao passado e hymno ao presente e ao futuro da sua terra.

O poema é feito em versos correctos e, por vezes, brilhantes, attestando o pendor poetico e as possibilidades do autor, cuja obra é bem interessante.

Coração da Noite, versos de Sobral Junior. — (*Editorial Helios Ltda. — S. Paulo*-1926)

O poeta da "Alma Dolorosa" publica o seu novo livro. O primeiro teve, com algumas restricções, juizo favoravel da critica; o segundo — "Coração da Noite" — logrará egual exito. Aquelle era exclusivamente de sonetos; este apresenta um apenas — o que define o titulo do livro.

O poeta tem imaginação e verseja com leveza e correntemente, sendo agradavel a leitura do "Coração da Noite", que é um livro todo de emoção, todo intimo.

A linda mentira... por Adelmar Tavares — (*Emp. Graph. Ed. Paulo Pongetti & Cia.* — 1925)

O poeta suavissimo de *Myriam luz dos meus olhos* e de *Noite cheia de estrellas* dá-nos agora um livro em prosa.

Adivinha-se, porém, nas paginas do prosador, a fibra do poeta, porque *A linda mentira...* é um livro todo impregnado de poesia, no qual vibram a delicadeza e a emotividade do sr. Adelmar Tavares.

A sua prosa é como os seus versos: attrahente e cariciosa, e a gente a lê com a alma recolhida e attenta, envolta num halo de suavidade.

O sr. Adelmar Tavares tem, pela doçura dos seus versos e pelo avelludado da sua prosa, algo de extranho. E' uma figura rara nos tempos de hoje e, por isso mesmo, mais notavel, uma vez que é o bardo do sentimento, que se transforma em *A linda mentira...* no escriptor da emoção.

O livro do poeta e jurista é bello e impõe-se pela sua feição natural e delicada, sendo de resto, uma fiel traducção da alma do seu brilhante autor.

Escassilhos... sonetos de R. Ribeiro Nimbos — (*Rio*-1926).

O livro do sr. Ribeiro Nimbos — que bem poderia ter outro titulo menos exquisito — divide-se em duas partes: "Escombros" e "Granjas e Caissáras".

Em ambas, e por excellencia na ultima, o autor se revela um poeta com algumas qualidades, traçando quadros e bordando paizagens de cunho accentuadamente regionalista. Os costumes e o ambiente sertanejo vivem nos seus sonetos, com uma certa propriedade, descriptos ás vezes, nas molduras pequeninas dos quatorze versos, com alguma felicidade.

"Escassilhos..." constituem uma promessa apreciavel, pois revelam qualidades no autor, principalmente a de fazer versos certos, tão raros hoje, quando todo mundo, mercê do futurismo, cuida, com suas razões, que póde fazer versos.

No valle das maravilhas, por Noraldino Lima — (*Imprensa Official — Bello-Horizonte* — 1925).

O sr. Noraldino Lima, da Academia Mineira de Letras autor de varios livros, em prosa e verso, recebidos com o favor da critica, enfeixou em volume uma linda série de artigos escriptos sobre o rio São Francisco e submetteu-a ao titulo de "*No Valle das Maravilhas*".

Ha no livro, além das qualidades do escriptor, que se nos apresenta com um estylo elegantissimo e perfeito, a observação. Esta é admiravel. O autor, viajando sobre as aguas do grande rio, na sua apreciavel porção mineira, traçou magnificamente as suas impressões, conseguindo impôr-se pela verdade e attrahindo a attenção dos leitores. Descrevendo o S. Francisco, o sr. Noraldino Lima estudou-lhe os affluentes, a physionomia das margens, as localidades ribeirinhas, os aspectos da producção, a pesca, o commercio de madeiras, o povoamento, o homem, as lendas, a poesia sertaneja, dando a todos os capitulos relevo accentuado pela belleza da linguagem e pelo cunho real. De alguns dos capitulos, como "O ultimo crepusculo", o sr. Noraldino Lima fez paginas litterarias em estylo brilhante e opulento, capazes, por si, de recommendarem *No valle das maravilhas*, se lhe não bastassem o seu feitio regional de impressionismo e a veracidade das suas paginas.

A Economia Politica e os Financistas indigenas, por A. I. Pinto Lima — (*Porto-Alegre*).

O livro do sr. Pinto Lima é uma obra composta de polemica jornalistica. O titulo define-o claramente, e o leitor encontra-lhe nas paginas uma interessante collecção de artigos sobre a riqueza nacional, emprestimos externos, immigração amarella, regimen tributario, estradas de rodagem, politica aduaneira, estabilidade monetaria etc.

Em todos esses capitulos ha com que se distrahir o leitor, porque o sr. Pinto Lima dá aos seus artigos uma graciosa leveza, que os torna assás interessantes.

As lagostas do rio Trapicheiro

O Trapicheiro, no morro do Andarahy, foi outr'ora um rio pequenino, mas com um volume de aguas relativamente apreciavel.

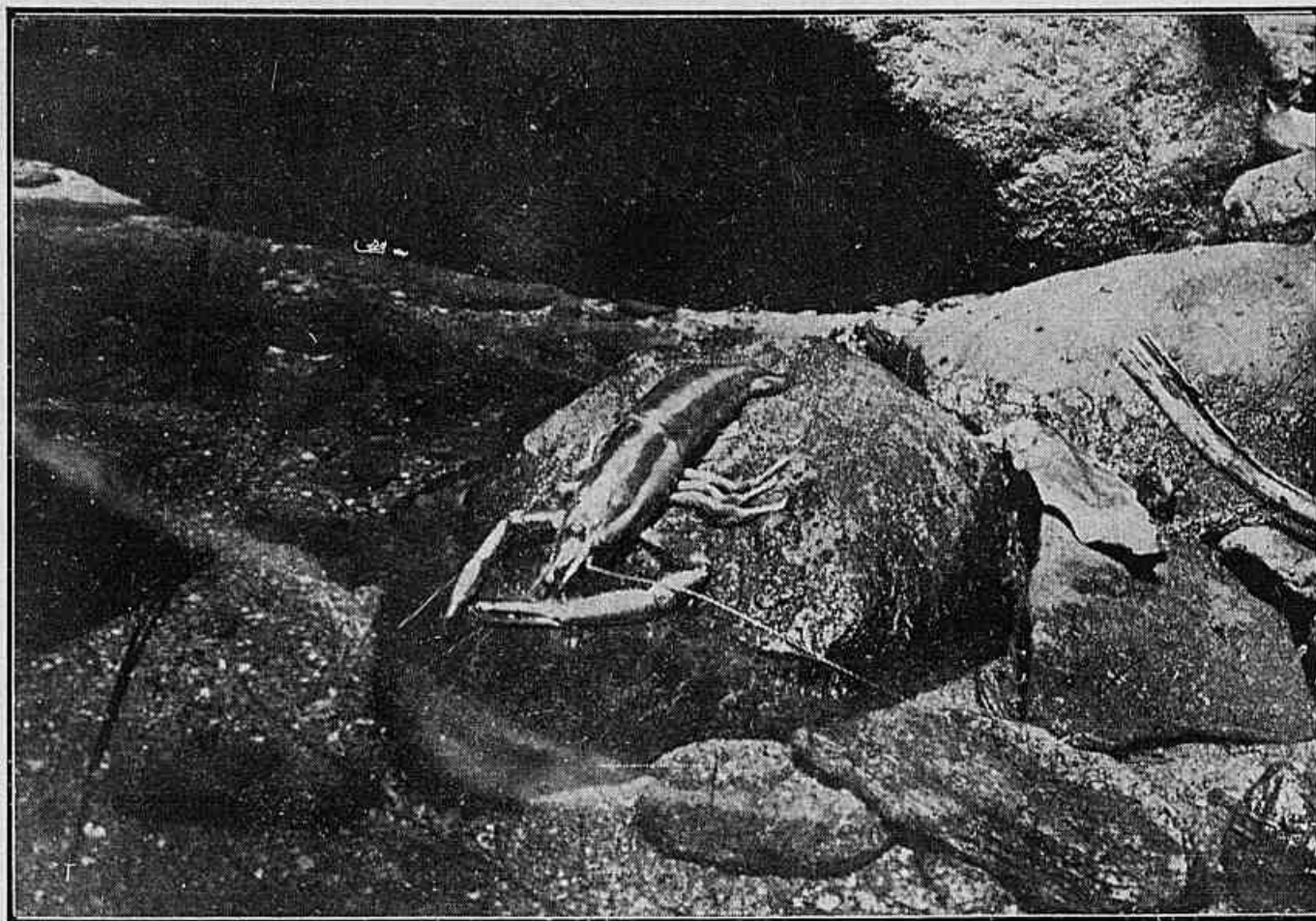
Captaram-n'as, porém, e o rio humilde e poetico, que serpeava, morro abaixo, pelo seio da floresta, até chegar ao plano, no fim da linha de bondes da Fabrica, tornou-se um corrego humillimo. A sua antiga grandeza é attestada apenas pelos enormes blocos de pedra que lhe crivam o leito, pedras que as suas aguas rolaram e poliram, arredondando-as, e que hoje se apresentam lisas, revestidas do limo favorecido pela humidade, mergulhadas a meio no palmo de agua que corre, múrmuro, sob a fronde das arvores agora em quantidade muito inferior áquellas que compuzeram a antiga floresta ambiente.

Quem dirá, porém, que naquelle palmo d'agua que resta ao Trapicheiro, em quasi todo o seu percurso pelo morro, existam tocas de lagostas?

Bem poucas pessôas. Ao que sabemos, apenas uma familia illustre do bairro descobriu os apreciados crustaceos, e a *Revista da Semana*, curiosa, procurou surprehender uma das "pescarias", contal-a e documental-a photographicamente.

A pesca da lagosta do Trapicheiro — como quasi toda pesca — demanda de paciencia. Não se encontram facilmente os crustaceos errando, á tôa, pelo leito do rio ou sobre as pedras. E' preciso quasi sempre procural-os e esperal-os, por palpite, sob as concavidades dos grandes blocos de pedra.

Não é só o peixe que morre pela bocca, avido de comer o pedaço que lhe atiram traiçoeiramente encobrindo o perfido anzol. A lagosta tambem acóde á perspectiva de um pedaço de carne amarrado á ponta de um barbante e que lhe atiram á porta da toca. Vem de manso. Estende, pouco a pouco, as patas, abre as tenazes para colher o alimento, approxima-se, recúa, torna a chegar, e vae suavemente deixando a toca em busca do tentador pedaço de carne que lhe é subtrahido de manso.

Só assim póde ser ella colhida, porque no seu esconderijo é impossivel. O trabalho, pois, consiste em fazer sahir a lagosta para o leito do rio. E' então que a aguarda a pericia do "pescador". Este arma-se de uma bolsa de talagarça, das que se empregam na caça ás borboletas, presa num circulo de arame á ponta de uma vara, e é com esse instrumento que ultima a péga da lagosta. Uma vez sahido o crustaceo da toca, a bolsa escora-o por trás, e elle, no recúo, entra insensivelmente no receptaculo, que é tirado das aguas com a presa encarcerada.

A's vezes, a lagosta, ao invés de recuar para a toca, avança para o meio das aguas. Mas a pouquissima profundidade do rio permitte a immediata captura, porque o saboroso crustaceo se vê perseguido pela bolsa que o espera e por uma vara que o impelle para ella.

Não se poderá dizer que as lagostas do Trapicheiro possam reproduzir o episodio sagrado da pesca miraculosa; entretanto, compensam a caminhada, a espera, a attenção despendida porque, se não se deixam apanhar ás centenas, são colhidas sempre em quantidade apreciavel e tamanhos varios.

Ha-as pequeninas e de proporções mais ou menos avantajadas, como essa que se vê em uma das nossas gravuras. Todas ellas, porém, qualquer que seja o seu tamanho, apparentam a mesma cautela, como se lhes existisse a noção do perigo que correm.

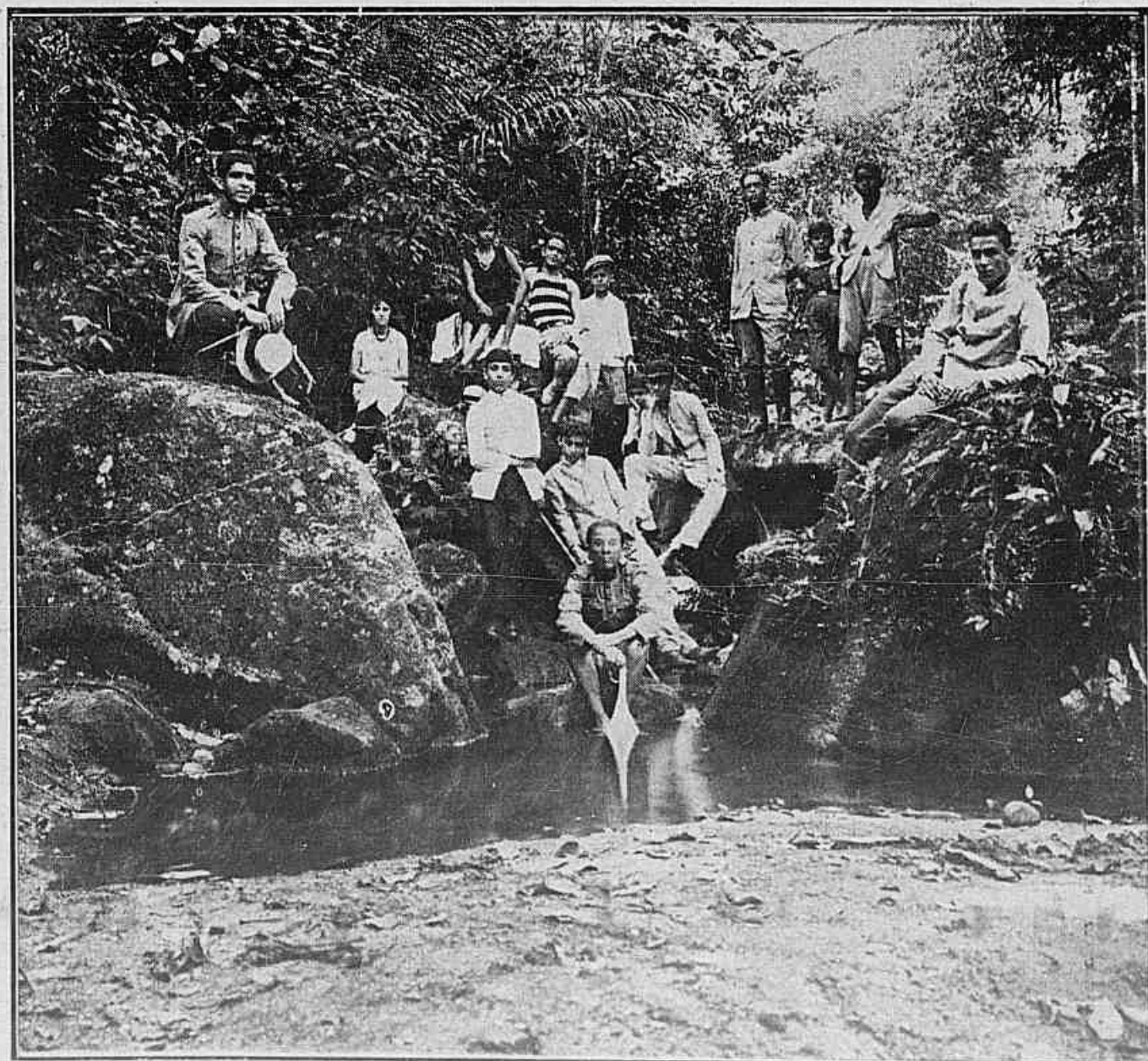
A lagosta do mar deixa-se colher na armadilha — a nassa — com uma relativa facilidade; a do rio Trapicheiro, pouco habituada a vêr pedaços de carne mergulhados na agua, é arisca, supremamente timida, e não poderá ser apanhada senão com uma accentuada dóse de paciencia. D'ahi, talvez, a ignorancia de que ellas existam naquellas aguas humildes e escassas que rolam da altura, porque provavelmente se recolhem logo que presentem a approximação de alguem.

Hoje, as lagostas do Trapicheiro maldirão a imprudencia da primeira que appareceu aos olhos de algum passeante, denunciando a sua existencia.

Quem sabe se, com a novidade que ora propala, a *Revista da Semana* não provocará romarias de "pescadores" em demanda das lagostas do Trapicheiro?

Uma lagosta de tamanho apreciavel sobre as pedras do rio Trapicheiro.

A perseguição á lagosta no Trapicheiro. Photographia feita no momento em que o crustaceo, tendo deixado a toca, é perseguido pela bolsa e por uma vara.

Grupo feito no Trapicheiro dos "pescadores" de lagosta, vendo-se no primeiro plano duas senhorinhas da nossa alta sociedade com os instrumentos em que é colhido o saboroso crustaceo.

Aspecto do Trapicheiro, vendo-se como é insignificante actualmente o volume das suas aguas.

Belem, apotheose das Descobertas

RADIANTE dia de Junho aquelle de 1497 quando a *São Gabriel* se apparelhava para zarpar em demanda do indomavel Tenebroso! Annos atrás, voltara por ali Bartholomeu Dias, ufano da façanha de dobrar o cabo das Tormentas. Mas, do cabo para trás, a sombra de Adamastor dominava o mysterio; os companheiros de navegação de Dias, que lhe tomaram medo, haviam obrigado o seu capitão a retroceder, e foi preciso que, a partir de então, transcorresse um decennio para que Vasco da Gama pudesse organizar uma frota disposta a desvendar a aterradora incognita. Era essa a que ia-fazer-se ao mar e á aventura. Pelas immediações da humilde capellinha de Nossa Senhora de Belem, que D. Henrique, o *Navegador*, erguera meio seculo antes, annexo do modesto hospital de marinheiros improvisado por elle sobre os brejos, fazendo brotar delles um oasis, um bosque de laranjas e um estendal de flôres, acudia á praia do Restello uma multidão heterogenea.

O santo templo

que nas praias do mar está assentado;
que o nome tem da terra, para exemplo,
d'onde Deus foi em carne ao mundo dado,

jamais vira tanta gente em torno. Attrahia á maior parte a curiosidade de contemplar de perto os galeões flammantes, não muito antes baptisados na margem meridional, diante da freguezia de Santo André, e com assistencia do rei D. Manoel. Já não eram os frageis e pequenos barineis com que exploraram as costas da Africa os marinheiros de D. Henrique, nem tão pouco as mais rijas fustas e caravellas, de cincoenta toneladas no maximo, que levaram o grande Bartholomeu e o seu segundo João Infante a lutar bravamente com as névoas do hemispherio sul. As negras naus, rijas e amplas, que compunham a nova flotilha, davam impressão de maior segurança, de resistencia mais tranquillisadora. Mas, ainda assim,

— *Por que me deixas, misera e mesquinha?*

clamava entre o gentio a mãe desconsolada que o immortal poeta desenhou; e a esposa, em cabello, increpava ao ingrato marido

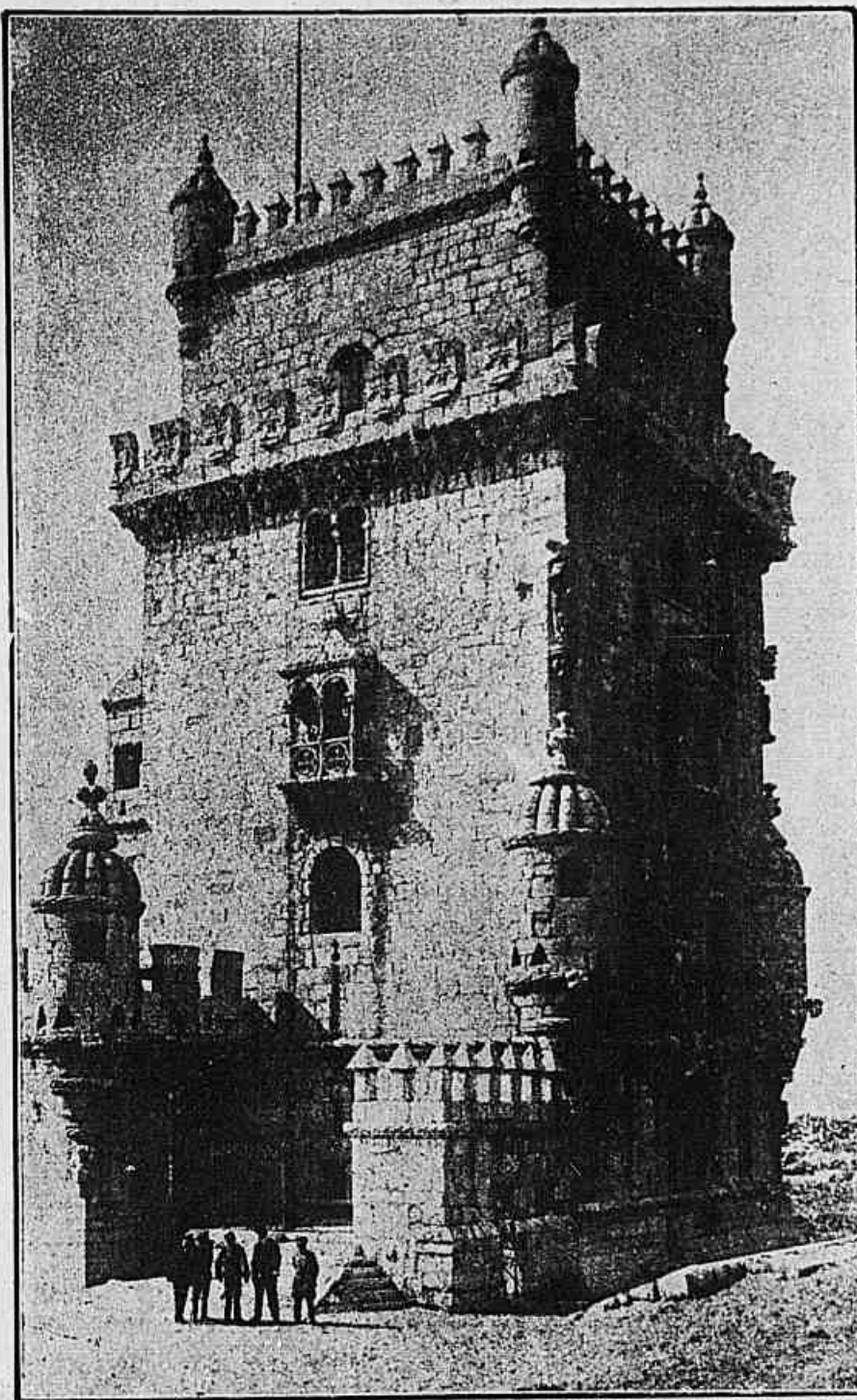
porque ir aventurar no mar iroso
essa vida que é minha, e não é vossa?

e á mór parte dos emprehendedores

por perdidos as gentes os julgavam,

e ao clamor de velhos e meninos, que ficavam sem filhos e sem paes, respondiam sinistras as cavidades dos montes fronteiros. Todavia, quando as embarcações largaram amarras, deve ter, certamente, arrefecido um tanto o ardor dos ousados nautas o escutarem elles, das margens, alguma imprecação desalentadora e sceptica, qual a daquelle ancião de *aspeito venerando* que ainda vive nas immortaes estrophes de "Os Lusiadas" para anathematizar a quantos, deixando mais proximos e praticos misteres, se lançam no desconhecido, sedentos de

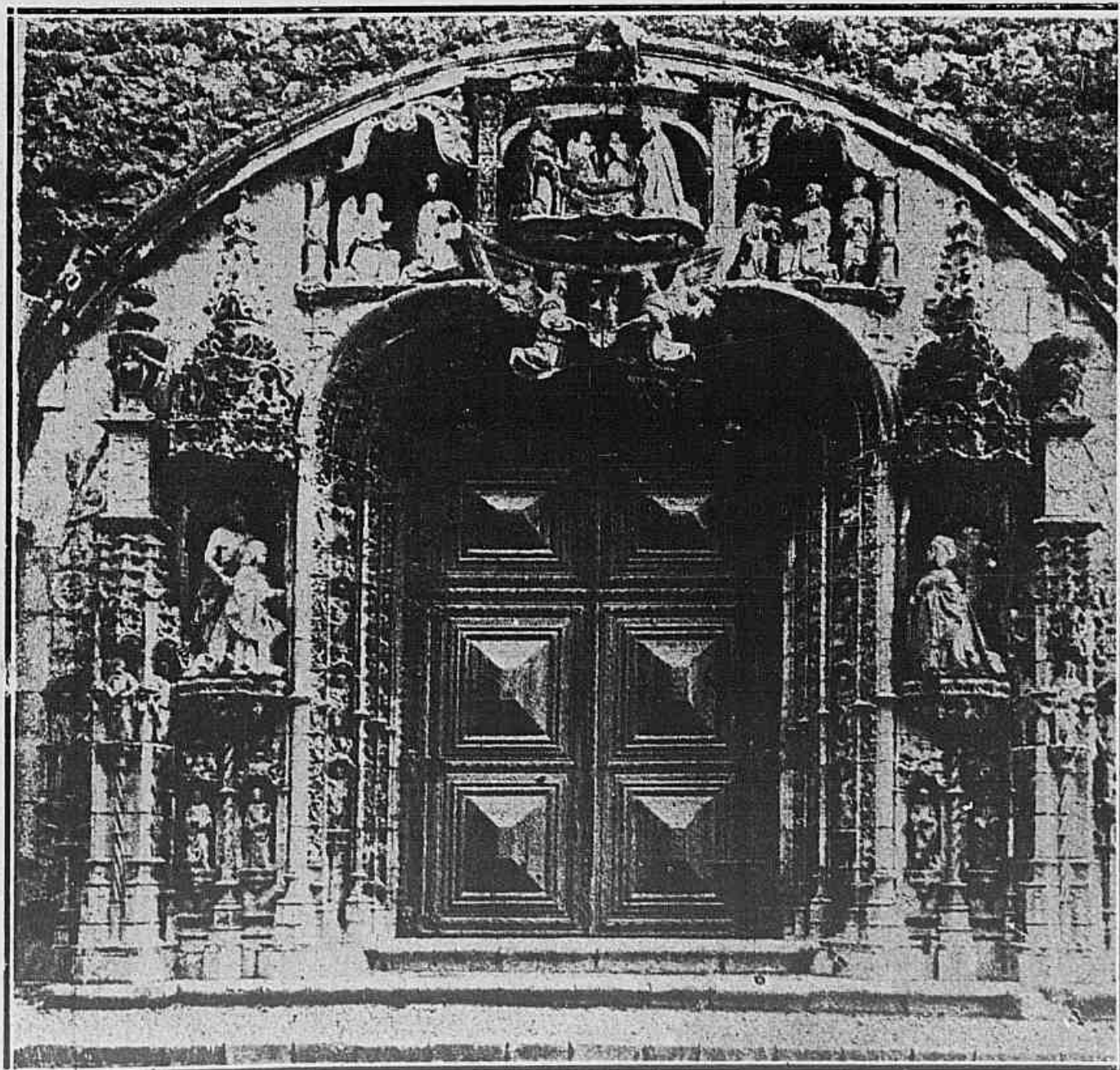
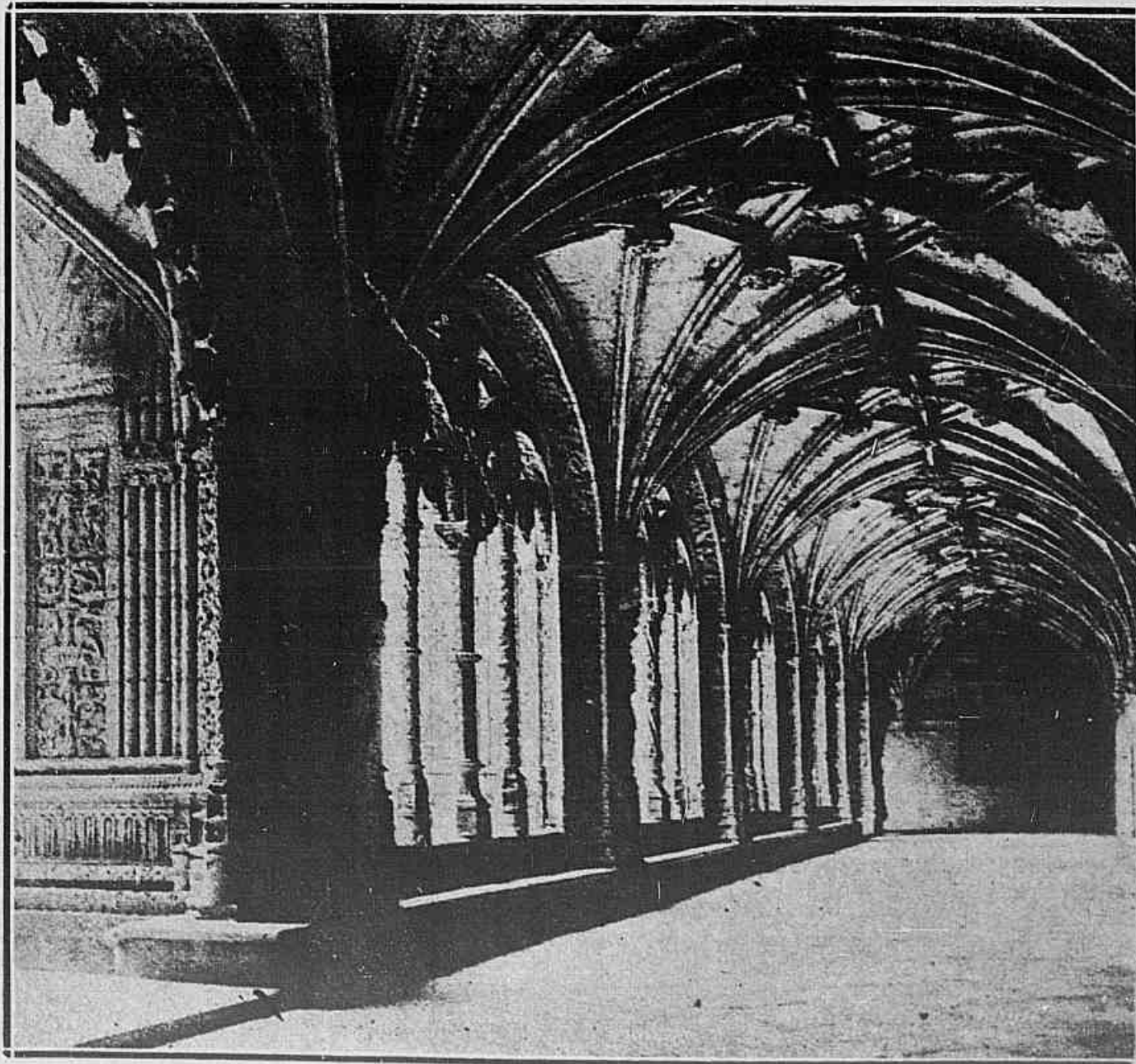
esta vaidade a que chamamos fama.

Transcorreram, porém, pouco mais de dois annos. Vasco da Gama voltava, triumphante, da sua empreza. O pendão das quinas ondulou victorioso sobre as providas costas de Malabar. Os que regressavam contavam maravilhas sem fim. O certo é que muitos pereceram. Que importava, se o Portugal de todos, o dos que se fôram e o dos que viriam, lograra levar ao Oriente a luz da sua cultura e a cultura da sua fé? O rei D. Manoel, soberano dos seus contemporaneos, acolheu o navegante glorioso com as maximas honras, concedendo-lhe o titulo de almirante, rendas e direitos; porém, ao mesmo tempo, encarnação da patria perduravel, quiz cinzelar em pedras immortaes não ja a recordação

A torre de Belem

da ditosa façanha, mas a indelevel lembrança da epopéia dos descobrimentos, porfia que antes delle se iniciou sonhadora e indecisa e que, depois delle, presentia que teria de proseguir. E sobre o que fôra antes uma ermida-refugio e um jardimsinho ephemero adivinhou, mais do que traçou, a silhueta de Belem, templo grandioso de acção de graças, enorme e florido jardim de pedra que perpetuamente estimulasse ás gerações que viessem com a evocação das proezas dos seus predecessores. A capella de D. Henrique cahiu, pois, por terra; mas sobre a entrada de formoso edificio que succedia haveria de estar perennemente, por vontade do fundador, a estatua *do primeiro auctor d'estas navegações, talhado de vulto em pedra, armado com cota de armas e a espada núa na mão, alevantada para riba*, como se do seu pedestal tivesse de continuar commandando eternamente infindaveis exercitos de descobridores.

E' assim que se deve vêr e admirar o mosteiro dos Jeronymos. Mais do que a sua belleza intrinseca, fanada pelos annos; mais do que a originalidade do seu estylo manuelino, que por si só fala da India e do velame e cordoalha das náus triumphadoras; mais do que a injuria das suas restaurações e a impiedade dos que profanaram a sua arte e o seu destino; mais que a ornamentação pathetica dos seus claustros; mais do que o encanto da filigrana das suas cristas e a majestade augusta das suas naves e as suas nervaduras e o primor das suas columnas, a quem fôr em romaria espiritual a Belem, ao Belem de onde nasceu o Oriente, impressiona um não sei que de desafio a todas as immensidades — á da gloria, á do futuro, á do mar, á de mais além — que é como o sello da obra inteira, mausoléo de grandezas e de sonhos, ex-voto de uma grey em pleno poderio ao Poder de onde vem todo poder; mas ao mesmo tempo cyclopica concreção de uma promessa, a de continuar dilatando o mundo e navegando para isso no oceano sem limites do ideal.

E por isso é Belem sepulcro dos maiores sonhadores lusos. Dormem ali as ansias de Manoel, o *Venturoso*; os esforços de Gama, a lyra de Camões, a impetuosidade de D. Sebastião, o estro de João de Deus, o vigor patriotico da prosa de Herculano. Até a propria geração presente levou ao pantheon de tantas esperanças, umas florescidas, frustradas outras, os disputados restos de Sidonio Paes, symbolo passageiro de muitas illusões, cujos effluvios parecem fluctuar ainda sobre os ingentes montões de corôas. Mas não são as lapides nem os epitaphios o que, nos Jeronymos, impelle á oração. E' o ambiente de historia que ali se respira; é o halito de afans tradicionaes, o aroma de uncção dos geniaes atrevimentos de uma raça que parece viver a embalsamar o espaço com incenso de benção. Perto da Peninsula descobridora, abrigo offerecido sob a quente aza da mãe terra á fadiga dos sulcadores do mar, todo coração ibero palpita debaixo das abobadas da basilica com impetos de gratidão. E quando, ao sahir della, um grupo em esculptura da porta principal nos mostra de joelhos a rainha D. Maria, a filha de Isabel de Castella, que foi esposa de D. Manuel, e, mais além, a galharda torre de Belem, vigia incessante das cercanias, do balcão onde se deita de bruços sobre o estuario enorme, dá-nos perspectivas de Cascaes, por onde volveu da vez primeira a embarcação de Colombo, uma vibração de orgulho perpassa em nós e escalda-nos os lacrymaes mostrando-nos em intima e subita contemplação os brasões immortaes da Raça.

F. DE LLANOS Y TORRIGLIA

Convento dos Jeronymos. Porta da entrada

Claustro do convento dos Jeronymos

Concurso da Aspiração Feminina

A "REVISTA DA SEMANA" PERGUNTA A'S SUAS LEITORAS:

Que mulher desejaria a senhora ser?

E ESPERARÁ AS RESPOSTAS ATÉ 31 DE MAIO PROXIMO.

O CONCURSO DA ASPIRAÇÃO FEMININA obedecerá ás seguintes condições:

1.a — As concorrentes poderão designar qualquer mulher, tirando-a da Historia, da Lenda ou da ficção litteraria.

2.a — A justificação da escolha não poderá ir além de doze linhas á machina em papel da largura geralmente usada pelos dactilographos.

3.a — As respostas deverão ser assignadas por uma phrase ou palavra qualquer; e em enveloppe separado e fechado deverá vir a mesma palavra ou phrase, acompanhada do nome da concorrente. No mesmo enveloppe, por fóra, se escreverá a phrase ou palavra em questão. Assim, o nome verdadeiro só será conhecido em caso de premio ou menção honrosa; e tal a razão da nossa exigencia que não serve senão para garantir ou favorecer as concorrentes.

4.a — A Revista da Semana reserva-se o direito de supprimir summariamente as respostas que lhe pareçam menos proprias para figurar nas suas columnas.

5.a — O jury deste concurso compor-se-ha de tres nomes notaveis nas letras brasileiras.

6.a — A Revista da Semana estabelece para as autoras das tres melhores respostas tres premios respectivamente constituidos por joias dos seguintes valores: — 1.° premio, Rs. 1:000$000; 2.° premio, Rs. 500$000; 3.° premio, Rs. 300$000. Essas joias poderão ser escolhidas em qualquer estabelecimento pelas proprias concorrentes premiadas. Além disso, haverá as menções honrosas que o Jury determinar e que consistirão na reproducção das respostas, com os nomes das autoras. E todas as recompensas comprehenderão retrato, na Revista da Semana, das senhoras ou senhorinhas contempladas.

Temos recebido varias cartas de candidatas a este concurso, perguntando se podem escolher uma figura alheia á série de mulheres celebres que temos publicado e continuaremos a publicar. A resposta, antecipadamente a démos na primeira das clausulas do concurso. As biographias ou louvores insertos nesta pagina servem apenas como exemplificação; mas as concorrentes podem designar qualquer celebridade historica feminina, uma heroina de romance ou de theatro, a inspiradora dum poema ou obra de arte em geral, e até uma figura de lenda. Ao demais, repetimos, o valor da resposta não está na natureza da escolha e sim na sua justificação. E' dizendo, no espaço limitado na 2.a clausula, as razões por que preferiram esta ou aquella mulher que as concorrentes podem fazer jús aos premios estabelecidos — pois não é este um certame de caprichos ou vaidades mas principalmente um prelio de intelligencia.

D. ROSA DA FONSECA

Casada com o tenente-coronel cirurgião do exercito nacional Manoel Mendes da Fonseca, senhora de fina educação e cultura, esposa dedicada e nobre, mãe extremosa, possuia D. Rosa da Fonseca o sentimento do mais acrisolado e elevado patriotismo.

Homem de caracter austero, seu esposo, propugnador da liberdade de sua Patria, não vacillou em tomar uma attitude, pondo em jogo o seu futuro, quando, em 5 de Outubro de 1844, Alagôas, sua provincia natal, se revolucionou por causa de preferencias politicas, sendo chefe dessa revolução o coronel José Vieira Peixoto. Tal movimento, como veremos adiante, foi suffocado pelo general Antonio Corrêa Seara, que para Maceió seguiu do Rio de Janeiro, com tropas para esse fim.

Semelhante insurreição teve por causa a mudança da Thesouraria Geral da cidade de Alagôas (então capital dessa provincia) para a de Maceió, que passava a ser a capital, em virtude de uma lei promulgada nesse sentido. O movimento explodiu no dia 29 de Outubro de 1839, tendo por principal insuflador o dr. Tavares Bastos, então juiz de direito da Villa Nova de Sergipe e que mais tarde se tornou notavel nas letras juridicas brasileiras.

Como se vê, não havia razão para semelhante lucta, pois Maceió fôra julgada como cidade maritima e centro importante de commercio, melhor ponto para capital dessa então provincia.

Mas o presidente dr. Agostinho da Silva Neves vinha soffrendo, desde começos do seu governo, uma terrivel campanha da parte dos opposicionistas da Assembléa Provincial, á qual pertencia Mendes da Fonseca, que assumiu um dos principaes papeis nesse movimento.

Assim foi elle que cercou o palacio do governo á frente dos soldados da tropa de linha a que pertencia, impedindo toda e qualquer communicação do presidente com as demais repartições e com a força publica.

Mas o 1.° vice-presidente dr. João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú (mais tarde Visconde de Sinimbú e um dos mais notaveis estadistas do Imperio) que estava em Maceió, assumiu a presidencia e ordenou, pelas municipalidades, a contra-revolução, mandando o capitão do patacho *Dois Amigos* partir para o porto Francez, e ahi receber o presidente Silva Neves, que estava preso pelos revolucionarios.

O capitão do dito patacho, José de Paula Reis, desempenhou perfeitamente a melindrosa commissão e trouxe o presidente para Maceió, onde elle reassumiu o governo.

Os insurrectos tiveram uma grande decepção, mas continuaram senhores da cidade de Alagôas, antiga capital.

Sinimbú, que era um homem de talento e energia verdadeiramente superiores, apenas subira ao poder pedira soccorros de forças para Pernambuco, emquanto as municipalidades agiam activamente contra os revoltosos, deixando-os por fim acantonados na propria cidade de Alagôas e sem mais acção sobre outro qualquer ponto da provincia.

D. Rosa da Fonseca

Os soccorros pedidos vieram, chegando a Maceió no dia 9 de Dezembro do mesmo anno uma expedição ao mando do tenente-coronel Trajano Cesar Burlamaqui, o qual a 12 desse mez entrava em Alagôas sem dar um tiro, porquanto os revoltosos, vendo que não podiam enfrentar essa força, se dispersaram e fugiram, tentando organisar resistencia onde fosse possivel.

Mas jamais o conseguiram, não só pela impopularidade e sem razão de sua causa, como tambem porque ás forças do tenente-coronel Trajano Burlamaqui vieram juntar-se, depois, as enviadas do Rio de Janeiro com o general Seara.

E a antiga provincia de Alagôas foi assim inteiramente pacificada.

Obrigado a retirar-se da provincia o tenente-coronel Mendes da Fonseca veiu para o Rio de Janeiro, onde se reformou no mesmo posto com pequeno soldo para viver e educar oito filhos, sob a acção do seu caracter honesto, independente e patriotico.

D. Rosa da Fonseca, dotada dos mesmos sentimentos patrioticos do marido e nascida e educada em época dos mais alevantados ideaes civicos, com a alta coragem e a incomparavel abnegação das verdadeiras heroinas, foi sem duvida o seu maior auxiliar e o anjo tutelar da familia, aliás como todas as grandes e nobres mães.

Sob esse santificado influxo, educaram-se os seus sete descendentes, que abraçaram a digna carreira das armas.

Esses descendentes foram o generalissimo Manoel Deodoro da Fonseca, marechal Hermes Ernesto da Fonseca, e marechal de campo Severiano Martins da Fonseca, barão de Alagôas, os quaes deram os maiores exemplos de abnegação e coragem nas guerras do Uruguay e Paraguay; bem assim o general medico dr. João Severiano da Fonseca, o tenente reformado e coronel honorario Pedro Paulino da Fonseca, o major Eduardo Emiliano da Fonseca, o capitão Hyppolito Mendes da Fonseca e o alferes Affonso Amelio da Fonseca, que foram tambem denodados soldados da campanha do Paraguay.

Para as inhospitas e longinquas regiões dessa Republica D. Rosa da Fonseca, já então viuva, viu embarcar os seus extremosos filhos, com aquelle heroismo de D. Maria de Souza, ambas dignas de serem comparadas ás mulheres spartanas.

As lagrimas de despedida e de saudade, á medida que lhe envelheciam os cabellos, lhe tonificavam o coração, ancioso por conchegar-se aos dos queridos filhos, quando voltassem cobertos de louros.

A fatalidade porem foi-lhe, em parte, adversa porque lhe roubou desapiedadamente tres desses heroes.

O primeiro a cahir, victima da metralha do barbaro dictador do Paraguay, foi o major Eduardo da Fonseca, commandante do 40.° batalhão de voluntarios, da patria, morto heroicamente no combate da ponte de Itororó em 6 de Dezembro de 1868, com o bravo catharinense coronel Fernando Machado; os dous outros foram o capitão Hyppolito da Fonseca, commandante do 36.° de voluntarios morto gloriosamente sobre o parapeito da trincheira de Curupaity a 22 de Setembro de 1869 e o alferes do 34.° tambem de voluntarios Affonso da Fonseca, morto no mesmo combate.

Os tres primeiros, intrepidos e denodados guerreiros, voltaram coroneis e realmente cobertos de louros.

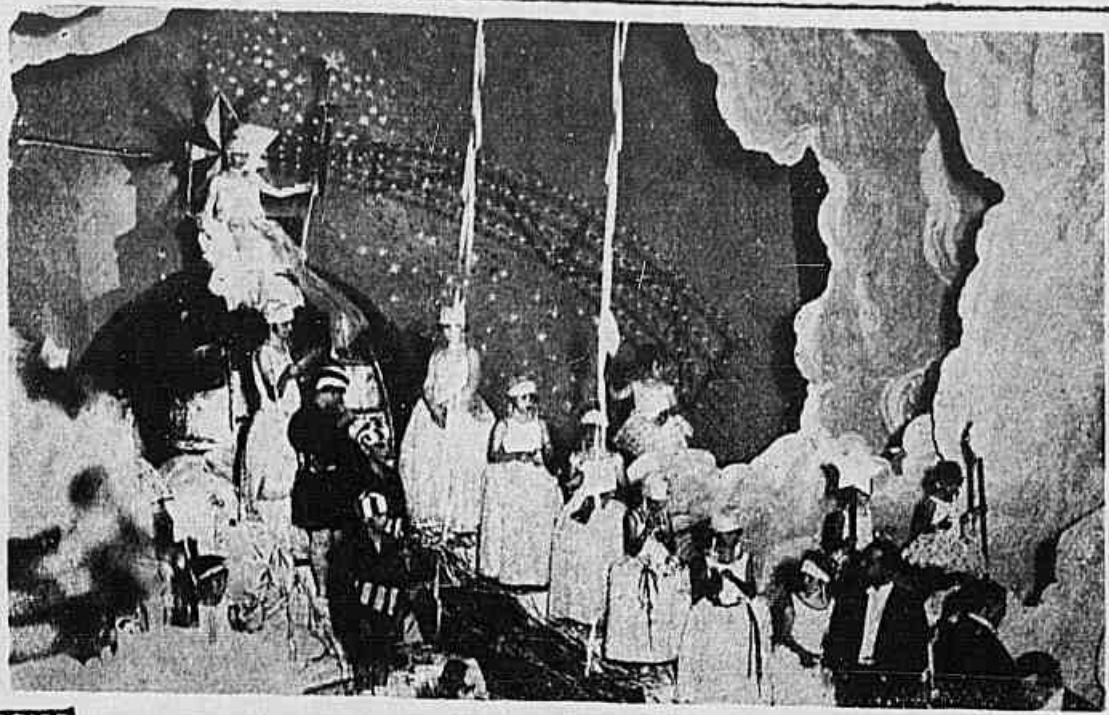
D. Rosa, que sempre se associou ás manifestações de grande regosijo publico quando ao Rio de Janeiro chegava a noticia das victorias alcançadas pelas nossas armas e mandava sempre illuminar a fachada de sua modesta residencia, ao ser informada do combate de Curupaity, no qual as forças alliadas tiveram fóra de combate 4.096 homens e "ficou illesa a bandeira brasileira", como disse nesse dia o glorioso general barão de Porto Alegre, ordenou que, mais uma vez, o exterior de sua vivenda acompanhasse o regosijo publico illuminando-se em gala, embora no seu interior ella, a heroina Mater-Dolorosa, vertesse as lagrimas da saudade e da dôr, pela perda de seus dois filhos, sendo que o ultimo era ainda a bem dizer adolescente e o mais moço de todos, aquelle para que a sua alma de mãe, na effusão do amor e provas de affecto, não se detinha sinão ante a heroicidade no sentimento varonil de uma mulher superior, como era integralmente D. Rosa da Fonseca.

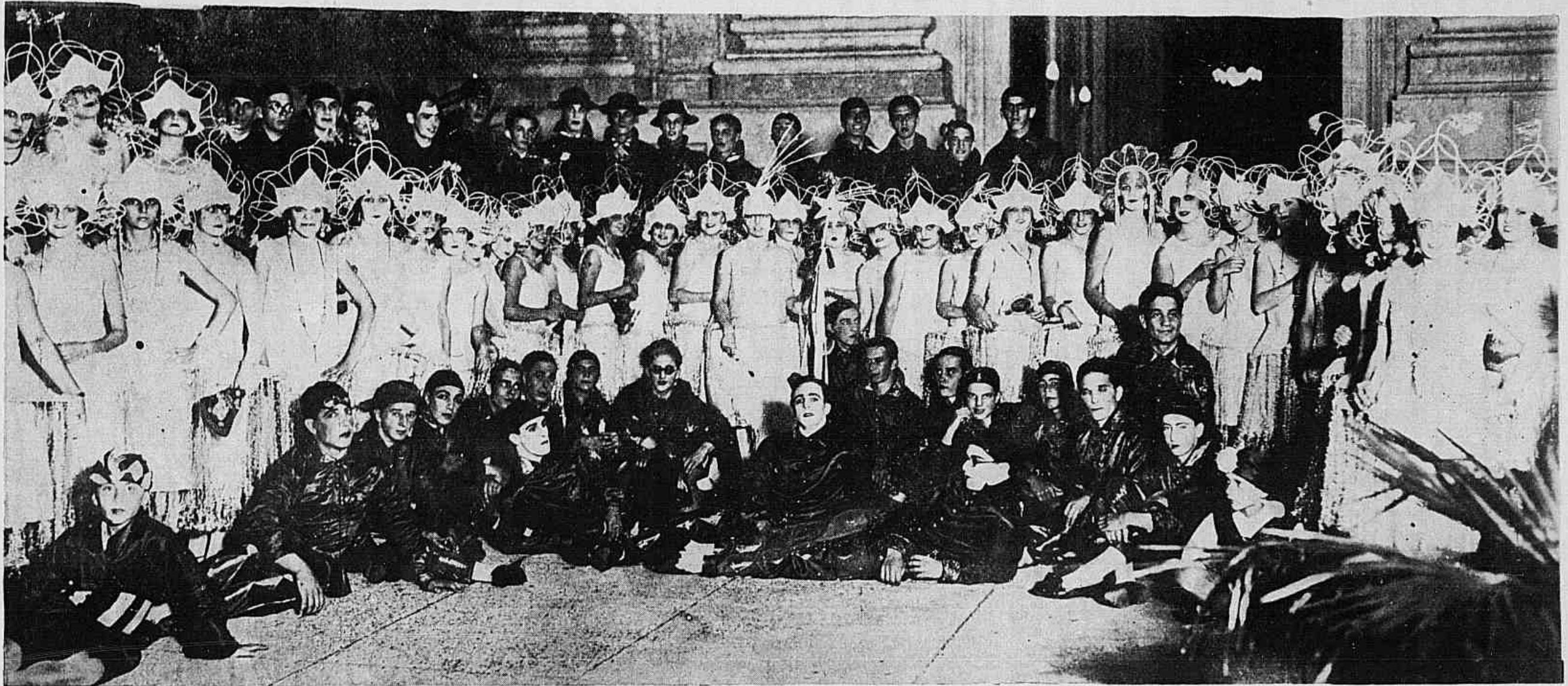
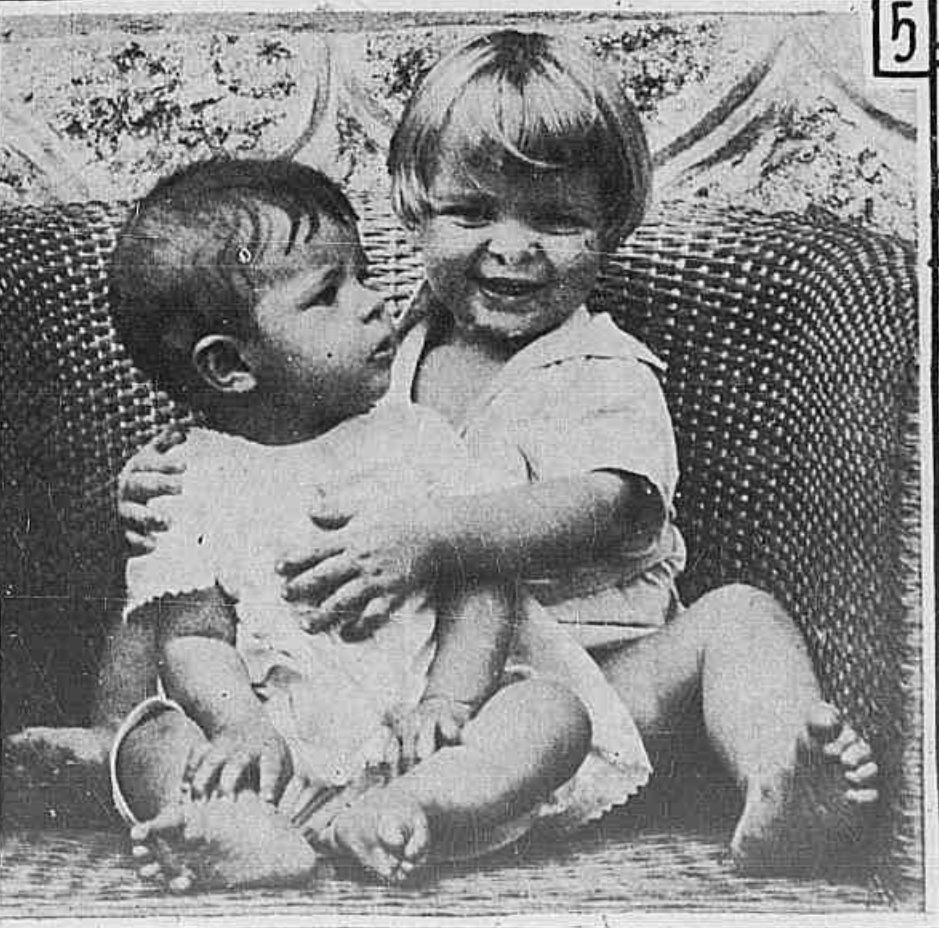
E assim a sua veneranda e extraordinaria figura de matrona de antigas eras ficou, na nossa historia, para sempre gloriosa e immortal.

VIRGINIA

Typo feminino ideal, o da heroina de Bernardin de Saint Pierre, typo que interessa profundamente a America pois a ficção a fez viver n'uma porção do nosso continente, nas Antilhas francezas. O exotismo penetrou na litteratura da França, pela penna de Bernardin e Chateaubriand, embellezando-a com as figuras inolvidaveis de Virginia e Atalá.

Virginia é a castidade no amor, passa por elle como a salamandra pelas chammas, intacta; nas paizagens da ilha natal, na côrte de França é sempre a mesma figura casta, a mesma mulher honra do seu sexo, aquella que no meio da tempestade, no convez do "Saint Géran", recusou ser salva por um marinheiro, só para não deixar as suas vestes, virginal diante da morte como diante da vida.

Figura grande, inolvidavel, exemplo da moça honesta, desinteressada, figura que arrancou lagrimas ao seculo XVIII e continua a attrahir espiritos e a enternecer corações seculos em fóra, Virginia é modelo da imaginação para exemplo de quantas cultivem o pudor, o sacrificio, a singeleza, de quantas queiram obter a ventura pedindo-a á felicidade alheia.

O Carnaval em Porto Alegre

Aspectos dos bailes da Sociedade Philosophia, de Porto Alegre, realizados no ultimo carnaval, no Theatro São Pedro, daquella capital. 1 — Throno armado no palco do Theatro e no qual se vê a soberana, a senhorinha Doquinha Cezimbra. 2 — Dois pares do cordão Zig-Zag. 3 — O cordão Zig-Zag, que constituiu um dos elementos de exito dos bailes da Sociedade Philosophia (Photographia tirada nos jardins do Palacio do Governo).

Creanças

1 — *Germana*, filha do dr. José Mendes e d. Juracy Braga Mendes.

2 — *Nina*, filha do sr. Vittorio Parma, e suas amiguinhas Aidinha, Gelta e Heméa.

3 — *Orlandina*, filha do sr. Roberto Lopes e d. Arminda Lima Lopes.

4 — *Antonio Julio*, filho do sr. Armando Manso e d. Nair Duarte Manso.

5 — *José* e *Maria do Carmo*, filhos do dr. Gervasio Castello-Branco.

Figurações de Nomes
Ultima dóse, para contentar as incalculaveis solicitações
Raul fecit

A MODA

Em materia de toilette, ou pelo menos nos vestidos, observa-se uma tendencia opposta á extrema simplicidade da linha recta, mas em materia de penteado conserva-se o gosto da simplicidade.

Os chapéus são e continuarão simples e com a mesma sobriedade nas guarnições. E os penteados seguem essa tendencia mesmo á noite, quando todavia seria facil permittir-se alguma fantasia.

Algumas pessoas acreditam no entanto na volta offensiva do chignon; apresentam, como apoio da sua these, numerosas razões: primeiro, é preciso mudar, e já ha muito tempo que se usam os cabellos curtos; em seguida, a industria do cabello postiço está no marasmo, centenas de operarios estão sem emprego; e depois, os cabellos compridos são a mais bella guarnição da mulher e aquella de que ella tinha mais orgulho (em outros tempos) etc.. Emfim são opiniões e cada uma é livre de pentear-se da maneira que mais gosta, usando os cabellos compridos ou curtos. Mas para as moças nada vae melhor, e o corte dos cabellos offerece numerosas variantes que permittem mudar completamente o aspecto em tudo e por tudo. Bem melhor que com os cabellos compridos, as mulheres com cabellos curtos transformam o seu penteado. Isso para responder ao desejo de mudança que é a base da moda.

E depois, se é incontestavel que o cabello curto pede mais frequentes

Vestido de seda ligeira, de côres vivas e alegres.

ULTIMOS MODELOS

N.º 1 — Vestido em crepe marocain azul marinho, golla e jabot em crepe de China azul vivo. N.º 2 — Vestido em crepe da China verde amendoa, guarnição bordada. N.º 3 — Vestido em ottoman de seda *violet-prune*, forro das mangas em crepe de China com desenhos roxos. N.º 4 — Vestido em crepe romain blond guarnecido com cremes. N.º 5 — Vestido em setim preto, enfeitado com uma fina renda de Veneza.

COMO UMA MULHER PODE CONSERVAR SUA JUVENTUDE

(Da Revista "Popular Topics")

"A mulher que deseja parecer joven deve abster-se do uso de crêmes e carmins, porque do contrario só conseguirá peorar o aspecto do seu rosto e destruir os tecidos de sua cutis", diz Margaret Holmes Bates, a conhecida escriptora. "Medicos autorizados declaram que se a mulher abusa de methodos artificiaes, arrisca sua saude", assim continúa a escriptora. O tratamento perfeito ao qual se póde submetter uma cutis má é o da cêra mercolized (em inglez : "pure mercolized wax"), pois esta nada accrescenta á pelle, ao contrario tira-lhe algo : toda cuticula superficial, velha, descolorida e manchada. Deste modo vai apparecendo, em seu logar, a nova cutis delicada que surge gradualmente das camadas inferiores para revelar-se á superficie. Isto é o que se consegue com a cêra mercolized, que se póde encontrar em qualquer pharmacia. A cêra actua com toda suavidade e sem causar damno á nova cutis, dando á tez um aspecto rosado e brilhante completamente distincto do que apresenta uma pelle tratada por pintura. Este é o methodo que se deve seguir para que uma mulher possa conservar sua juventude.

idas ao cabelleireiro, exige por outro lado muito menos tempo diariamente com o penteado que o cabello comprido.

E sobretudo, e isso é importantissimo, pinta-se muito melhor e muito mais facilmente... e hoje quem quer ter cabellos brancos?

Conselhos Sociaes

O IDEAL

Não ha ninguem no mundo, por mais desherdado que seja, que não tenha sentido os beneficios da bondade de uma mãe, d'um amigo, de um ser hu-

Precioso vestido de crepon brochado, guarnecido com chinchillina.

MODA INFANTIL

1 — Vestido em crêpe de Chine *pervenche*, fita de setim do mesmo tom como guarnição. 2 — Vestidinho em voile de algodão côr de rosa vivo. 3 — Calcinha em veludo azul marinha, bluza em crêpe de Chine vermelho. 4 — Vestidinho em veludo azul, os godets são guarnecidos com soutache verde, esse mesmo soutache guarnece o decote e as mangas. 5 — Vestido em crêpe de Chine verde jade.

mano qualquer, talvez sómente de um cão fiel. Desde esse momento, elle tem a concepção d'essa virtude. Ser-lhe-á facil imaginar alguem que seria melhor ainda que esse bemfeitor e, atrás d'esse outro, um ser melhor ainda.

Este "sempre melhor" nos leva direito ao infinito, ao ideal da bondade. Da mesma maneira, podemos conceber o ideal das outras virtudes das quaes teremos reconhecido a belleza, e será com essas luzes reunidas que se comporá o pharol do nosso Ideal.

Infelizmente, deixamos muitas vezes apagar-se este pharol, que deveriamos entreter sempre cuidadosamente, tornal-o sempre mais luminoso juntando o ideal de qualquer outra virtude.

Existem virtudes das quaes não vemos immediatamente a belleza: uma d'ellas é a humildade, tão pouco apreciada, e a castidade, tão ridicularizada. Tambem é precisa uma certa madureza do espirito para conseguir a paciencia, a indulgencia; não são estas virtudes da mocidade.

O maior erro do homem é rebaixar o seu Ideal, quando deveria collocal-o sempre o mais alto possivel.

Não é um fim ao nosso alcance, é uma estrella no firmamento que nos guia. Sem duvida nós nos extraviamos muitas vezes, esquecemos levantar o olhar para o astro que nos deve dirigir, mas ella está sempre lá: levantemos a cabeça!

Não desanimemos e, para nos facilitar a tarefa, não tomemos por guia um objecto mais perto de nós, um fogo fatuo que póde desvanecer-se.

Não se transige com essa virtude; com tal ceu não existem accommodações. Este Ideal parece faltar completamente ás gerações presentes, predominando n'ellas a idéa fixa de gosar a vida. Tudo o que era sentimentalismo, poesia, foi posto de parte como estorvo e antiqualha. Imaginam-se felizes, mas na realidade não o são, porque sem Ideal não póde haver verdadeira felicidade. Sem elle não se vive, vegeta-se.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

O QUE DEVE COMER O DYSPEPTICO

Algumas regras dominam com toda a sua importancia a alimentação d'aquelles que soffrem do estômago, qualquer que seja a causa da dyspepsia.

Em primeiro logar a regularidade. O dyspeptico deve comer em horas fixas. Além d'isso o dyspeptico precisa de comer lentamente, exagerando mesmo, para que o alimento já vá para o estomago bem mastigado, para que o trabalho d'este fique facilitado, como tambem é preciso que elle esteja bem misturado com a saliva. Este liquido segregado pela bocca contem o primeiro fermento digestivo que nada substitue. Nenhum medicamento substitue isso que acabamos de citar.

Agora a questão menu. Bem entendido nada de môlhos, nada de temperos, nada de frituras, nada de alimentos complicados. Mas d'ahi não exagerar: é preciso tambem ter receio dos regimens extremos. Cada um deve conhecer a sua natureza e saber melhor ainda que o medico quaes os alimentos que lhe são nocivos. Deve-se ter tanto receio dos regimens severos de mais como dos alimentos indigestos, que deprimem, augmentam o nervosimo, porque quasi sempre os dyspepticos são nervosos. Esses regimens exagerados, n'um grande numero de casos, dão o resultado opposto.

De um individuo que tem o estomago funccionando mal, elles fazem um verdadeiro doente. Com medo de comer isto, prohibido de comer aquillo, o desgraçado acaba por não

Chale amarello bordado em varias côres.

comer mais uma ração sufficiente e perde toda a energia, enfraquecendo-se.

Em resumo, os dyspepticos que desejam curar-se devem comer em horas fixas, mastigar lentamente e muito bem. Que o regimen seja eclectico, o mais amplo possivel, adaptado a cada individuo, que deve observar elle mesmo o que lhe é nocivo.

MENU (magro)

SOPA DE LEITE E TOMATES

PEIXE NA GRELHA

BATATAS COZIDAS

ALHOS POIREAUX AU GRATIN

EMPADAS DE CAMARÕES COM PALMITO

ARROZ

PUDIM DE MAÇÃS COM CRÊME DE BAUNILHA

SOPA DE LEITE E TOMATES

Põe-se alguns tomates a cozinharem numa panella, com agua, uma folha de louro, um bouquet de cheiros, cebola e um pouco de sal. Depois de estar tudo bem cozido, côa-se por uma peneira fina, ou espreme-se n'um panno; á parte faz-se um crême com uma colher de manteiga, uma garrafa de leite e a maizena que fôr necessaria para engrossar, e por ultimo junta-se duas gemmas e caldo de tomate e despeja-se na sopeira sobre torradinhas fritas na manteiga.

PEIXE NA GRELHA

Depois de partido em fatias o peixe, e bem lavado, passa-se cada pedaço por manteiga derretida, salsa picada, sal-

sufficiente; envolve-se em farinha de rosca e põe-se para assar na grêlha sobre brazas vivas, untando-se de manteiga e voltando d'um para outro lado até se assar.

Serve-se com azeitonas.

ALHOS POIREAUX AU GRATIN

Cortar o branco dos alhos *poireaux* em pedaços de 3 a 4 centimetros, reunil-os em pequenos mólhos como se faz com os espargos e pôr para cozinhar em agua e sal fervendo. Quando estiverem cozidos, põe-se para escorrer bem a agua, podendo-se mesmo espremel-os um pouco para fazer sahir bem toda a agua; á parte faz-se um môlho com um copo de leite, meia colher de manteiga e uma colher de maizena; engrossa-se até o môlho ficar bem espesso, junta-se então 125 grs. de queijo Gruyere ralado, misturado com um pouco de parmezão. Cobrir com esse môlho os alhos poireaux, que foram postos dentro de um prato que possa ir ao forno, bem untado de manteiga; peneirar por cima um pouco de queijo ralado. Põe-se uns pedacinhos de manteiga e leva-se a tostar no forno.

EMPADA DE CAMARÕES COM PALMITO

Meio kilo de farinha de trigo pencirada, 250 grs. de banha de porco, tres ovos e uma colher de manteiga. Faz-se um monte com a farinha de trigo em cima da pedra marmore; no centro do monte abre-se um buraco onde se põe manteiga, gordura, ovos e sal. Mistura-se primeiro estes ultimos ingredientes e depois vai-se juntando a farinha aos poucos, não a amassando, mas sim espremendo-a até que fique bem ligada.

Estando prompta a massa, estende-se com um rolo de maneira que fique com um centimetro de espessura e forram-se as fôrmas da seguinte maneira. As fôrmas de empada grande não tem fundo, sendo preciso fazel-o com a propria massa, para o que se colloca a fôrma sobre um taboleiro, corta-se um pedaço de massa que dê para os lados e o fundo, toma-se nas mãos e faz-se entrar na fôrma ageitando o fundo e os lados com os dedos, para que a empada fique bem moldada e sem o menor furo. Deve-se ter o cuidado de dobrar as sobras de massa para cima das beiras da fôrma, afim de collar a tampa. Depois de enchida com o recheio, unta-se as beiras da massa com clara de ovo, colloca-se então a tampa, que deve ser um pedaço de massa estendida de maneira que fique mais fina do que a outra; ao collocar a tampa aperta-se esta com os dedos de encontro á beira da fôrma, de modo que fique bem fechada; em seguida junta-se a tampa com gemma de ovo e enfeita-se com tiras de massa, que tambem devem ser pintadas com gemmas.

Assa-se em forno quente.

RECHEIO DE CAMARÕES COM PALMITO

Cozem-se e descascam-se os camarões. Soca-se as cabeças, sem os olhos, com um pouco de farinha de trigo, junta-se um pouco d'agua e passa-se n'um coador. Refogam-se os camarões em manteiga, cebolas e tomates, juntando-se depois o caldo das cabeças, um pouco de leite e engrossando com farinha de trigo. Quando ferver, junta-se-lhes pedacinhos de palmito cozido.

Com esse recheio enche-se a empada.

PUDIM DE MAÇÃS

Descascar meio kilo de maçãs, partil-as em quatro para tirar o centro, pôl-as n'uma panella com o mesmo peso de assucar se forem acidas e com um pouco menos no caso de serem doces; juntar meio copo d'agua e uma fava de baunilha, e pôr a vasilha em fogo forte; logo que começar a ferver, pôr em fogo muito brando.

Quando as maçãs estiverem reduzidas a puré juntar duas colheres de rhum, pôr a massa dentro de uma fôrma lisa bem untada com manteiga e pôl-a para cozinhar em banho-maria durante uma hora. Tirar da fôrma só depois de frio e servir com um crême de baunilha em volta.

CREME DE BAUNILHA

Põe-se para ferver um copo de leite com um pouco de assucar e uma fava de baunilha, e mexe-se para engrossar o leite com uma colher de páu; logo que o leite estiver reduzido, junta-se então fóra do fogo duas gemmas e volta ao fogo, mas não deve ferver mais.

PENSAMENTO

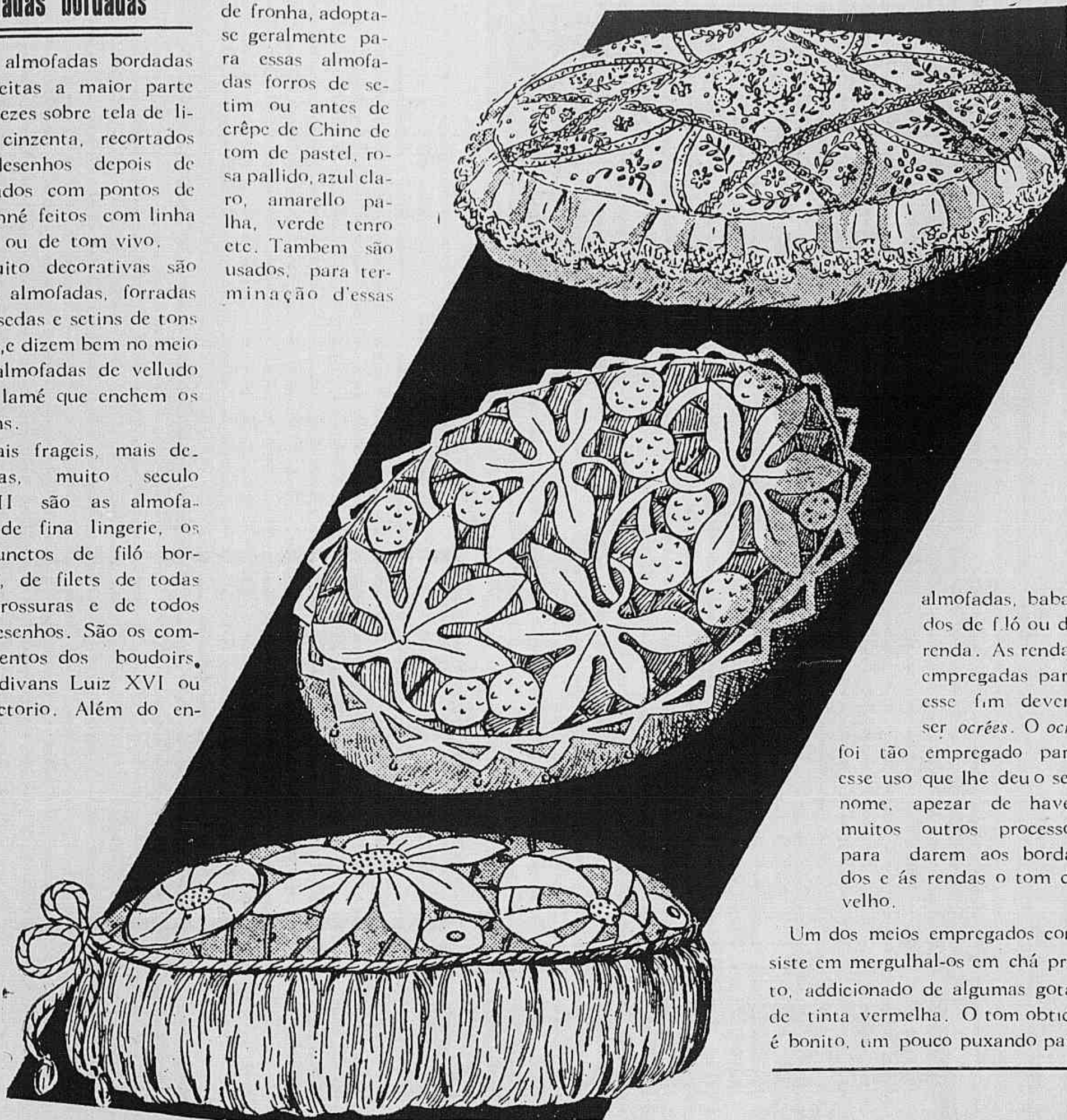
O coração é uma harpa eolia que o menor contacto faz vibrar, gemer e... soffrer!

MARIE ANDRÉE

Almofadas bordadas

As almofadas bordadas são feitas a maior parte das vezes sobre tela de linho cinzenta, recortados os desenhos depois de bordados com pontos de festonné feitos com linha *écrue* ou de tom vivo.

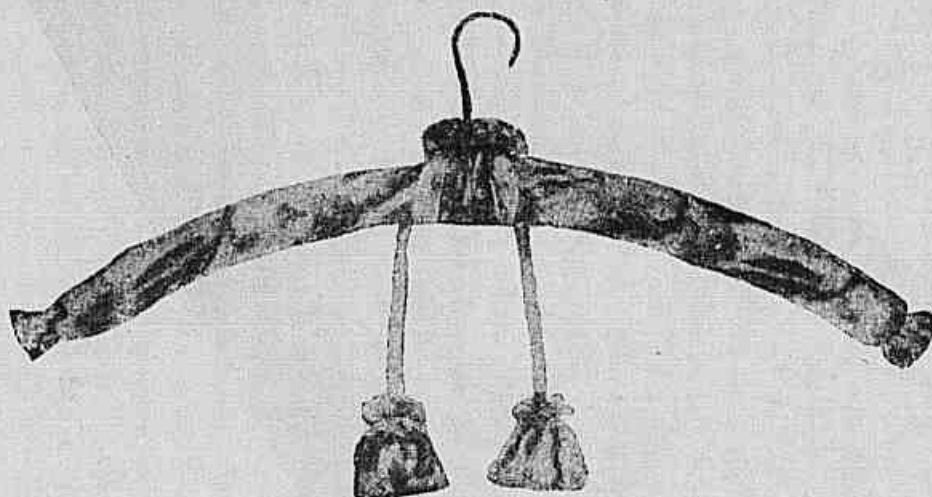
Muito decorativas são essas almofadas, forradas com sedas e setins de tons vivos, e dizem bem no meio das almofadas de velludo e de lamé que enchem os divans.

Mais frageis, mais delicadas, muito seculo XVIII são as almofadas de fina lingerie, os conjunctos de filó bordado, de filets de todas as grossuras e de todos os desenhos. São os complementos dos boudoirs, dos divans Luiz XVI ou Directorio. Além do envolucro em feitio de fronha, adopta-se geralmente para essas almofadas forros de setim ou antes de crêpe de Chine de tom de pastel, rosa pallido, azul claro, amarello palha, verde tenro etc. Tambem são usados, para terminação d'essas almofadas, babados de filó ou de renda. As rendas empregadas para esse fim devem ser *ocrées*. O *ocre* foi tão empregado para esse uso que lhe deu o seu nome, apezar de haver muitos outros processos para darem aos bordados e ás rendas o tom de velho.

Um dos meios empregados consiste em mergulhal-os em chá preto, addicionado de algumas gotas de tinta vermelha. O tom obtido é bonito, um pouco puxando para o avermelhado, e resiste a muitas lavagens. As decocções de tilia, as dissoluções do açafrão, do ocre dão todas as nuanças, indo do brando esverdeado ao amarello queimado. Tendo cada tecido um grão de absorpção differente, é preciso experimentar sempre n'um retalho da renda ou do bordado, para saber-se de antemão como será absorvida a tinta pelo tecido ou linha que o compõe. E' sempre bom pôr um pouco de gomma ou de gomma arabica para dar o aspecto de novo ao bordado depois de passado a ferro.

Nos modelos que damos a primeira é feita em filó branco com os bordados e as rendas valencienes que a guarnecem em tom *écrú*, o forro em crêpe de Chine azul

pastel. A segunda em linho cinzento bordado com linha branca brilhante; o fundo em setim verde brilhante. A terceira em panno beige bordado com sedas amarellas de diversos tons, forro de setim *vieil-or*.

De todo o desconhecido o sensato desconfia.

Cabide com sachets perfumados

Em geral os cabides dos armarios deformam os vestidos e os ganchos de ferro põem-lhes ferrugem. Pode evitar-se tudo isso e ainda com a vantagem de enfeitar o cabide. Acolchoa-se a madeira com tiras de panno e forra-se por cima com uma setineta de fantasia ou lisa. A ruche em volta do gancho impedirá que o vestido toque no ferro e depois dependuram-se dois saquinhos feitos com o mesmo tecido, nos quaes se põe os sachets para os perfumar.

Conselhos Praticos

BARRELA PARA A ROUPA

Para trinta litros d'agua um kilo de sabão de Marselha cortado em pedacinhos ,que se põe para derreter no fogo. Pode-se derreter o sabão n'uma vasilha pequena e misturar depois no resto da agua que deve estar fervendo. Junta-se então meia colher (das de sopa) de ammoniaco e uma colher de essencia de terebinthina. Mexe-se bem para que a mistura fique muito bem feita. Despeja-se simplesmente essa lixivia sobre a roupa suja, secca; mergulha-se esta na lixivia, mas de qualquer maneira; a roupa deve ficar completamente coberta com a agua de sabão. Põe-se uma tampa sobre a vasilha e deixa-se de môlho durante duas ou tres horas, conforme a roupa estiver mais ou menos suja.

Depois d'este tempo, esfrega-se a roupa com a mão ou com uma escova macia e enxagua-se em agua pura.

E' completamente inutil molhar a roupa antes de pôl-a na lixivia assim como tambem não é precisa ebulição.

Esse processo é esplendido para as casas que não possuem terreno para coradouro e tambem para lavar em tempo de chuva.

MANCHAS DE OLEO SOBRE OS VESTUARIOS DE BORRACHA

Os dissolventes que alteram a borracha devem ser absolutamente proscriptos na limpeza d'essas manchas.

Sómente os absorventes: kaolim, branco de Meudon são os indicados e empregados com successo.

LIMPEZA DOS OLEADOS

Os oleados não devem nunca ser lavados com agua quente, porque o calor faria rachar o verniz. Emprega-se uma esponja imbebida em agua fria, não devendo juntar-se em caso algum sabão nem potassa: sómente poderá pôr-se na agua um pouco de leite. Enxuga-se em seguida com um panno secco bem macio.

MANEIRA DE COSER OS VOILES E GAZES DE SEDA

Quando são cosidos á mão, deve-se escolher sedas e agulhas muito finas, devendo-se preferir as longas; coser levemente sem apertar muito o tecido entre as mãos. Se formos cosel-os na machina, é preciso pôr uma tira estreita de papel leve, do lado de coser, e que se cose ao mesmo tempo e se arranca depois que a costura está feita: não coser nunca com linha por mais fina que seja, sempre com seda fina em cima e em baixo, e sem apertar o ponto. Quando se cose á mão, nunca fazer pontos atrás, somente alinhavinho.

PARA CORTAR A GAZE OU O VOILE DE SEDA

Quando se quer cortar em linha recta, é preciso tirar o fio de uma ourela á outra, e acompanhar com a tesoura esse fio tirado. Em vez de bainha, que fica sempre pesada nas gazes, manda-se fazer ponto aberto para formar o picot, cortando-o ao meio.

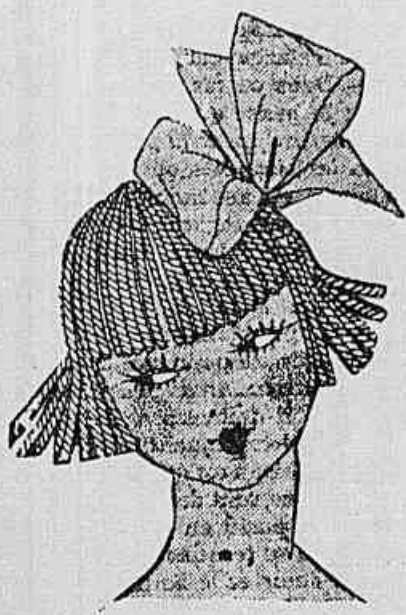
Se se mandar fazer pontos abertos e que se precisar de indical-os com um alinhavo, deve-se collocar esse alinhavo meio centimetro mais afastado do logar onde o ponto aberto tem de ser feito, para que o alinhavo não fique preso nos pontos da machina. Quando o ponto aberto está prompto é preciso estical-o bem sob o ferro bem quente.

UM NOME

Ha um nome escondido no fundo de minha alma que leio dia e noite e que mais ninguem lê. Como um annel perdido que a mão de uma mulher no abysmo dos mares deixou escorregar do dedo, no recanto do meu coração, que só para elle se entreabre, dorme sobre um manto de mysterio e de receios com que o meu amor o cobre, como depois de uma festa se fecham os escrinios das joias. Se m'o perguntares, minha bocca será sem resposta.

Mas como um talisman formado por uma palavra sagrada, quando sómente o echo da minha bocca o pronuncia, a noite abre-se então e na sombra um ente me apparece.

LAMARTINE.

Perrucas de seda, de ouro, de prata e de lã

As perrucas de côr estão mais que nunca em moda, para as fantasias e bailes de têtes. Mesmo para o theatro e bailes, algumas mais ousadas as usam. Com os cabellos cortados é tão difficil arranjar um penteado original para a noite!

Essas perrucas compradas são carissimas e, como essas coisas um pouco excentricas não podem ser usadas muitas vezes, todas as moças que são um pouco geitosas podem experimentar fazerem ellas mesmas a sua perruca.

Em primeiro logar é preciso fazer a touca em cassa ou mousseline bem ajustada na cabeça. Tomar a medida da cabeça passando a fita metrica justo onde acaba o cabello, na testa, atrás das orelhas e na nuca.

Depois de ter ajustado bem a touca na cabeça coser na beirada um extra-forte posto duplo enfiando depois um arame no extra-forte para que a touca se mantenha firme na cabeça.

O forro estando prompto, é preciso fazer uma bola de panno em que encaixe bem esse forro para penteal-o.

No caso que se queira fazer risca no penteado é preciso forrar a touca com crêpe de Chine côr de carne ou só no ponto marcado ou em toda ella.

Com a seda quando se quer aproveitar as meadas, sem cortal-as, vão se cosendo com pontos bem firmes na touca.

Para frizar a seda põe-se papelotes ou então enrola-se n'um páo redondo cobrindo depois com um panno humido e pondo a seccar ao ar quente.

O emprego do fio de metal para esse fim é um pouco mais difficil, mas com um pouco de paciencia póde obter-se lindas cabelleiras prateadas ou douradas. O fio de metal é enrolado muitas vezes em volta de um cartão de 2 a 3 centimetros de largo por 20 de comprimento e cose-se depois na touca com um fio forte (o fio especial que é usado para coser as luvas). Logo que estiverem cosidas todas as voltas de fio, retira-se a reguasinha de papelão e começa-se uma nova carreira que se colloca a um centimetro da carreira precedente e vae se arrumando assim até terminar a cabelleira. Em fio de aluminium ou em ouro velho a peruca fica muito interessante.

Mas em lã o trabalho é muito facilitado. Nos modelos que damos, temos um de boneca italiana muito engraçadinha.

A lã é enrolada em dois dedos de mão esquerda, e com a outra mão vae-se cosendo na touca. A lã não é cortada e n'um dos lados da cabeça cose-se um grande laço. A cabeça da boneca ficará completa, juntando-se as sobrancelhas e augmentando os olhos com um traço de preto assim como se riscarão grandes

cilios; nas faces com carmim se farão umas rodelas bem vivas e a bocca tambem é pintada em feitio de coração.

A boneca moderna tem a cabelleira de cabellos curtos empregando-se a seda, torçal amarello vivo ou côr de laranja ou uma lã torcida.

Preceitos de hygiene

MAGREZA E OBESIDADE

As duas desgraças da Natureza — magreza e obesidade — têm, em definitivo, a mesma origem. Ambas proveem de uma perturbação da nutrição geral. Causas profundas estão em jogo: é por esta razão que não basta ao magro comer para engordar nem ao gordo pôr-se em dieta para emmagrecer.

Ha primeiro uma questão de hereditariedade incontestavelmente.

Observam-se familias de obesos e familias de magros. Mas, na realidade, n'essas familias passam de geração em geração, não a obesidade ou a magreza, mas as taras que a produzem. N'um individuo normal, ha equilibrio entre as receitas e os gastos do organismo. Este equilibrio não existe nos obesos nem nos magros. De onde vem o desequilibrio? As glandulas endrocrinas têm n'isso papel preponderante. Uma glandula endocrina é uma glandula interna, occulta no fundo do organismo, que segrega os productos necessarios ás funcções vitaes. No caso de que nos occupamos, a glandula thyreoide é que deve ser a causa. E' a ella, provavelmente, que se deve a manutenção d'esse equilibrio nutritivo a que acabamos de nos referir, e ao seu máo funccionamento é devida a magreza ou a obesidade.

Tudo o que provoca uma má assimilação age igualmente. E' o caso dos grandes comilões que cansam o coração, o figado e que engordam porque eliminam de uma maneira deficiente.

E' tambem o caso d'aquelles que comem pouco, que diminuem por uma razão qualquer a sua ração alimentar e emmagrecem por insufficiencia de alimentos. Mas a alimentação não é a unica causa. Ha sempre outra coisa, e d'ahi resulta a difficuldade do tratamento e os seus resultados ás vezes tão desanimadores.

O erro commum das pessoas que se tratam da magreza ou da obesidade é tratarem-se pelos livros. Tomam n'um tratado medico um regimen e seguem-n'o. A questão é muito mais complexa.

Na realidade, não ha magreza, não ha obesidade: ha magros e obesos. Cada individuo tem as suas reacções differentes, que é preciso observar-se, e por essa razão o mesmo tratamento não pode servir igualmente para todos. Antes de começar uma cura racional, o magro ou o obeso deve se fazer examinar a fundo por um medico. Sómente após um exame perfeito é que poderá ser estabelecido um regimen logico. Um gordo joven, com um coração perfeito, não póde ser posto no mesmo plano que um obeso de quarenta annos com gordura já no coração; um magro dyspeptico não supportará um regimen superalimentar como um magro que tem um bom estomago; um insufficiente thyreoidiano deverá substituir por um producto opotherapico a deficiencia de sua glandula endocrina etc etc...

A cada caso corresponde uma therapeutica especial. A hygiene, as curas hydromineraes, o uso dos exercicios physicos comportam indicações que variam com cada individuo.

PENSAMENTOS

Recordar-se é ter o seu horizonte illimitado.

*

Quando se ama é o coração que julga.

*

Os perfumes escondidos e os amores secretos tráem-se.

JOUBERT.

CONSULTORIO DA MULHER

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paysandú 111, Rio de Janeiro

Mme. E. A. — Creio que ninguem deve praticar uma acção que se considere necessario occultar. Pode ter a certeza de que na vida que está, no caminho da justiça, são nobres e elevados os seus pensamentos. Onde ha fé não ha decepções. A' sua ultima consulta respondo: o meu sabonete *Sylkale* torna a pelle alva e delicada.

Mme. G. — Pergunta-me porque escolhi a terra de Theresopolis para a acção do meu livro "A Caminho da Felicidade"?

Passei um tempo na villa serrana. Em frente da minha janella, a natureza me offerecia um espectaculo majestoso. Ao pôr do sol, a grandiosa cadeia de montanhas erguia-se illuminada diante dos meus olhos encantados e parecia-me vêr no Dedo de Deus o signal da protecção celeste estendida sobre a humanidade.

Ariole — A causa da fraqueza das suas unhas deve ser proveniente de qualquer preparado que usa para polil-as. Com a massagem diaria dos dedos, com o *Crême de Massagem*, e o uso do *Brilho das Unhas*, que é ao mesmo tempo um tonico, rapidamente obterá unhas transparentes, rosadas e sem manchas.

Mme. Sá — Sempre senti piedade pelas creaturas que se preoccupam com o que se diz d'ellas. Tenha coragem e livre-se da baixa servidão da inconsciente opinião publica. Que Deus e a sua consciencia dirijam os seus actos. A' sua segunda pergunta respondo: pode tingir o seu cabello. O tom castanho claro fica muito perfeito. A minha *Tintura* não a impedirá de continuar lavando a cabeça quantas vezes queira.

Mme. Lyra (Porto Alegre) — Toda a mulher póde ter as suas mãos bem tratadas. Basta que dedique alguns minutos por dia ao tratamento das suas mãos. A massagem com *Crême de Massagem* é da maxima conveniencia. Para a fazer, unte com crême os dedos pollegar e indicador e exerça com elles uma pressão lateral de cada lado da unha. Depressa as pontas dos dedos adquirem uma configuração elegante.

A massagem continua-se das pontas das unhas para o pulso. Em seguida lave as mãos com sabonete *Sylkale*. Enxugando as mãos, a pellicula da base das unhas deve ser recalcada para baixo com a toalha.. Esta pratica evita cortar as pelles, pois quanto mais se cortam mais crescem. Posso enviar-lhe pelo correio o liquido *Brilho das Unhas*. Com o auxilio d'um pequeno pincel pintam-se as unhas, polindo-as em seguida com o polidor. Molham-se as mãos com a *Loção Adstringente* e depois de enxutas applica-se o *Pó de Arroz Hygienico*.

Mme. F. S. (Petropolis) — A minha opinião é absolutamente contraria ao uso do medicamento a que se refere na sua hygiene intima. Para corrigir a flacidez encontra um remedio efficaz no uso diario do *Feminol*.

Antonieta — O *Sylkale* é um sabonete neutro, de propriedades medicinaes, embora possua um aroma suave. Pode servir-se do *Sylkale* sem nenhum receio para o banho de sua filhinha. *Sylkale* não irrita a pelle.

Melindrosa — Ha mais de quinze annos que tantas Brasileiras usam o meu rouge *Poziomka* e penso que nunca o trocaram nem trocarão por outro rouge. *Poziomka* é um rouge liquido, inoffensivo, que tanto pode ser usado no rosto como nos labios. Sua fixidez é superior a todos os outros rouges. Resiste á transpiração e pode graduar-se á vontade.

Virginia — Só tenho um conselho a dar-lhe para fazer desapparecer a sua caspa. Lave semanalmente a cabeça com *Shampoo Pó* e friccione-a diariamente com o *Tonico n. 9*. Como fixador do cabello são reprovadas as pomadas. Com o uso do *Tonico n. 10* obtem alisar e fixar o seu cabello, sem recorrer á condemnada brilhantina ou a quaesquer preparados especiaes. Humedeça ligeiramente a escova com o *Tonico n. 10* e terá fixado o seu cabello.

Resnoyen — Só recorrendo á minha *Tintura Liquida*. Sou, porém, de opinião que não deve alterar a côr de seu cabello.

Esther — Use o *Feminol* na sua toilette intima.

SELDA POTOCKA.

Consultorio Medico

Leopoldo Costa (Paraná) — Mediante endereço certo enviarei todas as indicações necessarias.

Arthur C. Vieira (Porto-Alegre) — Parece-me tratar-se de hypertrophia da prostata. E' preciso exame das urinas (pesquiza da azotemia).

Tomar á noite um laxativo regular. Regime vegetariano no jantar. Para descongestionar: Uma lavagem fria, duas ou tres vezes por semana. A' noite usar um suppositorio. Uso externo:

Extracto de belladona, Extracto de meimendro, ãã 1 gr.; Manteiga de cacáo, 2 grs.

Para 1 suppositorio. Me. n. 6.

La Vallière (Rio) — Unir o pensamento á materia, dar sentimento ás palavras é em que consiste a arte do escriptor. Approximar a imagem do objecto, combinar as imagens sem confusão — é uma faculdade propriamente poetica. Um prolongamento de imagens felizes eis o que faz o poema... Confesso-lhe que assim comprehendo o lyrismo. Não confundir lyrismo com o emprego de adjectivos preciosos, palavras decorativas, sentimentos endomingados e pensamentos obscuros. Lyrismo é claridade e belleza!

Maria José (S. Paulo) — As injecções devem ser tomadas alternadamente, um dia de *Sôro lipotrophico Feminino*, outro dia de Fosfoplasmina.

As injecções de *Sôro lipotrophico Feminino* devem ser pedidas directamente a mim. São precisas quatro séries.

"Reverendo" (Santos) — Aconselho injecções de *Yo-pyronal*. Tomar ás refeições uma colher de café de Urolithico.

Mme. Odaléa (Franca, S. Paulo) — Enviei carta com as indicações necessarias. Aguardo as suas prezadas ordens.

D. F. (S. Paulo) — Acho que a maior summidade franceza em urologia é o professor F. Leguen. Entregue-se sem cuidado ao seu bisturi notavel.

Mme. Oliveira (Rio) — Contra as metrites hemorrhagicas, cujo causa é muitas vezes difficil de apprehender, aconselho o emprego do radio. Uma ou duas applicações de fracas dóses de radio no collo uterino ou simplesmente na vagina dão resultado satisfactorio. O perigo é de provocar uma menopausa definitiva. E' sempre preciso conhecer a idade da paciente.

Mimi (Porto-Alegre) — Acho que a insufficiencia respiratoria dos apices não indica sempre o inicio de uma tuberculose pulmonar. A insufficiencia respiratoria póde ser puramente funccional.

Contrariamente á insufficiencia respiratoria lesional, que é quasi sempre unilateral, a insufficiencia puramente funccional é bilateral, algumas vezes associada a uma insufficiencia respiratoria total.

Signaes: diminuição de amplitude dos apices; á apalpação, vibrações locaes normaes ou diminuidas, *jamais augmentadas*; não ha massicez franca á percussão; á escuta não se encontra nunca rudeza respiratoria, nem sôpro, nem ruidos adventicios e sim diminuição consideravel do murmurio vesicular com expiração prolongada, modificação podendo desapparecer ou se attenuar durante os dois ou tres movimentos respiratorios que seguem a tosse. A's vezes se observa alguns fracos estertores, provenientes da distensão de vesiculas normalmente cahidas.

A radioscopia mostra uma diminuição uniforme da transparencia dos apices e de sua expansão, não se tratando nunca de verdadeira opacidade.

A falta de febre é um signal negativo de grande importancia. A causa póde ser a obstrucção nasal. Como vê, o exame do medico deve ser minucioso e completo.

Candida Chaves (Curityba) — O tratamento obedece a tres principaes indicações: regime, exercicio e tratamento propriamente medicamentoso.

Alimentação moderada, pouca gordura, poucos feculentos, 100 a 200 grammas de pão por dia. Abster-se de vinho e cerveja. Evitar dôces e biscoitos. No lunch só tomar uma chicara de chá. Exercicio a pé (duas horas por dia). Int. de 15 em 15 dias um purgativo salino e, ás refeições, uma pillula da minha formula sob a base de *fucus vesiculosus*. Pela manhã um comprimido de Ext. secco de glandula thyreoide dosado a 10 centgrs. (Lab. de Biologia Clinica). Alguns autores recommendam a Iodothyrine Bayer.

DR. VEIGA LIMA.

P. S. — *Toda a correspondencia deve ser dirigida ao* DR. VEIGA LIMA — *Consultorio: — 5, Rua Uruguayana, 1.° andar. — Rio de Janeiro. — Tel. 5763 Central.*

Consultorio Odontologico

Miranda da Cunha Porto (Monte Alegre, E. do Rio) — Procure o seu dentista com urgencia.

Carlos Porfirio de Mello (Minas Geraes) — Prefira com tintura de iodo.

Fabricio Vinhaes (Alagoas) — Applicações de compressas com agua gelada na região inflammada.

Ernesto Bulhões (Sergipe)

Sabão de magnesia	10,0
Carbonato de calcio precipitado	9,0
Essencia de rosas	10 gottas
Essencia de hortelã	10 gottas
Essencia de alfazema	1,0
Carmim	Q. S. (off.)

Vicente Nunes (Minas Geraes) — Tintura de iodo e aconito — partes iguaes.

Para embrocações nas gengivas.

Alcyr Madeira (Pernambuco) — Deve usar diariamente durante 3 mezes.

Delmo Soares Maia (Pernambuco) — O limão dá excellente resultado.

Pureza Constancia da Costa (Minas Geraes) — Usar o chlorato de potassio. Uma gramma para cada copo com agua, para bochechos pela manhã e á noite.

Alice M. (S. Paulo) — Obturado ha muitos mezes?

Qual a substancia obturadora?

Obturação profunda ou superficial?

São necessarios esses dados.

Ferreira da Cunha Rodrigues (Minas Geraes) — Agua e bicarbonato de soda.

Nena (Paranaguá) — E' erosão do esmalte.

Embrocações de tintura de iodo 3 vezes por semana.

Lavar a bocca antes de deitar-se com leite de magnesia.

Sebastião Duarte Guimarães (Minas Geraes) — Não.

Renato da Costa Vianna (Rio Grande do Sul) — A pasta Kolinos, por exemplo.

Carlos Coimbra (S. Paulo)

Sabão de magnesia	10,0
Carbonato de calcio precipitado	9,0
Essencia de rosas	10 gottas
Essencia de hortelã	1 gotta
Essencia de alfazema	1 gram.
Carmim	Q. S.

Gonçalves da Silva (Minas Geraes):

Carbonato de calcio.)	ãã
Pó de iris)	48,0
Sabão branco)	ãã
Borax pulverisado)	12,0
Glycerina	Q. S.

ALEXANDRINO AGRA.

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião-dentista ALEXANDRINO AGRA, *á rua Rodrigo Silva, 28-1.° andar — Telephone 1838 Central. — Rio de Janeiro.*

APARAE AS UNHAS DE VOSSOS FILHOS!

Um dos principaes preceitos ditados pela hygiene domestica é o de cortar as unhas aos pequenos. Quando descuidadas tornam-se verdadeiros viveiros de germens e de ovos de vermes. Entre estes destacam-se os dos oxyuros que causam prejuizos sérios á saude de grande parte da nossa população infantil. Levando-se inadvertidamente a mão á bôcca, transportam-se os ovos dos oxyuros á via gastrica. Chegados aos intestinos amadurecem, dando origem aos vermes que, por sua vez, se multiplicam de uma maneira verdadeiramente impressionante, subtrahindo ao corpo sangue e outros elementos essenciaes. A pobre victima torna-se inquieta, de máo humor e sem vontade para tudo, tornando-se cada vez mais debil. Já que o mal existe, não ha motivo para desespero. O "Butolan" da afamada fabrica Bayer elimina os intrusos em oito dias, voltando ao doente a sua vivacidade anterior.

15 de Abril - 200:000$000 por 60$000. Jogam 13.000 bilhetes

BILHETES A' VENDA EM TODA A PARTE

Séde da Companhia: BELLO HORIZONTE — MINAS

DIRECTORIA ACTUAL:

Director-presidente, SR. BALDOMERO BARBARÁ
Director-gerente, SR. HORTENCIO LOPES
Director-secretario, SR. DR. VON SPERLING
Director-thesoureiro, SR. J. N. MACHADO COELHO